

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

O TRABALHO COM PESSOAS SURDAS NUMA CONGREGAÇÃO DE
OUVINTES

KLAUS ERNESTO KUCHENBECKER

MESTRADO EM TEOLOGIA
Área de Concentração: Teologia Prática

São Leopoldo, julho de 2006

O TRABALHO COM PESSOAS SURDAS NUMA CONGREGAÇÃO DE OUVINTES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

por

Klaus Ernesto Kuchenbecker

Em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
para obtenção de grau de
Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
São Leopoldo, RS, Brasil
Julho de 2006

B A N C A E X A M I N A D O R A

1º Examinador:

Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto (presidente)

2º Examinador:

Prof.^a Dr.^a Sissi Georg (EST - IEPG)

3º Examinador:

Prof.^a Dr.^a Madalena Klein (FEEVALE)

AGRADECIMENTOS

- Ao orientador, prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto, por toda ajuda, sábia orientação e paciência com que me conduziu ao longo deste trabalho;
- à Congregação Ev. Lut. São Paulo e sua diretoria pela compreensão e apoio;
- à Missão Surdos por tudo que é para mim, pelo que representa para este trabalho e pelo carinho que sempre demonstram ter para comigo;
- aos meus pais, irmãos, irmãs e familiares, por toda fora e incentivo;
- aos amigos e colegas de trabalho;
- a Deus, pelas muitas bênçãos e pelo seu amor por mim, em Cristo, o Salvador.

Dedico à minha esposa, Liège, por
todo carinho, amor e presença em
minha vida.

KUCHENBECKER, Klaus. *O trabalho com pessoas surdas numa congregação de ouvintes*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: IEPG, 2006.

SINOPSE

Esta dissertação trata do espaço da pessoa surda e de sua convivência com os ouvintes numa congregação cristã. A partir de um modelo de trabalho com surdos numa congregação cristã, levanto questões sobre a possibilidade do convívio entre surdos e ouvintes, o espaço de cada um e fatores práticos relevantes no atendimento aos surdos. A reflexão inicia com o primeiro capítulo que destaca aspectos históricos da deficiência. Apresento a pessoa do surdo, sua língua e sua cultura, história e comunidade. Ao final do capítulo, apresento o intérprete, como profissional da LIBRAS, sua ética e postura. No segundo capítulo, a ênfase é teológica. Reflito sobre as causas da deficiência, sua relação com o pecado original e com o castigo divino, focando a Teologia da Cruz de Lutero. Em seguida, trato do surdo no contexto bíblico e a atitude de Jesus para com a pessoa surda. E, termino o capítulo abordando a Igreja como corpo de Cristo e a sua diaconia com os surdos. No terceiro capítulo, levanto questões práticas referentes ao modelo da Missão Surdos, a partir do qual busco indicar ações viáveis, bem como apontar a possibilidade de mudanças neste trabalho. O resultado desta pesquisa indica a possibilidade de uma convivência digna e respeitosa entre surdos e ouvintes, bem como a importância dos surdos terem os seus momentos em separado.

KUCHENBECKER, Klaus. *O trabalho com pessoas surdas numa congregação de ouvintes*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: IEPG, 2006.

ABSTRACT

This work aims to discuss the space of the deaf person and his/her contact with hearing people at a christian congregation. From the model of a work with the deafs at a christian congregation, I come into questions about the possibility of contact between deaf and hearing people, the space of each other and the relevant aspects at the deaf's work. In first chapter I highlight historical aspects of the handicaps. Next, I present the deaf person and his/her culture. In the end of this chapter, I introduce the interpreter, his/her ethics and posture as a professional of LIBRAS. In the second chapter, the main issue is teology. Through a reflective thinking I analyze the motive of handicap and the relation with the original sin, the divine punishment, focusing on the Theology of the Cross of Luther. After that, I deal with the deaf on the biblical context and the attitude of Jesus with the deaf person. I end this chapter pointing out the Church as Christ's body and his diacony with the deafs. In the third chapter I analyze the work with deaf people and the implications in a hearing congregation. The results of this study indicate the possibility of a joint work with deaf and hearing people and also point out the importance of having separated moments.

ABREVIATURAS

CEDA - Centro Educacional para Deficientes Auditivos

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

NTLH - Nova Tradução da Linguagem de Hoje (versão da Bíblia)

ARA - Almeida Revista e Atualizada (versão da Bíblia)

Livros Bíblicos

Gn - Gênesis

Dt - Deuteronômio

Lv - Levítico

Sl - Salmos

1 Sm - Primeiro livro de Samuel

Is - Isaías

Mt - Mateus

Mc - Marcos

Jo - João

Rm - Romanos

Ef - Efésios

Jo - João

1 Co - Primeira carta aos Coríntios

2 Co - Segunda carta aos Coríntios

Cl - Colossenses

2 Tm - Segunda carta à Timóteo

1 Sm - Primeiro livro de Samuel

1 Jo - Primeira epístola de João

INDICE

INTRODUÇÃO	11
I - A PESSOA SURDA: DEFICIÊNCIA, HISTÓRIA, CULTURA E LÍNGUA.	15
1.0 - INTRODUÇÃO	15
2.0 - A PESSOA SURDA COMO PESSOA COM DEFICIÊNCIA	15
2.1 - Terminologia e preconceito	15
2.2 - A deficiência na história	18
2.3 - A pessoa da pessoa com deficiência	23
2.4 - A pessoa surda como pessoa com deficiência	24
3.0 - A PESSOA SURDA E SUA CULTURA	26
3.1 - Conceituação do surdo	29
3.2 - A barreira da comunicação	31
3.3 - Formação da cultura e comunidade surda	33
3.4 - A comunidade surda	33
3.5 - A luta até o reconhecimento	35
4.0 - AS PESSOAS SURDAS E SUA HISTÓRIA	36
4.1 - Aspectos históricos	36
4.2 - Antes da Língua de Sinais	37
5.0 - A LÍNGUA DE SINAIS	45
5.1 - Linguagem ou língua	45
5.2 - A Comunicação Total	47
5.3 - A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS	49
5.4 - O Intérprete de LIBRAS	51
5.4.1 - A legislação	51
5.4.2 - A formação do intérprete	55
5.4.3 - O Código de Ética	58
5.4.4 - Postura do intérprete	61
6.0 - CONCLUSÃO	62
II - IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS NO TRABALHO COM OS SURDOS	63
1.0 - INTRODUÇÃO	63
2.0 - A DEFICIÊNCIA DO PONTO DE VISTA TEOLÓGICO	63
2.1 - A pessoa com deficiência na Bíblia	64
2.2 - As causas	66
2.2.1 - Causas humanas	67
2.2.2 - Causas espirituais	68
2.3 - Deus, culpado pela deficiência?	68

2.3.1 - A existência de Deus	69
2.3.2 - Criação, Queda e Imagem de Deus	71
2.4 - Existe justificativa teológica para a deficiência?	74
2.5 - Teologia da glória e teologia da cruz	78
2.6 - O uso do termo surdo na Bíblia	80
2.7 - Compreendendo o texto de Êxodo 4.11-12	82
2.8 - Jesus e a relação com a pessoa com deficiência	84
2.8.1 - A cura de um cego	85
2.8.2 - A cura de um surdo-gago	88
2.9 - A dignidade do surdo	92
2.10 - O surdo como membro do corpo de Cristo	95
2.11 - Diaconia no trabalho com os surdos	101
3.0 - CONCLUSÃO	105

III - O TRABALHO COM OS SURDOS EM UMA CONGREGAÇÃO DE OUVINTES

OUVINTES	107
1.0 - INTRODUÇÃO	107
2.0 - O MEU INÍCIO	107
3.0 - O INÍCIO DO TRABALHO COM OS SURDOS NA IELB	108
4.0 - O QUE É A MISSÃO SURDOS	109
5.0 - A MISSÃO SURDOS NA CONGREGAÇÃO SÃO PAULO	110
6.0 - RECEBER O SURDO EXIGE RESPEITO, ACEITAÇÃO E AMOR	111
7.0 - SURDOS E OUVINTES - COMPARTILHANDO O MESMO ESPAÇO	113
7.1 - A língua de sinais no compartilhar do espaço	114
7.2 - Atitudes comunicativas no compartilhar do espaço ..	116
8.0 - O TRABALHO COM OS SURDOS ENQUANTO NÚMERO EXPRESSIVO	117
8.1 - Dois mundos, duas culturas	117
8.2 - Adequações no uso do espaço	118
8.3 - Adequações no culto	120
8.3.1 - Ficar sentado	120
8.3.2 - A liturgia	120
8.4 - A música	121
8.5 - Teatro	122
8.6 - O surdo na tradução	123
9.0 - ENVOLVIMENTO DOS OUVINTES	123
9.1 - O envolvimento é diaconia	125
9.2 - O suporte dos ouvintes	127
10.0 - A LIBRAS SALVANDO VIDAS	128
11.0 - O INTÉRPRETE E O PASTOR	132
12.0 - SEGUINDO O EXEMPLO DE JESUS	134
13.0 - Um CAMINHO PARA O TRABALHO COM OS SURDOS	136
13.1 - O grupo dos surdos - uma mini-congregação	136
13.2 - Atividades em separado - entre os iguais	137
13.2.1 - Reunião de jovens	140
13.2.2 - Passeios e retiros	140
13.2.3 - O ensino confirmatório	141
13.2.4 - Esportes	141
14.0 - O CULTO EM LIBRAS	142
15.0 - CONCLUSÃO	145
CONCLUSÃO	147
BIBLIOGRAFIA	151
ANEXO	158

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por tema a pessoa surda no convívio entre pessoas ouvintes numa congregação cristã.

O assunto emergiu das inquietações práticas no trabalho com os surdos desenvolvido na Congregação Evangélica Luterana São Paulo, de Porto Alegre, filiada a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), presentes no dia-a-dia da congregação, especialmente nos momentos conjuntos de surdos e ouvintes.

A atividade com os surdos é um fascínio pessoal por mais de quinze anos. A partir da experiência prática com os surdos, tanto a nível escolar quanto congregacional, muitas questões foram levantadas sobre a atividade com os surdos pela Igreja.

Atualmente, entre a sociedade secular, os surdos estão cada vez mais unidos enquanto comunidade em associações, agremiações e entidades próprias. Existem atividades sociais e esportivas voltadas somente aos surdos e organizadas por eles mesmos.

Tal realidade já é por si só uma grande alegria, especialmente aos surdos, visto que aspectos históricos mostram atitudes de discriminação, de desvalorização, de preconceito e de falta de dignidade e respeito aos surdos.

Diante dos desafios da convivência entre surdos e ouvintes numa mesma congregação cristã e de suas implicações práticas, iniciei o presente trabalho pressupondo que a forma mais acertada para o trabalho com os surdos seria recebê-los em separado, oportunizando o seu convívio na congregação enquanto iguais.

Tendo por base a hipótese formulada, organizei a pesquisa em torno das seguintes questões:

- qual a comunicação utilizada pelos surdos e sua relevância no relacionamento com os ouvintes?

- qual a melhor maneira de uma congregação ouvinte trabalhar com os surdos?

- em que o espaço e atividades próprias com os surdos favorece ou desfavorece o convívio entre surdos e ouvintes?

- por que uma congregação deveria se preocupar com o trabalho com os surdos?

Diante disto, voltei-me para o levantamento e pesquisa bibliográfica e análise prática a partir da experiência pessoal no trabalho com os surdos. A vida junto aos surdos, a troca de idéias, suas opiniões e preferências, em muito se faz refletir neste trabalho.

No levantamento bibliográfico, deparei-me com a escassez de obras e autores que tratassem do tema específico: a convivência numa congregação cristã. No entanto, esta dificuldade foi menor no que se refere à vida dos surdos, sua história, cultura e comunidade.

Quanto ao trabalho da Igreja com os surdos, a obra "*Moses, My Servant, Is Dead*" and *That Leaves You and Me*, de vários autores, bem como o livro de DeAnn Sampley: *A guide to Deaf Ministry* foram relevantes para a pesquisa.

Na pesquisa sobre aspectos históricos do surdo, sua cultura e comunidade, bem como da deficiência, destaco as obras como: *A Surdez, um olhar sobre as diferenças*, organizado por Carlos Skliar; *Vendo vozes*, de Oliver Sacks; *Epopéia Ignorada*, de Otto Marques da Silva e *Deaf in América*, de Carol Padden e Tom Humphries.

Quanto à pesquisa teológica, o livro de Walther Von Loewenich: *A teologia da cruz* e *Deixa Deus ser Deus*, de Philip S. Watson, foram relevantes para a exposição do tema.

A pesquisa volta-se para a Teologia Prática que nos dizeres de Lothar Carlos Hoch ajuda para que "o mundo e a própria Igreja acertem o passo com Deus"¹. Neste sentido, o presente trabalho busca auxiliar a compreensão e a necessidade do trabalho da Igreja com os surdos, uma vez que a Igreja pode ser instrumento transformador na sociedade. Isto se faz relevante, pois em Deus está o exemplo de cuidado e amor para com os surdos, visto que tanto a Igreja quanto a sociedade mostraram descuido social e cultural com o surdo.

A Igreja pode oferecer uma prática que busque favorecer tanto aos surdos quanto aos ouvintes em seu convívio. A partir do que Deus quer, ela pode se voltar aos surdos diante de suas necessidades para, então, recebê-los de forma digna e respeitosa sem esquecer ou desmerecer a sua presença e caminhada neste mundo.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo, apresentar-se-á aspectos históricos da deficiência e sua conceituação, bem como uma reflexão sobre a pessoa com deficiência, desvalorização e respeito em meio à sociedade dita "normal".

Num segundo passo, focar-se-á a história do surdo, a existência de uma cultura e comunidade surda. Diante da

¹ Lothar Carlos HOCH, apud Rodolfo Gaede Neto, *A diaconia de Jesus*, p. 36.

questão: língua ou linguagem, o trabalho tratará da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, que marca uma grande conquista da comunidade surda. Em seguida, é apresentado o profissional intérprete, sua postura e seu código de ética.

No segundo capítulo, o enfoque será a fundamentação teológica, refletindo sobre a existência da deficiência, sua relação com o pecado original e a punição divina. O conhecimento geral e particular de Deus, e a teologia da cruz são essenciais para a compreensão da ação e vontade de Deus.

E, então, contemplar-se-á Jesus como exemplo no lidar com os surdos, sua atitude e sua forma de lidar, enfocando dois exemplos bíblicos: a cura de um cego de nascença e a cura de um surdo-mudo. A partir destes, levantar-se-á o enfoque diaconal do trabalho com os surdos pela Igreja.

No terceiro capítulo, uma vez tratadas as questões tanto sociais quanto teológicas sobre a pessoa surda, a abordagem será prática. A partir do modelo de um trabalho com os surdos, a Missão Surdos, buscar-se-á apontar caminhos possíveis para o trabalho com surdos numa congregação cristã de ouvintes, respondendo a pergunta: É possível o trabalho com os surdos numa congregação de ouvintes? O que fazer? Unir ou separar?

I - A PESSOA SURDA: DEFICIÊNCIA, HISTÓRIA, CULTURA E LÍNGUA

1.0 - INTRODUÇÃO

A surdez está listada entre as deficiências físico-sensitivas. Por isso, no que segue, abordo a deficiência e sua conceituação, bem como a pessoa com deficiência. O que irá ser exposto sobre a deficiência, em muito se refere ao surdo enquanto pessoa com deficiência.

Num momento seguinte, trato sobre a pessoa surda, aspectos de sua história, de sua cultura e de sua comunidade, uma vez que tal é reconhecida em nossos dias.

Ao final do capítulo, apresento a conquista obtida pelos surdos do Brasil, a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, bem como a formação do profissional da Libras, seu código de ética e postura exigida.

2.0 - A PESSOA SURDA COMO PESSOA COM DEFICIÊNCIA

2.1 - Terminologia e preconceito

Penso que nunca se discutiu tanto quanto em nossos dias, sobre o que é deficiência, sua origem e causa, especialmente, discernindo sobre a deficiência e a pessoa com deficiência.

Lembro de um quadro que trazia escrito com letras grandes a palavra: DEFICIÊNCIA. Sobre a letra "D", um grande "X"

vermelho, sugerindo a leitura: EFICIÊNCIA. Buscava, com isso, resgatar a pessoa da pessoa com deficiência, sempre esquecida ou discriminada. O termo *deficiência* era empregado com preconceito e depreciação. A pessoa com deficiência era vista como inválida, incapaz, não eficiente. A pessoa por detrás da deficiência era ignorada, riscada. Por causa da deficiência, os direitos, enquanto cidadã, eram negados à pessoa, e, em muitos casos, até mesmo o direito à vida.

Falar sobre deficiência é algo muito vasto. Por isso, numa perspectiva social e política, discorro sobre como a sociedade lidava com a deficiência física, mental ou sensorial. E como a deficiência era vista em sua diferença².

Era comum ouvir pessoas dizendo que a pessoa com deficiência não era normal. Cresci ouvindo frases como: "Ela tem um problema", ou então, "Ela sofre de uma doença", ou ainda, "Ela tem um defeito". "Normal" era aquele que se encaixava nos padrões existentes e traçados por uma sociedade dominante ou majoritária. Assim, o "não normal" não era aceito.

Lulkin escreve: "Os dispositivos utilizados para falar do outro - neste caso, os surdos - criam uma imagem feita pelas pessoas 'normais' - neste caso, ouvintes - que são as que definem o que é normalidade"³ e, citando Larrosa e Peres de Lara, acrescenta: "para classificar e excluir pessoas que não são como nós, e para enquadrá-las em aparatos pedagógicos, assistenciais ou terapêuticos".

As pessoas "normais" rotulam aquelas que apresentam alguma deficiência. Num grupo social ou cultural com padrões para o "normal", a deficiência é motivo de risadas, deboche,

² Quanto ao conceito de diferença, sugiro leitura do livro *A Surdez: um olhar sobre as diferenças* de organização, de Carlos Skliar. Opondo-se ao seu uso como um termo a mais, como "deficiência" ou "diversidade", o autor ressalta que "A diferença, como significação política, é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistência às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante".

³ Sergio Andrés LULKIN, *O silêncio disciplinado*, p. 18.

gozações, chacotas, resultando em atitudes discriminatórias e preconceituosas. A pessoa com deficiência, pela sua aparência e aparente limitação, era vista como um "ser diferente" dos demais. Todas as "deficiências" dos "normais" são esquecidas.

Assim, destaco Veiga-Neto que escreve:

Como sabemos, frente aos incômodos que palavras como *normal* e *anormalidade* podem nos causar, são possíveis algumas alternativas. Uma delas consiste na pura e simples negação abstrata dos anormais (no plano epistemológico), da qual resultam as práticas de exclusão mais explícitas e radicais (no plano material).⁴

Muller, citando algumas definições como "aleijado", "inválido", "incapaz", diz que são terminologias que cunharam definições. Acrescenta que "é impossível nomear estas pessoas sem as estar definindo. Mas como defini-las? Nomeá-las pode encobrir o fenômeno real de possuir uma deficiência. Por outro lado, nomeá-las pode selar seu destino para sempre"⁵.

Pensando nos surdos, seria possível imaginar quantas vidas tiveram os seus destinos selados? Quantas vidas foram desprezadas, julgadas pela sua "deficiência"? Quantas pessoas capazes e eficientes foram impedidas de se mostrarem como tal, por serem vistas como "deficientes"?

"Deficientes", assim eram classificadas as pessoas com deficiência. A deficiência física, mental ou sensorial, tem sobre si o estigma de "deficiente".

O uso do termo "deficiente" acarreta um prejulgamento. Desperta a idéia dos que são eficientes e perfeitos em oposição aos que são deficientes e imperfeitos, como se o fato de alguém ter ou apresentar uma deficiência o coloca num nível inferior, num grupo de incapazes, o limita a ponto de ser julgado como não eficiente.

⁴ Alfredo VEIGA-NETO, *Incluir para excluir*, p. 107.

⁵ Iára MÜLLER, *Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência*, p. 14.

2.2 - A deficiência na história

A deficiência sempre existiu. Ela não está presente somente em nossa época. A Bíblia, sendo o livro mais antigo, traz referências à pessoa com deficiência. Assim, também, é antiga a predominante atitude de desprezo para com a pessoa com deficiência. Passo a apresentar alguns dados históricos.

Iára Muller, escrevendo sobre aspectos históricos da deficiência diz:

A grosso modo é possível mapear a história da deficiência na história da humanidade, seguindo o seguinte percurso: do extermínio à integração, passando entre estas duas fases pelas fases da exposição e em seguida do gueto ou confinamento em instituições.⁶

A luta pela sobrevivência impunha dificuldades às pessoas com deficiência. Diante de limitações físicas, mentais ou sensoriais, ficavam a mercê de outros para se alimentar. Esta "dependência" os fazia serem vistos como incapazes e inaptos para a vida. Diante deste fato, muitos povos, os eliminavam.

Porém, mesmo assim, alguns os mantinham no seu meio. Isto revela que as pessoas com deficiência tinham algum valor no grupo. Otto Marques da Silva enumera alguns povos primitivos que adotaram atitudes de apoio, assimilação, aceitação e tolerância para com as pessoas com deficiência. Cito algumas. Ashanti: de Gana, oeste da África, enviavam "à corte crianças com defeitos para serem treinadas como arautos do rei"⁷. Pés Negros: América do Norte, cuidavam bem de familiares com deficiência. Semang: Malásia, "só pessoas que se movem com o auxílio de um bastão ou de uma muleta, devido a um defeito físico ou à cegueira, é que são procuradas para conselhos ou para decidir disputas"⁸.

Müller cita que foram encontrados desenhos em cavernas, apontando mãos com falta de dedos, homens deformados,

⁶ Iára MÜLLER, *Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência*, p. 20.

⁷ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 40.

⁸ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 41.

corcundas, coxos e amputados. Também ossos de pessoas com deficiência foram encontrados entre outros. Isto denota uma certa integração das pessoas com deficiência nos grupos em que viviam. Porém, ao mesmo tempo, diz que "provavelmente crianças nascidas com deficiências visíveis ou aparentando fraqueza extrema eram eliminadas"⁹, isto porque não conseguiriam cuidar de si mesmas nem obter o seu sustento.

Iara também lembra que os gregos tinham leis que previam assistência às pessoas com deficiência, em contra-ponto às leis romanas que negavam qualquer direito à vida de alguém que nascesse com alguma anomalia¹⁰. Fica evidente que o extermínio não era generalizado. Silva escreve:

Muitos (...) consideram inevitável generalizar a aplicação de procedimentos adotados por muitos séculos e defendidos até em uma lei básica de Roma ou em costumes adotados em Esparta, que determinavam a eliminação de crianças nascidas com deficiências físicas. No entanto, esses procedimentos não foram e nunca poderiam ter sido generalizados ou generalizáveis.¹¹

Não era geral, mas acontecia. A eliminação de crianças nascidas com alguma deficiência era prática comum entre povos antigos. Gaede Neto, escreve, baseado em Hans-Ruedi Weber, que por volta do ano 100 a.C "em Esparta o enfeitamento de crianças, principalmente do sexo feminino, aleijadas ou doentias era prática considerada normal"¹². E, citando o mesmo autor, escreve:

Se era mal-nascida e deformada, enviavam-na a um lugar chamado de Apôtetas, uma espécie de precipício (...), convencidos que uma vida que a natureza não tinha bem dotado desde o primeiro instante, com saúde e vigor, nada valia nem para si nem para o estado.¹³

Müller, cita que os Romanos com seu Direito, "negaram qualquer direito à vida de alguém que nascesse com alguma anomalia. O pai deveria matar imediatamente a criança. Mesmo

⁹ Iára MÜLLER, *Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência*, p. 21.

¹⁰ Iára MÜLLER, *Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência*, p. 23.

¹¹ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 39.

¹² Rodolfo Gaede Neto, *A diaconia de Jesus*, p. 139.

¹³ Rodolfo Gaede Neto, *A diaconia de Jesus*, p. 139.

com esta lei, o infanticídio não foi praticado por todos"¹⁴. Otto Marques da Silva, sobre a atitude de eliminação por parte do pai, escreve: "desde que antes de o fazer tivesse mostrado o recém-nascido a cinco vizinhos, para que fosse de certa forma certificada a existência da anomalia"¹⁵. As crianças que eventualmente conseguiam crescer, auxiliados por alguma família, ao chegarem à idade adulta eram auxiliados por esmolas, o que era comum entre os romanos, pois um sentimento de culpa lhes "atormentava".

A eliminação, especialmente de crianças com deficiência, também é apontada por Vera Beatriz Walber quando escreve que por volta do ano 280 da Era Crista, em Roma, ocorreram sacrifícios especiais a Plutão, o deus das profundezas do inferno, pelo fato de nascerem muitas crianças deficientes¹⁶. Isto para que Plutão eliminasse o problema que os afligia.

É possível observar que o extermínio das pessoas com deficiência, muitas vezes era fruto de alguma crença do grupo, tanto para buscar purificação como para preservação do grupo. Silva diz que "Os índios da tribo Sálvia, da selva amazônica, 'davam a morte' aos diferentes, por acreditarem que estes estavam tomados por espíritos malignos"¹⁷.

Com a ascensão do Cristianismo, conforme Walber, podemos observar atitudes de maior consideração e de respeito ao direito à vida, pois os cristãos passaram a lutar e defender tais direitos. Podemos observar isto não somente com relação às pessoas com deficiência, mas também com relação às mulheres, crianças e os "diferentes". Tais, "passaram a ser considerados 'filhos de Deus' e donos de uma alma e, conseqüentemente como humano"¹⁸.

¹⁴ Iára MÜLLER, Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência, p. 23.

¹⁵ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 128.

¹⁶ Vera Beatriz WALBER, *A deficiência na história*, p. 6.

¹⁷ Otto Marques da SILVA *A Epopéia Ignorada*, p. 45.

¹⁸ Vera Beatriz WALBER, *A deficiência na história*, p. 6.

Apesar disto, infelizmente, não se pode dizer que na Era Cristã, na época da Idade Média e do Renascimento, não aconteceram atrocidades contra a pessoa com deficiência.

Vera Beatriz Walber, faz um rápido apanhado histórico. Cita que os leprosos eram afastados do convívio e da vista dos habitantes da cidade; que na cultura Azteca, pessoas com deficiência eram colocadas à vista de todos para visitaçã, como se fosse um zoológico; já na Inquisição, pessoas com deficiência, destacando a deficiência mental, eram levadas à fogueira juntamente com "feiticeiras, adivinhos, criaturas bizarras ou de hábitos estranhos"¹⁹ por serem julgadas como espíritos malignos ou loucas.

O que justificaria tais atitudes? Walber escreve: "até o século XVI, crianças com deficiência mental grave não eram vistas como seres humanos"²⁰. Assim também é possível entender, mesmo que não se dê razão, o que Lulkin escreve sobre a atitude das famílias nobres, da aristocracia, no século XVI que

Seguindo uma tradição da nobreza, os filhos 'defeituosos' deveriam ser retirados da visão pública pela vergonha que causavam às famílias: a imperfeição era uma prova do castigo de Deus infligido aos pais pelos pecados ou depravações.²¹

A "matança" de crianças e pessoas com deficiência vai desaparecendo com o avanço das culturas e da história. Mudanças de atitude com relação às pessoas com deficiência, podem ser percebidas a partir do século XVI. Walber cita que os médicos Paracelso e Jerônimo Cardano "foram os primeiros a reagir contra a idéia de que a deficiência era ligada ao demônio"²². Passaram a ver a deficiência como algo clínico, inclusive a lepra, que passou a ser tratada.

¹⁹ CESSIM, apud Vera Beatriz Walber, *A deficiência na história*, p. 7.

²⁰ Vera Beatriz WALBER, *A deficiência na história*, p. 7.

²¹ Sergio Andrés LULKIN, *O silêncio disciplinado*, p. 47.

²² Vera Beatriz WALBER, *A deficiência na história*, p. 8.

Um grande passo na aceitação das pessoas com deficiência ocorreu no século XIX onde "se passou a defender que o melhor era criar organizações separadas onde as pessoas com deficiências pudessem receber melhor atendimento e com menos gastos"²³. Mesmo como segregação institucional, isto contribuiu em muito para os avanços que a humanidade teria no futuro.

Em 1857, emerge o Tratado das Degenerescências de Morel. Esta teoria, "segundo Pessotti, vem da doutrina do pecado original e substitui a condenação divina do deficiente mental pela condenação da natureza"²⁴. Tal teoria produz medo, rejeição e agrava a segregação com relação às pessoas com deficiência, pois defende que tais pessoas estão naturalmente predispostas ao crime, por isso são uma ameaça às demais pessoas.

Instituições como escolas especiais, centros de reabilitação, associações e também clubes especiais, passaram a surgir em diferentes países.

No Brasil, uma atenção especial aos surdos também foi dada ainda no final do século XIX. Klein destaca que a "primeira política pública para os surdos em nosso país pode ser considerada a Decisão Imperial de 26 de setembro de 1857"²⁵ em que o governo de D. Pedro II concede pela primeira vez verbas para manutenção do Instituto Nacional de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro. O Instituto foi fundado por Eduard-Huet em 1857, um professor surdo francês que veio ao Brasil com o objetivo de aqui iniciar a educação voltada aos surdos.

No entanto, com uma visão assistencialista que perpetuava a visão clínica ou a normalização das pessoas com deficiência, o assistencialismo é alvo de questionamento. Difunde-se, por

²³ Vera Beatriz WALBER, *A deficiência na história*, p. 8.

²⁴ Vera Beatriz WALBER, *A deficiência na história*, p. 8.

²⁵ Madalena KLEIN, *Cultura surda e Inclusão no Mercado de Trabalho*, p. 90.

volta de 1980, o conceito de sociedade inclusiva²⁶, objetivando aceitação e inserção da pessoa com deficiência na sociedade.

2.3 - A pessoa da pessoa com deficiência

A pessoa da pessoa com deficiência sofria. Por detrás da deficiência, uma pessoa capaz, apta, inteligente; um ser humano digno de respeito com direito à vida; porém, rejeitada pela sua condição física, mental ou sensorial. A deficiência assustava, causava estranhamento, desprezo e prejulgamento. Era a pessoa da pessoa ocultada pela deficiência que sofria.

Faltava, à pessoa com deficiência, dignidade e respeito. Buscava-se uma "normalização", ou seja, que a pessoa com deficiência se tornasse como uma pessoa "normal". Veiga-Neto, valendo-se do filósofo Michel Foucault diz:

Para Foucault, esse polimórfico grupo ao qual hoje denominamos os *anormais* formou-se "a partir de três elementos, cuja constituição não foi exatamente sincrônica (FOUCAULT, 1997, p.61): *os monstros humanos, o indivíduo a corrigir e o onanista*. É claro que todos esses três "tipos" já existiam desde tempos muito remotos; a novidade que se afirma, desde início do século XIX, é tanto o agrupamento deles numa categoria mais ampla quanto vê-los muito menos como um objeto de curiosidade e muito mais como um problema.²⁷

A visão de que algo deveria ser corrigido e a de que o anormal é um problema, se faz nítida na citação acima.

A inconformidade com a deficiência levou pessoas a buscarem soluções que se caracterizaram como corretivas e impositivas. Em 1741, Nicholas Andry, adotou um neologismo para identificar a "mais antiga das especialidades médicas: 'Ortopedia' (...) Segundo o próprio Andry, tratava-se de uma nova 'arte de prevenir e de melhorar nas crianças as deformidades do corpo'"²⁸.

²⁶ Vera Beatriz WALBER, *A deficiência na história*, p. 9.

²⁷ Alfredo VEIGA-NETO, *Incluir para excluir*, p. 114.

²⁸ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 253.

Vem de Andry²⁹ uma gravura interessante. A ortopedia fora usada como corretivo também aos infratores, marginalizados, doentes e deficientes. Utilizando-se de recursos médicos, se buscava corrigir as pessoas; e, por que não dizer "tornar normal" alguém que se diferenciava por atitude ou estado físico? No caso dos surdos, percebe-se uma atitude terapêutica após o Congresso de Milão, por conta da imposição da oralidade e de suas técnicas.

2.4 - A pessoa surda como pessoa com deficiência

Como eram chamadas as pessoas que não podiam ouvir? Talvez de bobas, de idiotas, de mudas, surdinhas, dementes, e tantos outros adjetivos. No entanto, isto apresenta a falta de conhecimento da surdez e do que ela acarreta.

A falta da audição pode gerar solidão, alienação, isolamento e afastamento. Grande parte da informação não vem pela audição, mas pelos olhos, tato, cheiro. O surdo pode ter um olhar mais apreensivo, fixo, curioso. Porém, não é bobo nem demente. Sua falta de audição acarreta em problemas de comunicação, de informação e de envolvimento com os demais.

Kilpp diz que sobre os "surdos-mudos" não se têm tantas informações³⁰. Talvez, por serem confundidos com outras deficiências, mental principalmente.

O surdo não tem a fala, em padrões claros de comunicação, conseqüentemente era visto como alguém sem linguagem. Sacks, falando sobre a língua e sua compreensão diz:

ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações.³¹

²⁹ Sugiro ver a gravura no livro de FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. Anexo 30, p.33. Andry traz a figura de uma haste ereta, na qual está amarrada uma árvore com um caule sinuoso. Esta gravura pode nos remeter à idéia de como os surdos, sofrendo, deveriam aprender a "ser ouvintes".

³⁰ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 41.

³¹ Oliver SACKS, *Vendo vozes*, p. 22.

Continuando, Sacks diz:

Foi por esse motivo que os natissurdos, ou, em inglês, 'deaf and dumb', foram julgados 'estúpidos' por milhares de anos e considerados 'incapazes' pela lei ignorante - incapazes para herdar bens, contrair matrimônio, receber instrução, ter um trabalho adequadamente estimulante - e que lhes foram negados direitos humanos fundamentais.³²

Conforme o Código de Leis do Imperador Justiniano (século VI d.C), existiam cinco categorias que classificavam os surdos-mudos em: surdo-mudez natural, surdo-mudez adquirida, surdez natural, surdez adquirida e mudez natural ou adquirida. Cada caso teria um trato diferente. Lulkin aponta que

o código romano previa que, se o surdo-mudez fosse 'natural' desde o nascimento, o surdo seria privado de todos os seus direitos: sem direito à herança, ao casamento, assinatura legal de documentos ou testemunhas. (...) surdo mudez fosse adquirida após o nascimento, o surdo que aprendesse a escrever poderia tomar decisões sobre sua vida e seus compromissos de forma escrita.³³

Na cultura grega, a fala e o pensamento recebiam destaque e valor. Quem não apresentava essa aptidão, era considerado inferior. A pessoa que não falava era vista como primitiva, animalizada e irracional³⁴. Sacks aponta para a importância que a Igreja dava à fala, ao som, chegando a dizer que a Bíblia, em Jo 1.1: "No princípio, era o Verbo" era exemplo de preconceito, pois ressalta a única forma de relação do homem com Deus, a fala³⁵.

No século XVI, a compreensão das idéias se dava pelo ouvir das mesmas. O discurso era predominante. Diante deste cenário, Juan Pablo Bonet deu os primeiros passos em direção à compreensão dos surdos, conforme se verá mais à frente.

Já no século XVIII, a atenção que o abade l'Epée deu às jovens surdas foi uma atitude revolucionária. A Igreja considerava o surdo incapaz de se confessar, chegando a caracterizá-lo como alguém sem alma. Aos poucos, esta

³² Oliver SACKS, *Vendo vozes*, p. 23.

³³ Sergio Andrés LULKIN, *O silêncio disciplinado*, p. 48.

³⁴ Sergio Andrés LULKIN, *O silêncio disciplinado*, p. 49.

³⁵ Oliver SACKS, *Vendo vozes*, p. 28.

concepção foi mudando e surge a preocupação sobre a sua falta de confissão e de fala. Sem linguagem, a conversão e a confissão eram consideradas impossíveis. A vocação do abade ajudou em muito, pois "não podia tolerar a idéia de as almas dos surdos-mudos viverem e morrerem sem ser ouvidas em confissão"³⁶. Então, a história do surdo passou a mudar e a pessoa do surdo passou a ter importância e valor.

3.0 - A PESSOA SURDA E SUA CULTURA

Existe a cultura surda? Os estudos atuais, realizados também por surdos, podem apontar que existe a cultura surda.

O que é "cultura surda"? Thompson traz a citação de R. Williams, que diz: "uma cultura não é apenas um corpo de trabalho imaginativo e intelectual, mas é também e essencialmente todo um modo de vida"³⁷.

Padden e Humphries³⁸ que, influenciados por teóricos como Clifford Geertz, o citam quando afirma que "a condição especial dos seres humanos é que seus comportamentos são guiados verdadeiramente dependentes pela presença de arranjos significativos de símbolos, o que ele chama de 'cultura'"³⁹. Para Geertz, cada cultura prescreve "um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções (...) para a administração do comportamento"⁴⁰.

Exemplificando esta questão, Padden e Humphries relatam a experiência da infância de Sam. Ele era surdo, filho de pais surdos. Relacionava-se bem com a família e tinha uma vida normal. Os sinais faziam parte de sua vida. Um dia, conheceu uma vizinha. Não conseguia falar com ela assim como falava com

³⁶ Oliver SACKS, *Vendo vozes*, p. 29.

³⁷ R. WILLIAMS, apud Kenneth Thompson, *Estudos culturais e educação no mundo contemporâneo*, p. 18.

³⁸ Padden e Humphries são surdos.

³⁹ Clifford GEERTZ, apud Carol Padden e Tom Humphries, *Deaf in America*, p. 24. "the special condition of human beings is that their behaviors are guided by, indeed are dependent on, the presence of significant arrangements of symbols, which he calls 'culture'".

⁴⁰ Clifford GEERTZ, apud Carol Padden e Tom Humphries, *Deaf in America*, p. 24. "a set of control mechanisms - plans, recipes, rules, instructions ... for the governing of behavior".

sua família. Decidiu não sinalizar com a amiga, pois não entendia nem sinais. Ele achava a menina muito estranha. Certo dia confirmou que algo de muito diferente acontecia na vida da menina e de sua família. Quando a mãe da menina chegou até eles "e animadamente começou a mexer sua própria boca. Como se por mágica, a garota pegou uma casa de boneca e levou-a para um outro local"⁴¹. Sam voltou para casa e perguntou para seus pais o que acontecia na casa de sua amiga. Descobriu o mundo dos ouvintes.

Outra experiência relatada foi a de um jovem, Howard, que vinha de família surda e disse: "Eu nunca soube que eu era surdo até eu entrar para a escola?"⁴². Oposto do que aconteceu com Joe, a criança mais jovem de uma família surda numa fazenda no coração de Indiana, que disse: "Eu nunca soube que eu era ouvinte até meus seis anos de idade. Eu nunca suspeitei que de alguma maneira eu fosse diferente de meus pais"⁴³.

É possível perceber que o repasse de uma cultura, mesmo sendo de um grupo pequeno, como uma família, se dá até mesmo de forma imperativa, especialmente com uma criança. E limita temporariamente o envolvimento ou o conhecimento de integrante sobre outra cultura. Sam não sabia dos ouvintes até se defrontar com uma situação diferente. Howard nunca soube que era "surdo" até começar a escola; a vida em sua família não o preparou para as definições suplementares de "surdo" que ele encontraria mais tarde.

Por muito tempo, cultura tinha um conceito unitário. No entanto, hoje, fala-se em cultura como sendo algo que não seja único nem imutável, porém híbrido, ou seja, cultura encontra sua definição a partir da mistura de padrões, etnias,

⁴¹ Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*, p. 15. "and animatedly began to move her mouth. As if by magic, the girl picked up a dollhouse and moved it to another place"

⁴² Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*, p. 17. "I never knew I was deaf until I first entered school?"

⁴³ Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*, p. 22. "I never knew I was hearing until I was six. I never suspected in any way that I was different from my parents"

comportamentos e ritos diversos. Assim, vamos nos deparar com uma realidade multicultural.

Os diferentes conceitos de cultura apontam para as diferentes posições de cultura. Gladis Perlin, diz que há conceitos unitários de cultura; conceitos de alta cultura e baixa cultura; conceitos referentes a múltiplas culturas⁴⁴.

Perlin traz a afirmação de Stuart Hall: "a cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo"⁴⁵. Para Perlin não se percebe uma única cultura, mas um plural: culturas. Dentro desta visão, Perlin afirma que a "cultura é agora uma das ferramentas de mudança, de percepção de forma nova, não mais de homogeneidade, mas de vida social, constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender, de explicar"⁴⁶. Esta visão favoreceu em muito a história dos surdos e a conquista ao reconhecimento de sua cultura.

Diante da globalização, encontros culturais são cada vez mais freqüentes. No livro *Hibridismo Cultural*, o autor Peter Burke afirma que "A globalização cultural envolve hibridização. Por mais que reajamos a ela, não conseguimos nos livrar da tendência global para a mistura e a hibridização"⁴⁷. Entre esta hibridização está a cultura surda, que vem se manifestando mais e mais no momento em que os surdos podem viver enquanto comunidade, podem comunicar-se entre si como iguais, do seu jeito, expressar os seus hábitos e formas de vida.

⁴⁴ Gladis Teresinha PERLIN, *O lugar da cultura surda*, p. 74.

⁴⁵ Stuart HALL, apud Gladis Teresinha Perlin, *O lugar da cultura surda*, p. 75.

⁴⁶ Gladis Teresinha PERLIN, *O lugar da cultura surda*, p. 75.

⁴⁷ Peter BURKE, *Hibridismo Cultural*, p. 14.

3.1 - Conceituação do surdo

Quem é o surdo ou a pessoa surda? Na Lei 5.626 de 22 de dezembro de 2005, em que tem a Libras decretada e regulamentada, podemos ler o seguinte:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.⁴⁸

Sampley, define surdo como:

Pessoas em que o sentido da audição não é funcional para com o seu propósito ordinário. O som não tem significado no propósito da comunicação. Tal grupo está dividido em duas distintas classes quanto a perda da audição:

surdo congênito: todos aqueles que nasceram surdos.

surdo casual: todos aqueles que nasceram com audição normal, mas em quem o sentido da audição se tornou mais tarde na vida não funcional através de doença ou acidente. Também chamada de "surdez adquirida".⁴⁹

Ainda outra divisão possível pode ser feita:

1. surdez pré-lingual, surdez desde o nascimento ou na idade anterior ao desenvolvimento da fala e linguagem.
2. surdez pós-lingual, surdez na idade da aquisição espontânea de fala e linguagem.⁵⁰

Conforme o Censo de 2000, aproximadamente 14,5% da população total apresentam algum tipo de incapacidade ou deficiência. Isto representa 24,6 milhões de pessoas. Destes,

⁴⁸ <https://www.planalto.gov.br/>, sob o título Decreto Lei 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

⁴⁹ DeAnn SAMPLEY, *A Guide to Deaf Ministry*, p. 21. "Deaf – People in whom the sense of hearing is nonfunctional for the ordinary purposes of life. Input of sound is meaningless for communicational purposes. This general group is made up of two distinct classes based on the time of loss of hearing. 1. *congenitally deaf*: those who were born deaf. 2. *Adventitiously deaf*: those who were born with normal hearing but in whom the sense of hearing became nonfunctional later in life through illness or accident. This is also called "acquired deafness"."

⁵⁰ DeAnn SAMPLEY, *A guide to deaf ministry*, p. 22.

5,7 milhões tem algum grau de deficiência auditiva, porém, um pouco menos de 170 mil pessoas são declaradas pessoas surdas⁵¹.

Muitas vezes o surdo, em seu clamor pela atenção ou compreensão diante de sua limitação auditiva, necessita "gritar" que é diferente. No livro: *Mãos fazendo história*, em que relatos e experiências da vida dos próprios surdos são apresentadas, quero destacar algumas.

Ernesto, enquanto surdo, ao se deparar com a dificuldade de acompanhar a conversa dos colegas ouvintes com o professor e ao não entender a fala do professor enquanto virado para o quadro-negro,

quando acabava a aula, nos cadernos dos ouvintes constava a matéria, e nos cadernos dos surdos, as páginas estavam em branco. Contou-me Ernesto, que uma vez, irritou-se de tal forma que chegou a falar para o professor... - Eu sou surdo!!! Surdo é diferente do ouvinte!!!⁵²

Por outro lado, vemos os próprios surdos se apresentando como não diferentes. Muitas vezes, lhes é necessário o clamor de igualdade em relação aos ouvintes. Assim, lemos no relato de Ferreira de Sá, num diálogo do irmão Marinho, ouvinte, com a irmã Fabiane, surda:

- porque você está triste e chorando?
- Não queria ver você surda... respondeu Marinho.
A mocinha Fabiane sorriu e disse:
- Não fique triste por mim. Sei escrever, ler, pintar e conversar. Sou normal, graças a Deus. Minha voz é um pouco diferente e só.⁵³

Ainda quanto ao ser surdo, falando sobre os surdos pré-linguais e pós-linguais, Strnadová diz: "Para a leitura em si a audição não é necessária, mas para a compreensão da língua sim. A escrita representa o registro gráfico da língua oral"⁵⁴.

O surdo não é um ser que dispensa o convívio com os outros, mas que é dispensado pelos outros, os ouvintes. "a

⁵¹ <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia>.

⁵² Adriana Maria Vieira LOUREIRO, *Um lutador*, p. 55.

⁵³ Karina Atrib Ferreira de SÁ, *A menina que virou moça e encontrou sua identidade surda*, p. 40.

⁵⁴ Vera STRNADOVÁ, *Como é ser surdo*, p. 48.

gente não vive no mato, sozinho, sem contato com outras pessoas... temos a impressão de viver atrás de um vidro; pode-se ver tudo o que os outros fazem, mas não se sabe o porquê e nem sobre o que falam entre si".⁵⁵ Isto aponta a realidade de que o surdo vive ao lado dos ouvintes, mas não com eles.

3.2 - A barreira da comunicação

O surdo, pela falta de audição, enfrentará no convívio com os ouvintes, em meio à cultura "ouvintista", barreiras na comunicação.

Helen Keller, uma americana renomada no mundo por vencer barreiras impostas pela cegueira e surdez já desde o seu nascimento, afirmou que a cegueira separa as pessoas das coisas, enquanto que a surdez separa as pessoas das pessoas⁵⁶. Por que isto? Por causa da falta de comunicação. Não ouvir é, para o surdo, um obstáculo na comunicação com o ouvinte.

Onde não há comunicação, há exclusão e isolamento. O surdo em meio ao mundo, em meio a tantas pessoas, vive num isolamento, afastado das pessoas. A surdez limita a comunicação. Não somente por não ouvir sons, mas porque os surdos têm dificuldade em participar plenamente do mundo que depende dos sons para obter, trocar e lançar idéias.

Diante da dificuldade que o surdo tem de se comunicar e de se fazer compreendido na relação com os ouvintes, a sua relação social passa a apresentar barreiras e dificuldades.

Os surdos eram vistos como incapazes, menos válidos, "bobos", por sua forma de se expressarem diante do ouvinte⁵⁷: gesticulando, emitindo sons ilegíveis. A sua falta de comunicação os colocava à margem da sociedade ouvinte, por que não dizer abaixo, como uma classe inferior.

⁵⁵ Vera STRNADOVÁ, *Como é ser surdo*, p. 41.

⁵⁶ DeAnn SAMPLEY, *A guide to deaf ministry*, p. 25.

⁵⁷ Ao usar o termo *ouvinte* faço referência às pessoas que ouvem, em oposição ao termo *surdo*.

Lane diz que a surdez é estigmatizada pela sociedade ouvinte. Qualquer desvio de padrão é facilmente suscetível de sofrer um estigma⁵⁸. Lane cita o sociólogo Erving Goffman, que distingue três tipos de estigma: físico, psicológico e social⁵⁹, e diz que os ouvintes facilmente impõem as três categorias de estigmas sobre os surdos. Apesar de dizer que o estigma é relativo, os ouvintes consideram os surdos como indivíduos pertencentes a uma comunidade específica. No estereótipo do ouvinte, a surdez representa a falta e não a presença de algo.

Com o passar dos anos, anos de isolamento, de desprezo, de não aceitação, de não reconhecimento a sua forma de se comunicar com as mãos e de estigmas, temos hoje, cada vez mais, comunidades surdas se formando e se organizando. Os surdos estão se encontrando enquanto iguais para viverem como lhes é próprio e pertinente. Comunidades surdas têm desenvolvido rica vida social, de lazer e de ocupação, confirmando a existência da cultura surda. Ferreira, escreve na revista da FENEIS:

(...) integração esportiva e comunicativa percorreram um caminho tortuoso como para todos os portadores de deficiência (...) Assim, o primeiro movimento a derivar do trabalho da comunidade surda ao ser político, educacional e social, era, antes de mais nada, lingüístico e cultural.⁶⁰

Os surdos lutaram por um reconhecimento cultural, no qual também buscavam reconhecimento para com suas qualidades e capacidades, dentre elas: esportivas. Os surdos têm necessidade de terem um local para se encontrarem como iguais, para usarem a sua língua, dispensando a obrigatoriedade da língua falada. E isto os motiva em suas atividades físicas.

⁵⁸ Harlan LANE, *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*, p. 23. - Ainda citando Goffman, na lista de distúrbios sociais entrariam: "prostitutas, toxicodependentes, delinquentes, criminosos, músicos de jazz, boêmios, ciganos, artistas de rua, gavagundos, gente do espetáculo, jogadores, homossexuais... Mas, mesmo que a comunidade dos surdos americanos fosse conhecida pelo que é, uma minoria lingüística e cultural com uma rica e única herança, estaria ainda sujeita a um estigma tribal, tal como acontece com a comunidade hispano-americana"

⁵⁹ Harlan LANE, *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*, p. 23.

⁶⁰ Geralda E. FERREIRA, *Página do Intérprete*. In: Revista da Feneis, p. 33.

3.3 - Formação da cultura e comunidade surda

Como surge a cultura surda? Pode-se dizer que é diferente das demais? Num certo aspecto sim. Sampley diz: "É diferente de outros grupos culturais em que um não se torna membro por nacionalidade"⁶¹.

O que define e direciona uma cultura é a sua linguagem, a sua forma de se comunicar. Assim, a cultura surda se forma a partir daquilo que os une e os identifica, a sua forma de se comunicar, a sua linguagem: a língua de sinais.

Sendo assim, a cultura surda é algo que alguém vai adquirindo. Tanto um surdo quanto um ouvinte pode fazer parte desta cultura, conseqüentemente, desta comunidade.

A questão da cultura surda muitas vezes é tida como provocativa. No entanto, entre a maioria dos que a estudam e mesmo internamente a comunidade surda, falar sobre cultura surda não causa questionamento. Lulkin escreve: "Após a Revolução Francesa, a maior parte dos textos menciona a França moderna como modelo educacional, político e cultural para surdos"⁶².

3.4 - A comunidade surda

Miranda, definindo comunidade surda, diz:

Entendo comunidade surda como uma agremiação de pessoas surdas inclusive com simpatizantes ouvintes, constituída com história, identidade, língua e cultura próprias.⁶³

Miranda, explicando, diz que a palavra simpatizante talvez não seja apropriada, contudo, é preciso designar que os membros da comunidade surda não são todos surdos. Há alguns

⁶¹ DeAnn SAMPLEY, *A Guide to Deaf Ministry*, p. 29. "Is is different from other culture groups in that one does not become a member through nationality"

⁶² Sérgio Andrés LULKIN, *O silêncio disciplinado*, p. 14.

⁶³ Wilson MIRANDA, *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*, p. 11.

ouvintes que conhecendo a cultura, língua e história dos surdos vivem entre eles e participam da comunidade surda.⁶⁴

Para Miranda, a comunidade é marcada por fronteiras naturais que surgem e se manifestam na vida dos surdos e dos ouvintes que ingressam nesta comunidade.

A comunidade surda se assemelha a outros grupos culturais. Possui, também, suas normas sociais particulares e seus valores que são repassados de um para o outro.

Porém, algo chama a atenção sobre a comunidade surda. Algo diferente, novo, único. Sampley, escreve:

Uma pessoa não "nasce" na comunidade surda. É uma comunidade única porque membros integrantes são lançados para dentro dela enquanto ela é desenvolvida por outros integrantes. Os verdadeiros integrantes são somente aqueles que o são através da identificação emocional.⁶⁵

Não há uma nação surda, na qual se nasce como surdo. Porém, há sim uma comunidade, na qual se nasce ou se vem a fazer parte. Por exemplo, pais surdos que tenham filhos surdos ou ouvintes. O filho surdo inclinar-se-á quase que naturalmente a identificação plena com a comunidade surda e ali vai atuar, compartilhar e viver. O mesmo pode acontecer com o filho ouvinte. No entanto, estará mais propenso a se identificar com a comunidade ouvinte, podendo acontecer que não queira fazer parte da vida na comunidade surda.

A comunidade surda não é um país. Porém, ao mesmo tempo, não podemos deixar de falar de lugares, de espaços geográficos, onde os surdos se encontram e vivem como comunidade.

Miranda escreve que "a comunidade surda constrói uma cultura e produz identidades em espaços geográficos, no

⁶⁴ Wilson MIRANDA, *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*, p. 11.

⁶⁵ DeAnn SAMPLEY, *A Guide to Deaf Ministry*, p. 29. "A person is not "born into" the deaf community. It is a unique community because members are drawn in and developed by other members. True membership comes only through an emotional identification."

sentido de nascerem dentro desses”⁶⁶. São muitas vezes espaços por eles conquistados através de muitas lutas, possibilitando assim a organização e a produção surda.

Esta organização e produção surda é que será o aspecto legitimador de uma comunidade surda, traduzindo a cultura surda. E o que se sobressai nesta organização e produção é a língua de sinais. E para que a presença do surdo na sociedade ouvinte chegasse hoje a ser uma comunidade surda, com sua marca, identidade e cultura houve muita luta.

A comunidade surda pode ser entendida, em primeiro lugar, como as pessoas surdas em geral, e, em segundo lugar, um grupo de pessoas surdas dentro de um determinado espaço geográfico, limite regional ou até mesmo municipal.

Importante ressaltar que falar em comunidade surda pode ser algo atual, porém não significa que sua existência é coisa de nossa época. A comunidade surda existe desde tempos mais remotos. Merece destaque a adoção pela Assembléia Nacional, em 1791, em meio ao movimento revolucionário francês, reivindicando uma instrução pública “para todos”. Daí a criação do Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris (INJS).

O uso da língua de sinais se faz presente entre os surdos mesmo depois da decisão tomada no Congresso de Milão, em 1880, em que impede o seu uso. Existem registros de atividades surdas, as quais em seus espaços mantinham o uso da língua de sinais em associações, reuniões, encontros e inclusive congressos. Assim, a comunidade surda era uma realidade em épocas passadas.

3.5 - A luta até o reconhecimento

Falar da comunidade surda é algo mais recente, pelo menos no que se refere à sua forma organizada, reconhecida e estabelecida. No entanto, não podemos deixar de dizer que

⁶⁶ Wilson MIRANDA, *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*, p. 20.

havia, em tempos passados, grupos de pessoas surdas, reunidas como iguais, utilizando a linguagem de sinais.

Faz-se necessário olhar um pouco para a história da formação da comunidade surda. Como os surdos viviam e como eram vistos antes de, reconhecidamente, serem uma comunidade com identidade e cultura própria?

Uma história marcada por movimentos e lutas, políticas e sociais, até o reconhecimento da cultura, da comunidade e da língua de sinais. Trago alguns aspectos e dados históricos.

Destaco a maior de todas as dificuldades enfrentadas pelos surdos: a de não serem vistos como pessoas, com direito a uma vida digna. Por apresentarem uma deficiência, eram eliminados. Por não saberem falar, eram tidos como ignorantes.

4.0 - AS PESSOAS SURDAS E SUA HISTÓRIA

4.1 - Aspectos históricos

Entre a sociedade de qualquer época, os surdos estavam entre os que eram considerados deficientes. Por não ouvirem, eram considerados como deficientes mentais, bobos, incapazes de aprender a ler, de trabalhar. Assim sendo, o seu descarte da sociedade e da vida, era uma atitude assimilada.

O padre Vicente Burnier, relata que antes da descoberta do Brasil, até o final do século XV, quando não havia escolas especializadas para pessoas surdas, os surdos eram considerados ineducáveis.⁶⁷

A pessoa surda não era reconhecida como uma cidadã na cultura greco-romana. Por exemplo, no século V d.C., Justiniano formula o *Corpus Juris Civilis*. Este código civil definia o indivíduo em três categorias: 1. as pessoas que não podem postular por si mesmas (os surdos entravam neste grupo); 2. as pessoas que podem postular por si (filhos de nobres que

⁶⁷ Vicente de Paulo Penido BURNIER, *A História da Linguagem de Sinais no Brasil*, p. 37.

obtinham ensino especializado); 3. as pessoas que podem postular por si e pelos outros. Entenda-se postular por expor em juízo, frente a um juiz, o próprio desejo, ou de um amigo, ou contradizer o desejo de outro⁶⁸.

Nem mesmo entre o Povo de Deus a pessoa surda era valorizada e estimada. Foi necessário que Deus se manifestasse contrário às atitudes de amaldiçoar e de zombar dos surdos. Também no Novo Testamento, Cristo precisou ensinar a receber e a aceitar aqueles que eram considerados menos válidos numa sociedade. E os surdos estavam entre estes.

4.2 - Antes da Língua de Sinais

Faço esta distinção: a vida dos surdos antes da língua de sinais e a vida dos surdos depois da língua de sinais.

Para antes da língua de sinais, volto-me para quando a mesma não era reconhecida como língua nem aceita como meio de comunicação dos surdos. Não significa dizer que a língua de sinais não existia. Certo é que a língua não era estudada, nem tão pouco havia uma compreensão de sua estrutura. No entanto, os surdos já a usavam como comunicação viso-gestual, como linguagem sinalizada, bem "antes de os ouvintes começarem a se interessar pela educação do surdo"⁶⁹.

A utilização de sinais, gestos ou até mesmo mímicas faz parte da comunicação humana. Quem nunca utilizou ou realizou algum gesto ou mímica, objetivando uma comunicação? As pessoas de qualquer época se utilizavam destes recursos. Isto poderia e pode ser percebido na falta da audição ou numa tentativa de conversa entre pessoas com línguas diferentes.

Imagino que, em qualquer época, alguém que não falasse a mesma língua buscaria, através de sinais, gestos ou mímicas se fazer entendido, quando não pela escrita. E no caso dos surdos

⁶⁸ Sergio Andrés LULKIN, *O Silêncio Disciplinado*, p. 48.

⁶⁹ Sherman WILCOX e Phyllis Perrin WILCOX, *Aprender a ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*, p. 20.

entre si? Os gestos e mímicas deixavam de ser tentativas de comunicação. Eles estabeleciam certos sinais em sua comunicação. Entre a família ou num grupo de surdos, os sinais eram repassados de um para o outro. Assim, uma língua se estabelecia num grupo e era repassada entre os surdos⁷⁰.

Registros da História, revelam que na Europa, no século XVI, um médico italiano nascido em Milão (1501), também filósofo e matemático, preocupou-se com o problema da educação dos surdos, buscando demover a incomunicabilidade. Tal médico, Girolamo Cardano (Jerônimo Cardan), tentou solucionar esta falta de comunicação, utilizando a mímica e a escrita⁷¹.

O primeiro professor de surdos que a história aponta foi o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1510-1585). Como precursor da educação de surdos, Dom Pedro de Ponce, na Espanha, "dedicou-se a melhorar a situação dos surdos e conseguiu ensiná-los a falar e a ler os lábios do interlocutor"⁷². Ponce de Leon instruiu os irmãos surdos do Conde de Castilla, Francisco e Pedro de Velasco. Pela importância que Ponce de Leon recebe na história é lastimável que o mesmo não deixou registro de seu método.

Também no século XVI, Laurent Joubert (1529 a 1582), médico francês, defendia um outro princípio de Aristóteles de que o homem é um animal social com habilidade para se comunicar com os outros homens. Assim, defendia a educação da criança surda, pois dizia que

habilidade existia em toda e qualquer criança, mesmo nas nascidas surdas (...) o mestre dessas crianças deveria agir com paciência e cuidado, pois da mesma forma como uma criança aprende uma língua estrangeira poderá aprender a se comunicar em seu próprio ambiente se ela for surda. (...) a criança com deficiência auditiva aprenderia a falar mesmo sem se ouvir, desde que ensinada com paciência.⁷³

⁷⁰ Sherman WILCOX e Phyllis Perrin WILCOX, *Aprender a ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*, p. 23.

⁷¹ Vicente de BURNIER, *A história da linguagem de sinais do Brasil*, p. 37.

⁷² Vicente de BURNIER, *A história da linguagem de sinais do Brasil*, p. 37.

⁷³ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 228.

Ao final do século XVI e início do século XVII, Juan Pablo Bonet foi quem deu um grande passo para a prática em questões de educação dos surdos. Condenando métodos brutais de gritaria e enclausuramento, defendia a necessidade de compreensão do aluno. Para isto, dizia que o "mestre e o aluno deveriam ficar a sós e num ambiente bem iluminado porque a instrução exigia toda a concentração possível e o aluno precisava também observar bem a boca de seu mestre"⁷⁴. Bonet chegou a indicar "qual a idade mais recomendável para as crianças mudas poderem se beneficiar do aprendizado para falar"⁷⁵.

No entanto, foi John Bulwer (1600 a 1650) que foi um dos primeiros educadores que "defendeu um método de ensino da leitura labial, apesar de ter escrito também sobre a linguagem dos sinais"⁷⁶.

Existem evidências sobre a língua de sinais, como uma língua natural, que vem do Iluminismo francês. Diz-se que um surdo, encadernador de livros de Paris, Pierre Desloges, escreveu um livro, *Observações de um Surdo-Mudo*, em 1779⁷⁷. Desloges escreveu este livro para defender a língua sinalizada frente à oposição de um certo abade Deschamps à língua sinalizada, o qual afirmou que "as línguas de sinais não poderiam ser consideradas línguas e que, portanto, não teriam utilidade na educação das crianças surdas"⁷⁸. Desloges, falando em favor da língua sinalizada escreve:

Da mesma forma que um francês vê sua língua desvalorizada por um alemão que conheça apenas umas poucas palavras francesas, senti-me obrigado a defender minha língua contra as falsas acusações desse autor.⁷⁹

Constata-se que os surdos já utilizavam entre si uma língua sinalizada, a qual não era reconhecida nem aceita. Havia orgulho da língua falada por parte de um cidadão

⁷⁴ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p.242.

⁷⁵ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 242.

⁷⁶ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 243.

⁷⁷ Vicente de BURNIER, *A história da linguagem de sinais do Brasil*, p. 22.

⁷⁸ Vicente de BURNIER, *A história da linguagem de sinais do Brasil*, p. 22.

⁷⁹ Vicente de BURNIER, *A história da linguagem de sinais do Brasil*, p. 22.

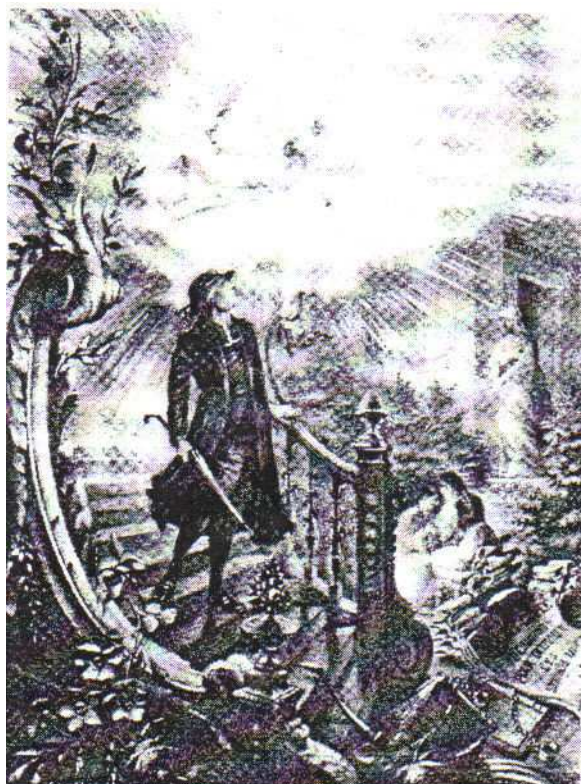
ouvinte. Um orgulho tão grande a ponto de chegar a desmerecer outra língua existente. Mas, o desmerecimento não deixava de reconhecer a outra língua. O mesmo não acontecia com a língua sinalizada. Ela não somente não era valorizada, como também não era reconhecida.

É consenso, entre os escritores e historiadores da cultura e comunidade surda, que o abade l'Épée - Charles Michel de l'Épée: 1712-1789 - um jovem clérigo de Paris, foi o primeiro a reconhecer que a língua sinalizada poderia ser utilizada para educar crianças surdas, porém a sua idéia era de ensiná-las a língua francesa. Entre as comunidades surdas do mundo inteiro, o francês l'Épée é renomado por ser o primeiro a fundar uma escola de surdos reconhecida pelo governo. Foi ele que fundou a primeira instituição educacional gratuita para pessoas surdas da França, em 1771(1760).

Se na Espanha, a memória do Frei Pedro Ponce de Leon é preservada como "mito paternal" da educação de surdos, podemos observar que na França o abade l'Épée assume este papel.

Conta-se que l'Épée vinha descendo de uma escada vinda do céu, na qual em seu topo uma intensa luz e um anjo apontavam para duas jovens surdas. L'Épée entende que o anjo lhe indica uma missão. Esta história, o "conto de l'Épée", é contada na comunidade surda francesa, dando a versão de que l'Épée é o pai da língua de sinais. Tal título, lhe é um tributo pela sua importância aos avanços surdos.

Esta história é retratada em uma pintura da época. E na pintura é possível ver que a



escada é ricamente decorada com ornamentos e flores. É possível também, observar a mãe das jovens, mais ao fundo, a qual possivelmente agradece o ato divino. Ao pé da escada, encontram-se livros e um pergaminho, indicando l'Épée como o "designado para libertar os surdos mudos" (*designé pour délivrer les sourds muets*). E, junto ao pergaminho, existem grilhões abertos, indicando o fim de uma escravidão ou aprisionamento, pois chegara o salvador.⁸⁰

Percebe-se, na rica expressão da figura e também no conto, que os surdos não só ansiavam pelo reconhecimento da língua de sinais, ou seja, que os ouvintes os aceitassem tal como são e com a sua língua, que conversassem usando sinais, como também viam nisto uma libertação à prisão lingüística na qual se encontravam. Esperavam pela salvação: permitir-lhes o uso de sua comunicação.

Aquele que os "livrasse" ou "salvasse", não receberia o título de "Pai da Língua de Sinais"? Padden e Humphries, pessoalmente assistiram, na França, o relato da história que atribui a l'Épée o título de inventor da língua de sinais. Em visita ao clube de surdos na França, viram um surdo sinalizar a seguinte história:

O Abbé de l'Épée tinha estado caminhando por um longo tempo por uma noite escura. Ele queria parar e descansar à noite, mas ele não conseguia achar um lugar para ficar, até a uma distância em que ele avistou uma casa com uma luz. Ele parou nesta casa, bateu na porta, mas ninguém respondeu. Ele viu que a porta estava aberta, ele então entrou na casa e encontrou duas jovens mulheres sentadas próximas à lareira costurando. Ele falou com elas, mas elas ainda não respondiam. Ele se aproximou e falou com elas de novo, mas elas falharam novamente na resposta. O Abbé estava perplexo, mas sentou-se ao lado delas. Elas olharam para cima a ele e não falaram. Naquele momento, a mãe delas entrou na sala. O Abbé não sabia que as filhas dela eram surdas? Ele não sabia, porém agora soubera porquê elas não responderam. Enquanto contemplava as jovens mulheres, o Abbé compreendeu sua vocação.⁸¹

⁸⁰ Sérgio Andrés LULKIN, *O Silêncio Disciplinado*, p. 53.

⁸¹ Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*. p. 27. "The Abbé de l'Épée had been walking for a long time through a dark night. He wanted to stop and rest overnight, but he could not find a place to stay, until at a distance he saw a house with a light. He stopped at the house, knocked at the door, but no one answered. He saw that the door was open, so he entered the house and found two young women seated by the

Padden e Humphries, que corrigem o "erro" histórico de atribuir a l'Épée o título de inventor da língua de sinais, como relatado pelos surdos, afirmam que l'Épée avistou sim as jovens surdas. Não se sabe ao certo se eram jovens de rua ou de classe alta. Mas o fato é que l'Épée avistou as duas sinalizando e entendeu que ali estava presente um meio de comunicação, uma linguagem. Assim, entende que, o surdo, através da sinalização

... expressa suas necessidades, desejos, mágoas, e etc., e não se engana quando outros se expressam da mesma forma. Queremos instruí-lo e conseqüentemente ensinar a língua francesa a ele. Qual é o método mais rápido e mais fácil? Não é nos expressarmos na sua linguagem?⁸²

L'Épée não reconhecia na comunicação gestual ou sinalizada, uma língua como tal, com estrutura gramatical própria. Ao invés de reconhecê-la como língua, poderia ser vista como um dialeto. Neste sentido, Lane diz que "a primeira tentativa da maioria oral de tornar em dialecto a linguagem gestual ocorreu com a fundação da primeira escola para crianças surdas, em meados do séc XVIII, em França, por Charles Michel, Abade de Epée"⁸³. A língua de sinais sempre foi vista como sendo uma forma inferior de se comunicar.

O surdo como deficiente e inferior não é algo novo e também não é algo que ficou na antiguidade. Isto pode ser melhor entendido a partir da citação que Lane faz ao discurso de abertura do Congresso de Milão, 1880, onde o anfitrião italiano, pede aos delegados que

lembrassem que o discurso vivo é um privilégio do homem, o único e exacto veículo do pensamento, uma dádiva de Deus, da

fire sewing. He spoke to them but they still did not respond. He walked closer and spoke to them again, but they failed again to respond. The Abbé was perplexed, but seated himself beside them. They looked up at him and did not speak. At that point, their mother entered the room. Did the Abbé not know that her daughters were deaf? He did not, but now he understood why they had not responded. As he contemplated the young women, the Abbé realized his vocation."

⁸² Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*. p. 27. "... he expresses his needs, desires, pains, and so on, and makes no mistake when others express themselves likewise. We want to instruct him and therefore to teach him French. What is the shortest and easiest method? Isn't it to express ourselves in his languages?"

⁸³ Harlan LANE, *A máscara da benevolência*, p. 107.

qual se tem dito: o discurso é a expressão da alma, assim como a alma é a expressão do pensamento divino.⁸⁴

Entre outros nomes de destaque frente à luta por uma educação e reconhecimento dos surdos temos: Samuel Heinecker (1729-1784) foi o fundador e diretor da primeira escola pública para surdos na Alemanha. Thomas Gallaudet e Laurent Clerc, nos Estados Unidos, fundaram um colégio para surdos (1817), hoje a Universidade Gallaudet somente para as pessoas surdas.

O jovem pastor protestante, Thomas Hopkins Gallaudet, interessando-se pela educação de crianças surdas foi à Europa. Lá conheceu, dentre outros, um brilhante jovem surdo, Laurent Clerc, professor em Paris. Ambos, voltam aos Estados Unidos em 1816 e iniciaram a primeira escola americana para surdos, denominada o Asilo Americano em Hatford, Connecticut. Com isto, estudos foram iniciados sobre o uso da língua de sinais. Assim como l'Épée, também Gallaudet não via na língua de sinais uma estrutura própria que a caracterizasse como língua. No entanto, houve grande avanço e crescimento, nos Estados Unidos, da língua de sinais americana, a partir do contato com a língua de sinais francesa.

No Brasil, Eduard Huet vindo de Paris em 1852(55) funda, em 1857, o Instituto Nacional de Surdos Mudos no Rio de Janeiro, hoje chamado: Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES.

Com a educação cada vez mais voltada a atender os surdos, a perspectiva era de que os problemas tenderiam a uma solução. Porém, isto não se confirmou na história. Para a infelicidade dos surdos, no Congresso em Milão em 1880 ocorreu a oficialização do Oralismo como meio para a educação dos surdos. O congresso e a data tornaram-se um "marco na história da política institucional de erradicação da língua de sinais e

⁸⁴ Harlan LANE, *A máscara da benevolência*, p. 110.

do afastamento dos profissionais surdos do meio escolar"⁸⁵. A língua de sinais ficou proibida nas escolas. Prevaleceu o método oral. Os surdos deveriam aprender a falar, a ler os lábios e a escrever.

Atitudes como "bater nas mãos" do surdo ao sinalizar, ocorriam com frequência. Lulkin ainda enfoca a decisão final do Congresso de Milão que obrigava os alunos surdos a "sentar sobre suas mãos" e, a fim de assegurar a não comunicação dos surdos através dos sinais, foram "retiradas as pequenas janelas das portas das salas de aula" bem como "os professores e auxiliares surdos devem deixar as escolas e os institutos"⁸⁶.

Rangel, citando Grémion (1991, p. 195), escreve:

O Congresso, considerando a incontestável superioridade da palavra sobre os signos para devolver o surdo à sociedade e para dar-lhe um melhor conhecimento da língua, declara que o método oral deve ser preferido ao da mímica para a educação e instrução dos surdos-mudos.⁸⁷

Curioso, nesta decisão em Milão, é o fato de que somente um surdo participou deste congresso. Seu nome: Claudius Forestier. Conforme uma edição da Revista da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, a maior delegação dos congressistas era italiana, e as demais eram franceses, ingleses, suecos, suíços, alemães e americanos⁸⁸. Não seria, esta decisão, um ato "autoritário", a partir de uma classe dominante de interesses e posições contrárias ao grupo de surdos e à sua forma de comunicação? Tal, impedia uma transformação da realidade vivida pelos surdos, rejeitando abertamente a sua linguagem e identidade.

A retirada de professores surdos e de toda e qualquer utilização da língua de sinais, visa impedir qualquer avanço dos sinais, bem como tirar o "modelo" de surdo adulto como referência aos próprios surdos e também da sociedade ouvinte.

⁸⁵ Sérgio Andrés LULKIN, *O Silêncio Disciplinado*, p. 67.

⁸⁶ Sérgio Andrés LULKIN, *O Silêncio Disciplinado*, p. 69.

⁸⁷ Gisele RANGEL, *História do povo surdo em Porto Alegre*, p. 23.

⁸⁸ Gisele RANGEL, *História do povo surdo em Porto Alegre*, p. 24.

Praticamente dois séculos depois, a língua de sinais passa a receber certo apressamento. Próximo ao século XX, com certo temor de que as línguas de sinais poderiam ser eliminadas novamente, em virtude do método oral, George W. Veditz, presidente da Associação Nacional de Surdos, fez um emocionante discurso. Neste discurso, que se encontra gravado em um filme mudo de 1913, faz um apelo emocionado para que todas as pessoas surdas "cuidem e preservem suas amadas línguas sinalizadas como o presente mais nobre que Deus ofereceu aos surdos"⁸⁹.

5.0 - A LÍNGUA DE SINAIS

5.1 - Linguagem ou língua

Julgo oportuno citar o que Gisele Rangel escreveu com respeito à aceitação da língua de sinais pela Escola Especial Concórdia, em 1981, onde foi aluna:

Este foi um momento muito importante, pois já se usava a língua de sinais, mas não na escola. Descobrir a base da comunicação e a aceitação desta por parte dos ouvintes foi como conseguir o mundo.⁹⁰

A língua de sinais é uma língua ou uma linguagem? Há muito, a resposta predominante, mesmo não sendo de consenso, era: é uma linguagem, cheia de mímica e gestos.

Existem muitas formas para comunicar uma informação. Isto pode ser observado no mundo animal, nas informações através do código genético. As formas de comunicar são conhecidas como *sistemas de comunicação ou linguagens*⁹¹.

Em tempos passados, a língua era reconhecida quando falada. Clélia Regina Ramos, em seu artigo disponibilizado na Internet, comentando pontos de vista científicos com relação ao surgimento da língua falada, cita o primeiro destes, defendido por cientistas como G. Révész, o qual aponta para uma perspectiva evolutiva. A partir da visão científica, é

⁸⁹ Sherman WILCOX e Phyllis Perrin WILCOX, *Aprender a ver*, p. 26.

⁹⁰ Gisele Maciel Monteiro RANGEL, *História do povo surdo em Porto Alegre*, p. 120.

⁹¹ Sherman WILCOX e Phyllis Perrin WILCOX, *Aprender a ver*, p. 8.

traçada uma linha desde a comunicação animal até a linguagem humana. Neste sentido, Clélia comenta:

O homem em seu estado primitivo estaria associado à dêixis, aos gritos e aos gestos. Essa visão, compartilhada durante muito tempo pela comunidade científica trouxe, e traz ainda, uma boa dose de rejeição às Línguas de Sinais das comunidades surdas, associando-as à gestualidade primitiva e portanto à inferioridade.⁹²

Conforme tal pensamento, pode-se avaliar a dificuldade ou a barreira que existia quanto ao aceitar a linguagem de sinais como uma língua.

Clélia, se seqüência, apresenta um ponto mais recente de autores que "passam a considerar a existência de uma língua somente a partir do momento que existia uma cultura a ela ligada, não delimitando os meios de transmissão utilizados, vocabulários, o tipo de som..."⁹³

Por esta citação, contemplando o que fora dito acima sobre a cultura surda, o reconhecimento da linguagem de sinais como uma língua, se faz possível.

Sherman e Phyllis WILCOX contribuem para esta direção:

...é apenas parcialmente verdadeiro dizer que as línguas humanas tais como o inglês ou o espanhol são linguagens. Elas são isso e muito mais. O mesmo é verdadeiro para a ASL (*língua de sinais americana*). Ela é uma linguagem e é mais do que isso - é uma verdadeira língua humana, com todas as características de outras línguas humanas.⁹⁴

Os autores colocam a sinalização em igualdade com a língua falada, a ponto de evidenciarem que a sinalização deixa de ser somente linguagem, passado a ser uma verdadeira língua.

É cada vez mais evidente o reconhecimento da língua de sinais como uma língua. No Brasil, dia 24 de abril de 2002, foi aprovado o projeto de regulamentação à Lei Federal nº

⁹² Clélia Regina RAMOS, *LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros*, p. 1.

⁹³ Clélia Regina RAMOS, *LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros*, p. 1.

⁹⁴ Sherman WILCOX e Phyllis Perrin WILCOX, *Aprender a ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*. p. 9.

10.436 que reconhece a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais - como a segunda língua oficial do país.

5.2 - A Comunicação Total⁹⁵

Mesmo sendo usada entre os surdos e seus simpatizantes, a língua de sinais não era ênfase nas escolas com educação especial para surdos. O método oralista era o método usado em todas as escolas voltadas a atender os surdos. A sinalização de sinais era considerada uma linguagem: a linguagem de sinais.

A Escola Especial Concórdia, de Porto Alegre, foi a primeira a oferecer o segundo grau (hoje o ensino médio), bem como a aceitar a linguagem de sinais como recurso no processo ensino-aprendizagem, crescendo e se fortalecendo entre a comunidade surda de forma especial.

Rangel escreve a respeito desta escola:

A luta iniciada pelos surdos fez com que fosse a primeira escola do Rio Grande do Sul a abrir perspectivas para o uso da língua de sinais na educação dos surdos. Este fato transcorreu entre os anos de 1985, com a pesquisa que deu *status* de língua, feita por lingüistas norte-americanos e a constatação da importância da mesma para a educação do surdo.⁹⁶

Raymann, após avaliar a postura oralista que a escola manteve por cerca de 14 anos, enquanto diretora da Escola Especial Concórdia, diz que "Nos parecia que estas crianças tinham muito a nos dizer, mas não encontrávamos uma linguagem comum"⁹⁷. Em constante reavaliação, sendo severa e crítica com os resultados, a busca por uma nova linha de ação fazia-se necessário. Raymann diz que a Escola optou por um ensino que é conhecido por Comunicação Total, fruto de estudos e viagens a congressos e simpósios.

⁹⁵ Na mesma época em que surge a Comunicação Total como proposta prática na educação dos surdos, surge também o BILINGÜISMO. Este, seguindo uma linha diferenciada, destaca a preferência quanto a presença simultânea da língua portuguesa e da língua de sinais e não da forma ou meio de comunicação em si. Darei destaque a Comunicação Total, não em detrimento ao Bilingüismo, visto que esta contribuiu em muito no avanço da educação especial da Escola Especial Concórdia e da Missão Surdos, destaques neste trabalho.

⁹⁶ Gisele RANGEL, *História do povo surdo em Porto Alegre*, p. 62.

⁹⁷ Beatriz RAYMANN e Naomi H. WARTH, *Aplicações educacionais para a linguagem de Sinais*, p. 94.

A Comunicação Total, apresentada por Belinda Burgess, do Gallaudet College, Washington, USA (a única universidade para surdos no mundo) não é um método, mas "é uma atitude, uma filosofia pela qual optamos em qualquer situação". E ainda "é um modo eclético de alcançar a melhor maneira de comunicação entre dois ou mais indivíduos"⁹⁸.

A Comunicação Total utiliza estratégias variadas objetivando ótima comunicação. Usa a fala e a leitura labial, bem como: a linguagem de sinais, a escrita, arte dramática e dança, pantomima, estimulação auditiva, alfabeto manual, uso da mídia, gestos, e outras artes. O corpo passa a comunicar. A sua expressão, movimentação, posição, fazem parte da Comunicação Total. Meios externos que possam ajudar na comunicação são bem-vindos.

A Comunicação Total atenta para as capacidades e limitações do outro e busca agir de acordo com isto. Assim, o surdo pode utilizar apropriadamente as estratégias de comunicação em situações diversas do dia-a-dia, estando entre surdos ou entre ouvintes. Isto possibilita o surdo a se comunicar⁹⁹.

A Escola Especial Concórdia, após 14 anos de existência, adotou, em 1980, a Comunicação Total como referência para suas atividades. Mesmo que, hoje, a Comunicação Total não seja uma unanimidade¹⁰⁰ na educação dos surdos, ela foi uma contribuição importante para o avanço na luta e na conquista de espaço e reconhecimento dos surdos, especialmente da língua de sinais.

Em 1996, a ULBRA, em atenção aos surdos, incentivada pela Escola Especial Concórdia, abre caminho para o ingresso dos surdos na universidade. Sobre isto, Gisele escreve: "isso

⁹⁸ Beatriz RAYMANN e Naomi H. WARTH, *Aplicações educacionais para a linguagem de sinais*, p. 95.

⁹⁹ Cabe ressaltar que a língua de sinais ainda não era aceita.

¹⁰⁰ Na década de 90, cresceu a idéia do *Bilingüismo* na educação dos surdos. O Bilingüismo difere, em alguns pontos, da Comunicação Total. Zela pela presença do intérprete da língua de sinais como mediador entre o ouvinte e o surdo. Usando a língua de sinais e a língua portuguesa, busca oferecer a melhor comunicação possível e favorável aos surdos pela atuação de um intérprete.

trouxe novas possibilidades para o povo surdo. Após esta escola, iniciou-se um movimento nas outras escolas para o uso da língua de sinais em educação”¹⁰¹.

Este avanço levou os surdos a lutarem ainda mais pela oficialização da LIBRAS. A FENEIS, com sua representação no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, teve um papel de destaque nas conquistas.

5.3 - A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

A oficialização da LIBRAS como uma língua é uma grande vitória ao reconhecimento cultural da comunidade surda. Sua oficialização não somente corrige a velha concepção de que a comunicação dos surdos é algo inferior como também vê confirmada a presença da cultura surda.

Visto a relevância que a Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, traz para a comunidade surda e ao reconhecimento de sua língua, a transcrevo abaixo:

LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.

Regulamento

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

¹⁰¹ Gisele RANGEL, *História do povo surdo em Porto Alegre*, p. 63.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Paulo Renato Souza¹⁰²

Esta lei tem sua regulamentação decretada na lei 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

Na lei podem ser observados aspectos que não somente valorizam e reconhecem a língua de sinais, como também oferecem a justificativa pela qual a LIBRAS fora reconhecida.

No artigo 1º, parágrafo único, podemos comprovar o reconhecimento da comunidade surda: "oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil". Alegando uma estrutura e sistema própria na língua de sinais, fica estabelecido a existência da LIBRAS como língua, a qual é usada por uma comunidade, tendo sua cultura e identidade.

A promulgação da lei acima é um importante marco na história dos surdos em relação à sua língua, comunidade e cultura, mas também é uma grande conquista política pelos surdos. A comunidade surda, pelos seus movimentos sociais, vem alcançando conquistas políticas que atendem as suas especificidades.

Com relação ao Brasil, em termos de atenção política por parte do governo, Klein escreve:

A primeira política pública para os surdos em nosso país pode ser considerada a Decisão Imperial de 26 de setembro de 1857,

¹⁰² <https://www.planalto.gov.br/>, sob Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

quando o governo de D. Pedro II concede a primeira dotação orçamentária para manutenção do Instituto Nacional de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro.¹⁰³

O INES, do Rio de Janeiro/RJ, foi a primeira escola de surdos no Brasil com regime de internato. Também se preocupou com a formação profissional do surdo, a fim de conseguir se sustentar uma vez inserido no mercado de trabalho.

Klein, apontando para a defesa dos direitos de todos os homens, obtido com a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, pela ONU, diz que "mesmo assim, foi necessário, ao longo das décadas seguintes, elaborar leis, decretos, medidas normativas específicas às pessoas portadoras de deficiência (PPDs)"¹⁰⁴. Interroga, então, se as pessoas com deficiência não estão incluídas em "todos os homens"? Aponta, como possível resposta, a "não-garantia de direitos apenas pela existência da norma jurídica"¹⁰⁵.

O fato é o mesmo em diferentes épocas. Estamos diante de uma lei aprovada e regulamentada, mas que na prática não garante ainda, o atendimento completo às necessidades dos surdos. Muita luta e persistência ainda se faz necessário.

No entanto, os surdos contam com a LIBRAS oficializada, instrutores surdos preparados para lecionarem cursos da LIBRAS, intérpretes da LIBRAS, abertura do mercado de trabalho, também na área da educação. Nisto percebe-se que a história dos surdos não é escrita somente por ouvintes, mas por eles próprios.

5.4 - O Intérprete de LIBRAS

5.4.1 - A legislação

Com a oficialização da LIBRAS, o governo federal pode decretar a obrigatoriedade aos partidos políticos de terem o

¹⁰³ Madalena KLEIN, *Cultura surda e inclusão no mercado de trabalho*, p. 90.

¹⁰⁴ Madalena KLEIN, *Cultura surda e inclusão no mercado de trabalho*, p. 90.

¹⁰⁵ Madalena KLEIN, *Cultura surda e inclusão no mercado de trabalho*, p. 90.

intérprete de LIBRAS em seus programas televisivos para as eleições de 2006.

No momento em que a língua de sinais no país passou a ser reconhecida enquanto língua, os surdos passaram a ter garantias de uso e acesso. Assim, conseqüentemente, as instituições se viram obrigadas a garantir acessibilidade através do profissional intérprete da língua de sinais.

Diante de tal obrigação, fazem-se relevantes perguntas como: Quem é o *Intérprete de LIBRAS*? Quem pode ser um *Intérprete de LIBRAS*? Qual a postura pessoal e ética de um?

No decreto e regulamentação da Libras sob a lei n° 5.626 de 22 de dezembro de 2005, podemos ler no capítulo 5:

CAPÍTULO V

DA FORMAÇÃO DO TRADUTOR E - LÍNGUA PORTUGUESA

Art. 17. A formação do tradutor e - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;

II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;

III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos.

Parágrafo único. As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, lingüistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o **caput** atuará:

I - nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;

II - nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e

III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.¹⁰⁶

O intérprete de LIBRAS é uma conquista e um direito dos surdos. Este direito é contemplado em lei. No XII Congresso da Federação Mundial dos Surdos, ocorrido na Áustria em 1995, uma das três solicitações feitas por pessoas surdas e depois encaminhadas à FENEIS do Rio de Janeiro, é: "É preciso colocar em andamento a capacitação de intérpretes de LS e prover serviços de interpretação"¹⁰⁷.

Rangel, compartilhando a sua vida acadêmica como aluna de uma universidade particular, diz que, quando entrou na mesma, esta não oferecia intérprete de LIBRAS. Compartilha que junto com outros surdos foram à luta para terem intérprete em sala de aula. Passando por órgãos competentes, por muita insistência e burocracia, finalmente conseguiram o intérprete. Ela diz: "Foi uma grande conquista inserir dois intérpretes em

¹⁰⁶ <https://www.planalto.gov.br/>, sob Lei n° 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

¹⁰⁷ Jornal da FENEIS, p. 4 - Obs.: LS, significa Língua de Sinais.

sala de aula. Mais tarde, para a nossa surpresa, mais alguns intérpretes estavam sendo inseridos nas salas de aula onde havia surdos"¹⁰⁸. Posso compartilhar esta alegria com a Gisele, pois atuei como seu intérprete na faculdade. O que deveria ser um "direito", teve de ser alcançado através de muita luta, desgaste e esforços.

Nos últimos anos, a atividade do intérprete de LIBRAS já se tornou uma profissão. Pessoas aptas para tal atividade encaram a mesma como uma carreira a ser seguida. Cursos de formação e capacitação estão sendo oferecidos, a fim de que tal atividade possa ser desempenhada cada vez melhor.

Com a profissionalização da atividade do intérprete surgiu, conseqüentemente, a categoria dos intérpretes da LIBRAS, a qual vem se organizando e se unindo. Isto direciona a categoria para a conquista de seu espaço e de seu reconhecimento tanto entre os surdos como entre os ouvintes.

O Brasil é identificado, em conjunto com vários outros países, como país monolíngüe. Porém, a realidade que os surdos vivem é a do bilingüismo. Karnopp aborda a distinção tradicional sobre o bilingüismo a qual se divide no bilingüismo social e o individual¹⁰⁹. A realidade que o surdo tem, vivendo entre os ouvintes com a sua língua portuguesa, os coloca na realidade de bilingüismo social.

Existem diferentes tipos de bilingüismo social. Lodenir cita três tipos: primeiro, cada grupo é monolíngüe; segundo, todos dominam duas línguas (países africanos e na Índia); terceiro, há um grupo monolíngüe e outro bilíngüe, normalmente o último grupo é minoritário e oprimido (índios no Brasil, Groenlândia devem falar o dinamarquês).

Os surdos e o intérprete se enquadram no primeiro tipo, em que as línguas são utilizadas por "dois grupos diferentes e

¹⁰⁸ Gisele RANGEL, *História do povo surdo em Porto Alegre*, p. 16.

¹⁰⁹ Lodenir Becker KARNOPP, *Diálogos traduzidos*, p. 226.

cada grupo é monolíngüe; entretanto, alguns indivíduos bilíngües (intérpretes) se encarregam da comunicação intergrupar necessária".¹¹⁰ Diante disto, temos a necessidade do intérprete na intermediação dos grupos a fim de estabelecer uma comunicação perceptível.

Como profissional, o intérprete irá desempenhar a tradução da língua portuguesa para a língua de sinais, ou vice-versa. A área de atuação de um intérprete de LIBRAS é bastante diversificada e também abrangente, o que exige do intérprete uma qualificação pessoal e profissional muito grande, possibilitando sua atuação em diferentes situações.

5.4.2 - A formação do intérprete

A bibliografia existente sobre este tema ainda é muito escassa. Porém, aos poucos o tema está começando a ser abordado. O interesse pela atividade do intérprete de LIBRAS, assim como também o interesse pela atividade de um "tradutor", vem crescendo e está sendo enfocado com novas preocupações.

O intérprete assemelha-se, em muito, a um tradutor em sua atividade de tradução. A partir do que é dito em uma língua, o intérprete e o tradutor têm o desafio de repassar o mesmo conteúdo em uma outra língua, a estrangeira. A diferença é que o tradutor faz isto pela escrita, ou com a escrita, e o intérprete atua ao vivo, de forma direta e imediata, no mesmo instante da fala ou da sinalização. O tradutor dispõe de tempo, de dicionário, de pesquisa. Já o intérprete não dispõe de nada disso. Dele é exigido rapidez de raciocínio em tempo limitado, o que implica uma boa bagagem de conhecimento, de vocabulário, de aptidões. E tudo isto diante de um público atento, com olhos e ouvidos fixos nele.

Colocando a interpretação e a tradução em tal paralelo, faz-se necessário, para o intérprete, o que teóricos e

¹¹⁰ Lodenir Becker KARNOPP, *Diálogos traduzidos*, p. 227.

pesquisadores na área da tradução chamam de "competência tradutória", definido "como todos aqueles conhecimentos, habilidades e estratégias que o tradutor bem-sucedido possui que conduzem a um exercício adequado da tarefa tradutória"¹¹¹.

É comum ver certo espanto e admiração pela atuação do intérprete. Falas como: "isto é um dom" ou "isto eu nunca vou poder fazer" são freqüentes. É dom sim. Mas, muitas vezes, despertar este dom, envolve preparação, estudo e formação por parte deste profissional ou até chegar a ser um profissional.

Perguntas como: é possível traduzir tudo o que se diz para a língua de sinais? O intérprete traduz palavra por palavra? Os surdos conseguem entender tudo, também as coisas abstratas? E tantas outras perguntas fazem parte do espanto dos ouvintes quanto à atuação do intérprete. Podemos observar que, às vezes existe um certo prejulgamento quanto à capacidade cognitiva dos surdos.

O surdo entende. É claro que cada qual dentro de seu conhecimento adquirido. O intérprete de LIBRAS não traduz palavra por palavra. Primeiro, o surdo entende porque tem capacidade lingüística tanto quanto o ouvinte. Segundo, o intérprete não traduz palavra por palavra porque usa a estrutura própria da LIBRAS.

Para saber e conhecer a LIBRAS, é exigido do intérprete formação, envolvimento e preparação. Isto atenderá questões muito particulares. De modo geral, a formação requer o desenvolvimento de habilidades que vão além do conhecimento somente lingüístico das línguas. Perpassam questões práticas quanto à vivência e à experiência.

A formação inclui e exige basicamente:

¹¹¹ Fábio ALVES et alii, *Traduzir com autonomia*, p. 13.

- curso da língua de sinais, para aquisição de vocabulário e conhecimento sobre o surdo e conseqüente fluência na mesma;

- convivência com os surdos, a fim de ter contato e experiência com sua cultura e comunidade;

- práticas de interpretação, para que possa adquirir e desenvolver o "jeito" de interpretar;

- conhecimento da língua portuguesa, quanto mais aprofundado melhor.

Aprender a língua de sinais é aprender uma língua. Por isso, exigências similares são feitas. Tempo e contato com a língua faz muita diferença para quem aprende. O aprender é um processo que deve ser percorrido ou submetido. Dependerá, e muito, da pessoa interessada e de como ela irá encarar o desafio de aprender uma nova língua.

No livro *Traduzir com autonomia*, pode ser lido que uma das crenças a respeito de um bom tradutor é a de que ele deva viver no país em que se fala a língua estrangeira. Os autores demovem tal crença, alegando que existem vários bons tradutores que nunca moraram nem visitaram o país da língua estrangeira na qual se especializaram, mas buscaram uma boa formação¹¹².

No caso do intérprete de LIBRAS, não existe um país para o qual possa viajar a fim de conhecer a cultura surda ou sua língua. Existe o surdo à sua volta, reunido em sua comunidade, em seu clube, em escolas ou classes especiais. No entanto, não é aceitável que um intérprete não procure os surdos e que com ele não conviva ou estabeleça comunicação. Pois, aprender da LIBRAS não depende do estudo desta em livros ou de treinar a audição. Exige contato. Nisto o intérprete é diferente do tradutor.

¹¹² Paulo ALVES et alii, *Traduzir com autonomia*, p. 13.

Existem cursos de LIBRAS e de formação de intérpretes. Muitos destes são ministrados pelos próprios surdos o que já proporciona o contato com o surdo.

No mundo inteiro existem vários níveis de formação de intérpretes para a língua de sinais. É importante dizer que a língua de sinais não é universal. Cada país tem a sua língua de sinais. Acontecem casos em que dialetos e gírias surgem internamente nas comunidades surdas. Assim, sendo, temos casos em que o intérprete, mesmo bem formado, não atende certos sinais de alguns surdos. Faz-se necessária a presença do intérprete na comunidade surda. Ali ocorrerá a prática e a aquisição da língua de sinais e de suas variantes.

A preocupação em formar intérpretes surge a partir da participação ativa da comunidade surda na comunidade em que está inserida. Uma vez que a lei da LIBRAS está aprovada, depende dos surdos fazerem-se presente na comunidade ouvinte, exigindo intérpretes e estimulando sua formação.

5.4.3 - O Código de Ética

A atividade do intérprete cresceu, bem como os seus desafios. Os intérpretes também passaram a se organizar. Grupos, centros, associações de intérpretes, encontros, seminários já são realidades presente em nossos dias. Assim sendo, faz-se necessário unificar certas posturas, atitudes e comportamentos em relação aos intérpretes.

Aos intérpretes cabe a responsabilidade de atuarem, na tradução do português para a LIBRAS ou na versão da LIBRAS para o português, com franqueza e honestidade de aptidões, ou seja, desempenharem naquilo que realmente sabem traduzir e estão aptos.

É claro que um intérprete nunca deixará de atender a necessidade de comunicação do surdo. Buscará ser o elo na comunicação entre os "dois mundos" de forma mais pertinente

possível. Porém, caso não se ache preparado para interpretar o assunto ao qual foi chamado ou caso haja a possibilidade de outro intérprete realizar "melhor" certa tradução ou versão, ao intérprete cabe reconhecer com modéstia, sinceridade e humildade a sua limitação.

Visando uma melhor convivência e garantia de melhor desempenho profissional, existe um Código de Ética dos intérpretes da LIBRAS. Abaixo, transcrevo o Código de Ética do Intérprete, obtido pela Internet, a partir do site:

http://www.feneis.com.br/interpretes/codigo_etica.shtml

- 1) O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confidente e de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidenciais e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas à ele;
- 2) O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja perguntado pelo grupo a fazê-lo.
- 3) O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar os limites da sua função particular - de forma neutra - e não ir além da sua responsabilidade.
- 4) O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e usar prudência em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas.
- 5) O intérprete deve adotar uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função;
- 6) O intérprete deve ser remunerado por serviços prestados e se dispor a providenciar serviços de interpretação, em situações onde fundos não são disponíveis.
- 7) Acordos a níveis profissionais devem ser remuneração de acordo com a tabela de cada estado, aprovada pela FENEIS;
- 8) O intérprete jamais deve encorajar pessoas surdas a buscarem decisões legais ou outras em seu favor;

9) O intérprete deve considerar os diversos níveis da Língua Brasileira de Sinais.

10) Em casos legais, o intérprete deve informar à autoridade quando o nível de comunicação da pessoa surda envolvida é tal, que a interpretação literal não é possível e o intérprete, então, terá de parafrasear de modo crasso o que se está dizendo para a pessoa surda e o que ela está dizendo à autoridade.

11) O intérprete deve se esforçar para reconhecer os vários tipos de assistência necessitados pelo surdo e fazer o melhor para atender as suas necessidades particulares.

12) Reconhecendo a necessidade para o seu desenvolvimento profissional, o intérprete deve se agrupar com colegas profissionais com o propósito de dividir novos conhecimentos e desenvolvimentos, procurar compreender as implicações da surdez e as necessidades particulares da pessoa surda alargando sua educação e conhecimento da vida, e desenvolver suas capacidades expressivas e receptivas em interpretação e tradução.

13) O intérprete deve procurar manter a dignidade, o respeito e a pureza da Língua de Sinais. Ela também deve estar pronto para aprender e aceitar sinais novos, se isto for necessário para o entendimento.

14) O intérprete deve esclarecer o público no que diz respeito ao surdo sempre que possível, reconhecendo que muitos equívocos (má informação) tem surgido por causa da falta de conhecimento do público na área da surdez e comunicação com o surdo.

Além do Código de Ética existe uma preocupação quanto à postura do intérprete. Caso em que um intérprete de LIBRAS venha a escandalizar a atividade profissional e com isto a comunidade surda, sua cultura e língua não é considerado impossível.

Buscando evitar e também normatizar aspectos sobre a postura do intérprete, foi elaborada uma "regulamentação" sobre a postura do intérprete. Abaixo, transcrevo o texto sobre a postura do intérprete, extraído da Internet, disponível no site:

<http://www.feneis.com.br/interpretes/postura.shtml>:

5.4.4 - Postura do intérprete

O intérprete é a pessoa em que o surdo mantém extrema confiança. Tanto profissional como pessoal. O intérprete deverá ser pessoa íntegra. O intérprete deverá somente interpretar e não dar aula de sinais ou em sala de aula substituindo o professor numa escola. Isso foge ao código de ética. O intérprete precisa acima de tudo Ter ética profissional.

O intérprete precisa interpretar em qualquer lugar, sem preconceito. Como: grupo de conscientização homossexuais, repartições públicas, religiões diversas. O intérprete, respeitando a cada religião, deverá seguir a consciência e o coração. Mesmo que não seja de acordo. Deverá se manter em seu profissionalismo. Após chegar em casa sozinho, deverá "explodir".

O intérprete deverá manter sigilo quando for acompanhar o surdo em outro lugar sem revelar o nome e o local. Somente dentro do seu local de trabalho. O intérprete deverá sempre ceder seu espaço: ser humilde, sem rancor, convencimento ou orgulho próprio. O intérprete precisa ser a voz do surdo e a voz do ouvinte. Somente interpretar as duas partes sem Ter que dar opinião própria.

O intérprete deverá sempre fazer curso de capacitação para aperfeiçoar o mundo de LIBRAS e aprimorar seu conhecimento a cultura surda e na sua profissão. Não adianta somente ser filho de pais surdos ou ter parentes surdos. É preciso Ter conhecimento de gramática e lingüística. O intérprete deverá Ter expressão facial para que o surdo possa entender melhor a situação, e Ter postura: não "socar o ar", não ser exagerado na interpretação como: mãos fora do corpo, como se fosse chamar a atenção. E não "dançar" numa palestra, discurso formal.

O intérprete sempre vestirá a camisa do intérprete: ser sempre sigiloso e modesto. O intérprete deverá sempre ser respeitado e respeitar o próximo. O intérprete deverá ter intervalo de vinte em vinte minutos para interpretar. Sempre trabalhar bem em equipe, orientando e apoiando uns aos outros. Evitar virar mercado de trabalho, pois algumas cooperativas e oficinas não estão sabendo usar de bom senso, pois prejudicam o trabalho do outro intérprete em grupo. O intérprete é a voz do Surdo, a partir disso ele se torna um "Profissional".

6.0 - CONCLUSÃO

Ver o surdo como deficiente é não querer aceitar sua cultura nem sua identidade. Considerá-lo incapaz de aprender e de se comunicar é desconsiderar os avanços e as conquistas que foram obtidos. Não permitir o uso da LIBRAS é banir o surdo da convivência na comunidade ouvinte e da própria comunidade surda. Não permitir aos surdos os mesmos direitos que os ouvintes têm é permanecer numa atitude dominante e desrespeitosa que foi tomada no passado e que hoje não pode, de forma alguma, ser repetida.

Os surdos devem, precisam e podem compartilhar vida tanto entre a sociedade ouvinte quanto entre a sua própria comunidade e cultura. Para tanto, a sua forma de comunicação, a língua de sinais, deve ser respeitada e aceita.

A fim de auxiliar o surdo a andar nesta direção existem leis e profissionais que estão entre a sociedade como seu amparo e ajuda. Os surdos, hoje, são pessoas com direitos e deveres, tem sua cultura e comunidade reconhecida, e com uma língua a ser respeitada e usada.

II - IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS NO TRABALHO COM OS SURDOS

1.0 - INTRODUÇÃO

Tendo abordado, no capítulo anterior, a história da deficiência, a cultura e a comunidade surda, apresento neste capítulo algumas implicações teológicas relacionadas com o trabalho com os surdos pela Igreja¹¹³.

O que falar a respeito de Deus para uma pessoa com deficiência, no caso surda? Qual a sua relação com o pecado original? Seria a deficiência um castigo divino? Assim, quero abordar a deficiência vista a partir da teologia da cruz e seu propósito divino, bem como a atitude de Jesus e da Igreja para com os surdos.

Através da reflexão teológica, baseada no ensino bíblico, buscar-se-á enfatizar a necessidade e a importância da Igreja de trabalhar com pessoas surdas, bem como o amor e cuidado de Deus com os surdos.

2.0 - A DEFICIÊNCIA DO PONTO DE VISTA TEOLÓGICO

A teologia também se preocupa com a questão das deficiências, até porque ela é questionada sobre o porquê de sua existência. Qual a visão da deficiência que a Bíblia

113 Por Igreja, neste capítulo, refiro-me ao povo cristão, sua presença e sua organização visível enquanto corpo de Cristo, independente de denominação.

apresenta? Mas, será que é possível responder à pergunta: o porquê da deficiência?

2.1 - A pessoa com deficiência na Bíblia

Na Bíblia encontramos diversos versículos que citam pessoas com deficiência. Estes versículos revelam tanto cuidado quanto desprezo. Sobretudo, ressalta o cuidado e a preocupação que Deus tem com relação às pessoas com deficiência.

A referência que o Povo de Israel tinha para com a pessoa com deficiência, a partir de povos vizinhos, era de atitudes contrárias à vida: eliminação, afastamento, discriminação. Porém, de Deus eles têm o pedido de preservação, cuidado e amor.

Deus vê a pessoa com deficiência e não a deficiência. Isto significa que Deus não faz diferença entre as pessoas, quer por sua apresentação externa, raça, cor ou aptidão, nem tão pouco por sua situação física, mental ou sensorial. Deus não faz acepção de pessoas, "*Pois ele trata a todos com igualdade*" (Rm 2.11 - NTLH), e, "*pertencem ao mesmo Senhor, que está no céu, o qual trata a todos igualmente*" (Ef 6.9 - NTLH).

À primeira vista, alguns poderiam levantar argumento contrário e dizer que Deus desprezava a deficiência. Isto, baseado em leis como a que encontramos no livro de Lv 21.18-21, no qual diz:

Nenhum homem com defeito físico poderá apresentar as ofertas: cego, aleijado, com defeito no rosto ou com o corpo deformado: ninguém com uma perna ou braço quebrado; ninguém que seja corcunda ou anão, ninguém que tenha doença nos olhos ou que tenha sarna ou outra doença da pele; e ninguém que seja castrado. Nenhum descendente do sacerdote Arão que tiver algum defeito poderá me apresentar as ofertas de alimento; se ele for defeituoso, estará proibido de oferecer o meu alimento. (NTLH)

Primeiramente, destaco a enorme e detalhada lista de deficiências. Entre elas se encontram doenças, enfermidades graves e prolongadas ou mesmo temporárias; deficiências

adquiridas ou de nascença. Porém, o texto apresenta leis voltadas aos sacerdotes. Os sacerdotes levavam e realizavam os sacrifícios no lugar sagrado, e

a santidade de Deus requer a santidade dos sacerdotes (...) estão sujeitos a determinações e impedimentos especiais (...) tinha-se cuidado para que impureza e imperfeição não 'maculassem' o rito sagrado¹¹⁴.

Kilpp aponta a santidade de Deus, a qual figurava através dos sacerdotes. Neste sentido ainda diz que "aquilo ou aquele que não é 'íntegro' fisicamente (*shalem*) não pode trazer ou garantir a 'integridade' da comunhão, a paz, a felicidade (*shalom*)"¹¹⁵.

Diante do impedimento ao serviço sacerdotal por uma pessoa com deficiência, fica a curiosidade sobre como um descendente da linhagem sacerdotal, sendo uma pessoa com deficiência, conseguia sobreviver? Ela era eliminada do meio sacerdotal? Kilpp diz que não. Chamando atenção ao cuidado dispensado aos filhos dos sacerdotes que, quando nasciam ou adquiriam alguma deficiência, não deixavam de receber o seu sustento, escreve: "este parece ser um dos exemplos mais antigos de assistência organizada ao deficiente - é claro, restrita à classe sacerdotal"¹¹⁶.

Entre as leis que Deus dá ao seu povo está o cuidado, e até mesmo a valorização do surdo e cego. Lemos em Levítico 19.14: "*Não amaldiçoe um surdo, nem ponha na frente de um cego alguma coisa que o faça tropeçar. Tenha respeito para comigo, o seu Deus. Eu sou o SENHOR*" (NTLH). As atitudes de deboche, de desprezo e de provocação, que existiam em outros povos, são combatidas por Deus em sua lei, dada ao Povo de Israel.

Quanto ao cego, mais especificamente, podemos ler em Dt 27.18: "*Maldito seja aquele que fizer um cego errar o caminho! E o povo responderá: Amém.*" (NTLH). Kilpp ressalta que o

¹¹⁴ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 41.

¹¹⁵ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 41.

¹¹⁶ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 44.

"Amém" era o comprometimento do povo de realmente expulsar de seu meio aqueles que viessem a transgredir a lei.

No Antigo Testamento, a atenção dada ao filho de Jônatas com deficiência física, Mefibosete, é um belo exemplo de cuidado à pessoa com deficiência. O rei Davi, em atenção à casa de Saul, pela amizade que teve com Jônatas, entrega os bens de seu avô Saul e diz: *"você será sempre bem-vindo à minha mesa"* (2 Sm 9.7 - NTLH).

O Novo Testamento mostra Jesus voltando-se aos pobres, aos enfermos e, também, às pessoas com deficiência. O envolvimento de Jesus com pessoas excluídas e com deficiência lhe era característico. Ele as tocava, conversava com elas, as ouvia, as ajudava e, também, as curava. Muitas vezes, isto as reintegrava ao convívio com suas famílias e com a sociedade.

Porém, por parte da sociedade de então, há atitudes completamente contrárias. Silva escreve: "o destino dos deficientes era esmolar para conseguir sobreviver. Os cegos, os amputados, os paralíticos pelas variadas causas, ficavam expostos nos caminhos, rua e praças"¹¹⁷. Pelo que se lê, eram tolerados. Tanto parábolas quanto relatos, indicam que as pessoas pobres e com deficiência se encontravam nos becos, nas ruelas, nos caminhos, nas praças... (cf. Mt 22.9; Lc 14.21).

2.2 - As causas

As causas da deficiência são inúmeras. Para alguns, elas estavam relacionadas diretamente com questões espirituais; já para outros, as causas estavam no ser humano e na área da saúde, gerando certo medo - especialmente quanto ao contágio. Por isso, enumero duas causas da existência das deficiências: humanas e espirituais.

¹¹⁷ Otto Marques da SILVA, *A Epopéia Ignorada*, p. 86.

2.2.1 - Causas humanas

Por causas humanas entendo o que pesa sobre o ser humano como responsabilidade e participação no aparecimento das deficiências. Isto significa encontrar no ser humano o agente causador da deficiência em seus atos, opções e decisões.

O ser humano comete males significativos à sua própria existência e às gerações seguintes. Quer em suas atitudes, em sua forma de vida, quer na luta pela subsistência ou preservação. Nisto, resultam deficiências - físicas, mentais ou sensoriais - imediatas ou posteriores, para consigo mesmo, ao próximo ou às gerações seguintes.

Quais seriam as causas humanas? Listo algumas: a falta de higiene, consangüinidade, guerras, enfermidades, experimentos laboratoriais, acidentes... Diante disto, a deficiência encontrava, especialmente na antiguidade, referenciais estatísticos muito elevados, sendo que, ainda hoje, tais fatores são grandes causadores da deficiência.

A responsabilidade e a participação do ser humano fica evidente no elevado número de mutilações físicas e danos mentais e sensoriais causados aos seres vivos, em geral, decorrentes das disputas de território e de poder! Ou ainda, pelo uso de medicamentos, drogas ou elementos químicos que resultaram em comprometimentos físicos, mentais ou sensoriais em inúmeras pessoas e às suas gerações posteriores. Conscientes ou não, por maldade ou não, como tratamento contra doenças ou não, o ser humano, em muito, colaborou e participou no aparecimento de várias deficiências.

Kilpp escreve que

No Antigo Oriente Médio e no Israel do Antigo Testamento, doenças e deficiências físicas eram bem mais freqüentes do que comumente se pensa quando se lê a literatura da época. Precárias condições higiênicas, sanitárias e medicinais não raramente eram causa de pestes, que podiam reduzir

drasticamente a população, e de doenças, que levavam a lesões físicas permanentes.¹¹⁸

Ao apontar tais causas, questiono: mas hoje, com o avanço da tecnologia e da medicina, por que tais causas não foram dizimadas? Encontraremos como o responsável o ser humano. Em diferentes governos, as áreas políticas, econômicas e sociais nem sempre são tão eficazes quanto deveriam ser ou quanto se desejaria que fossem. Desvios de verbas públicas e políticas interesseiras, aspectos econômicos e sociais, prejudicam a vida do próprio ser humano. E por quê? Por que, sabendo das causas, não se pode barrar, evitar, impedir as deficiências?

2.2.2 - Causas espirituais

As causas humanas para as deficiências não são as únicas. O que leva o ser humano a agir assim? Por que não consegue afastar ou eliminar estas causas? Uma resposta possível aponta para a causa das causas: a causa espiritual. Nela se encontrará não só o por quê, mas também, a primeira causa.

As causas espirituais nos remetem a relação do espírito, da alma, com Deus. Surge, daí, a idéia de culpa, de participação, de vingança.

Às causas espirituais, incluem-se as intrigantes perguntas: "Deus, por que isto?". Ou: "Por que Deus fez isto conosco?". Ou ainda: "O que fiz para ser assim?". "Deus é que dá e faz a deficiência?". Nem sempre se tem resposta direta. Assim, faz-se necessário uma reflexão sobre a existência do ser humano e de Deus.

2.3 - Deus, culpado pela deficiência?

A idéia de culpa, normalmente está relacionada com algo negativo. Dificilmente, o termo culpa seria usado em casos positivos. Assim, diante da deficiência, vista de forma negativa, busca-se o culpado. Isto é praticamente inevitável.

¹¹⁸ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 38.

No entanto, nem sempre o motivo ou a causa é encontrada. Por isso, na falta de algum culpado, o ser humano volta-se a Deus, a quem atribui o dom da vida e suas condições, não para o questionar, mas para o acusar como culpado. Deus seria culpado pela deficiência? Seria ele o agente causador?

Entre esta reflexão, abordo a teologia da cruz de Lutero, bem como o "para quê" de Deus para uma pessoa com deficiência.

2.3.1 - A existência de Deus

A Bíblia diz que Deus criou o universo. "*Ele é o criador de todas as coisas*" (Jr 10.16 - ARA); "*pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias (...)* Tudo foi criado por meio dele e para ele" (Cl 1.16 - ARA).

Há quem se coloque contrário ao relato bíblico da criação. No entanto, no interior do coração e da consciência humana, cristã ou não, existe um conhecimento da existência de Deus, do Ser Superior, como um "acusar na consciência".

Com respeito a isto, Watson escreve o seguinte:

Existem, segundo Lutero, duas espécies de conhecimento de Deus - *duplex est cognitio Dei*. Um deles ele descreve como "geral" e sustenta que todos os homens o possuem. O outro, que ele chama de "particular" ou "próprio" (*proprius*), é o conhecimento dado em e através de Cristo.¹¹⁹

É este conhecimento geral que leva as pessoas a saberem da existência de um Deus. Também as leva a questionarem este Deus sobre suas vidas; e, sobre o porquê da deficiência. Isto não significa que reconheçam o Deus bíblico como o Criador do universo. O conhecimento geral de Deus, leva as pessoas a criarem um Deus "para si", conforme suas concepções e especulações.

Disto, resultam as inúmeras manifestações e concepções a respeito de Deus. Watson escreve que "eles formam as suas

¹¹⁹ Philip S. WATSON, *Deixa Deus ser Deus*, p. 99.

próprias idéias em relação a seu caráter e moldam a sua própria atitude com respeito a ele"¹²⁰. Lemos em Rm 1.25: "*pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!*" (ARA).

Lutero, com respeito a Paulo dizer que os Gálatas não conheciam a Deus antes da proclamação do evangelho, diz:

Respondo que há um duplo conhecimento de Deus, um geral e o outro, particular. Todos os homens têm o conhecimento geral, a saber que há um Deus, que ele criou os céus e a terra, que ele é justo, que castiga os ímpios. No entanto, o que Deus pensa de nós, qual é a sua vontade a nosso respeito, o que ele nos quer dar ou o que ele quer fazer para nos livrar do pecado e da morte, e para nos salvar (que é, na verdade, o verdadeiro conhecimento de Deus), isto eles não conhecem.¹²¹

Isto aponta os erros e os enganos do ser humano com respeito a Deus. Há um conhecimento particular de Deus, diferente do conhecimento geral. Lutero acrescenta que este na verdade, é o verdadeiro conhecimento de Deus. Assim Watson diz que "Desse ponto de vista, não é nenhum exagero dizer que, sem o conhecimento particular, (...), os homens não conhecem a Deus de forma alguma"¹²². Lutero, exemplificando, diz que o conhecimento de Deus é limitado ao ser humano assim como "aquele homem não conhece um príncipe, conhecendo apenas seu poder e sua riqueza, mas somente este, que conhece os afetos e todos os conselhos de tal príncipe"¹²³.

Ao questionar Deus sobre a deficiência, o ser humano está, de certa forma, culpando a Deus em relação a tal deficiência. Culpar a Deus revela a falta de conhecimento sobre quem é Deus e o que ele faz. Este é o conhecimento geral de Deus.

Para entender Deus e sua relação com a deficiência, faz-se necessário o conhecimento particular de Deus. Este conhecimento está na Bíblia. E a Bíblia aponta o conhecimento

¹²⁰ Philip S. WATSON, *Deixa Deus ser Deus*, p. 102.

¹²¹ Philip S. WATSON, *Deixa Deus ser Deus*, p. 100.

¹²² Philip S. WATSON, *Deixa Deus ser Deus*, p. 103.

¹²³ Philip S. WATSON, *Deixa Deus ser Deus*, p. 103.

particular de Deus somente em Cristo. Conforme Lutero "Cristo é o único meio e, como se poderia dizer, o espelho através do qual vemos a Deus, isto quer dizer, através do qual conhecemos a sua vontade"¹²⁴.

Muitos versículos destacam esta verdade, dos quais destaco Jo 17.3: "*A vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*" (ARA), associado ao que Jesus diz: "*Eu e o Pai somos um*" (Jo 10.30 - ARA) e: "*Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja*" (Jo 17.26).

Por que somente é possível conhecer Deus através de Cristo, na Bíblia? Para tal necessita-se conhecer um pouco da história da criação e sobre a queda em pecado.

2.3.2 - Criação, Queda e Imagem de Deus

A Bíblia, Palavra de Deus "*inspirada pelo Espírito Santo*" (2 Tm 3.16 - ARA), relata em suas primeiras páginas sobre a gênese do universo. Estas páginas apontam a Deus como o criador de tudo e todos, o qual, pela sua palavra, do nada, tudo criou¹²⁵.

Deus criou o mundo bom. Ao final de cada dia criado, lemos no primeiro capítulo de Gênesis: "*E viu Deus que isso era bom*". Deus, santo e puro, criou o mundo de tal forma que em tudo havia glória e santidade. Ao homem, Deus o criou conforme a sua imagem (Gn 1.27). Em que consistia esta imagem de Deus? "*Consistia em bem-aventurado conhecimento de Deus (Cl 3.10) e em perfeita justiça e santidade de vida*"¹²⁶. No coração do homem não havia maldade. Ele era santo. Todavia, tinha

¹²⁴ Philip S. WATSON, *Deixa Deus ser Deus*, p. 103.

¹²⁵ Edward W. A. KOEHLER, *Sumário da doutrina cristã*, p. 36.

¹²⁶ Edward W. A. KOEHLER, *Sumário da doutrina cristã*, p. 47.

liberdade diante de Deus, inclusive de agir contra Deus. Era-lhe possível pecar e não pecar¹²⁷.

Deus havia dado ao homem uma lei: não comer do fruto da árvore do meio do Jardim do Éden, sob pena de morrerem caso o comessem (Gn 3.3). Porém, a lei não foi cumprida. O terceiro capítulo de Gênesis traz o relato da queda em pecado por Adão e Eva. Descumpriram ao mandamento de Deus e transgrediram "virtualmente toda a lei, porque com isso romperam o limite traçado pela lei moral"¹²⁸. O ser humano colocou-se assim, em oposição a Deus e rompeu a união e comunhão espiritual que havia entre Deus e o ser humano. "O resultado imediato da queda no pecado foi a perda da imagem de Deus. Tendo pecado, já não era santo; sendo culpado, já não era inocente"¹²⁹.

Esta desobediência, trouxe conseqüências terríveis sobre a humanidade e afetou toda a criação. Desde então, todos os seres humanos nascem sob a justa ira de Deus, e, como pecadores, estão sob a condenação eterna, qual seja, a morte física e espiritual. Pelo fato de cederem, consciente e voluntariamente, à tentação do Diabo, a responsabilidade da queda não estava em Deus, mas em Adão e Eva. Neles está a culpa pela quebra da santa comunhão com Deus e a perda da imagem divina. A partir de então, todos nascem com o pecado em si, por isso, inclinados ao pecado. E não somente isto; sofrem as conseqüências do pecado.

No Catecismo Menor, pergunta 100, lemos:

O que é o pecado original? O pecado original é o pecado que herdamos de Adão, isto é, a completa corrupção de toda a natureza humana, agora privada da justiça original, inclinada para todo o mal e sujeita à condenação.¹³⁰

Mais adiante, as perguntas sobre a imagem divina e a sua perda são relevantes:

¹²⁷ Edward W. A. KOEHLER, *Sumário da doutrina cristã*, p. 47.

¹²⁸ Edward W. A. KOEHLER, *Sumário da doutrina cristã*, p. 48.

¹²⁹ Edward W. A. KOEHLER, *Sumário da doutrina cristã*, p. 48.

¹³⁰ Catecismo Menor (trabalhado por Schwahn), p. 68.

124. Em que consiste a imagem divina? A imagem divina consiste em bem-aventurado conhecimento de Deus e em perfeita justiça e santidade.

125. Ainda possuímos esta imagem divina? A imagem divina perdeu-se pelo pecado de Adão; e, na verdade, renovada rudimentarmente nos crentes, mas só será restabelecida plenamente na vida eterna.¹³¹

Loewenich, nesta concepção, escreve:

É verdade que o ser humano por natureza está equipado com o intelecto, mas toda a capacidade anímica superior do mesmo está enfraquecida em alto grau pelo pecado original. O pecado está em que com sua natureza superior, o ser humano afastou-se das "coisas invisíveis" para as "coisas visíveis". Corrompeu-se assim a capacidade que o intelecto tem de conhecer coisas transensoriais. Ela só pode ser restaurada pela graça.¹³²

O pecado não somente afetou o relacionamento com Deus e o conhecimento de Deus, mas colocou tanto o ser humano como toda a criação em situação de *"maldita é a terra por tua causa"* (Gn 3.17 - ARA). O pecado trouxe fadiga, cardos e abrolhos, suor e morte (Gn 3.17-19). Isto não é culpa de Deus, mas é consequência do pecado que entrou no mundo, pela desobediência do ser humano.

Diante deste quadro de perdição e maldição, Deus traça um caminho de reconciliação. Aponta para um recriar. Este caminho é prometido por Deus a Adão e Eva, aos patriarcas e ao Povo de Israel. Vem ao mundo através de Maria. Vive entre os que estão no mundo e dá a sua vida na cruz em favor de toda a humanidade. Este caminho restaura a imagem de Deus. Pela fé ela se dá já nesta vida, e, plenamente, no céu com Deus. Este caminho é Jesus Cristo: *"Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim"* (Jo 14.5 - ARA).

Assim, o que Watson expõe a partir de Lutero torna-se relevante. O ser humano pode ter o conhecimento geral de Deus, porém, o conhecimento particular de Deus somente é possível através de Cristo e em Cristo. Nele, vemos que apesar de todas as mazelas e imperfeições, maldades e atrocidades, guerras e

¹³¹ Catecismo Menor (trabalhado por Schwahn), p. 78.

¹³² Walther Von LOEWENNICH, *A Teologia da Cruz de Lutero*, p. 55.

inimizades que o pecado traz sobre a criação e o ser humano, Deus age sempre com amor: em seu favor e em seu amparo. Em Cristo Jesus há reconciliação, entre Deus e o ser humano, e salvação para toda a humanidade. Também na deficiência, esta ação de Deus se faz perceber: cuidado, amor e salvação.

A partir do que a Bíblia nos mostra sobre Deus, podemos dizer que Deus não é culpado pela deficiência. Ela está entre o mundo, no ser humano, como uma condição possível, assim como qualquer outra situação adversa: guerra, acidente, doenças, terremotos, inundações.

2.4 - Existe justificativa teológica para a deficiência?

Não é em Deus que está a causa da deficiência, tão pouco Deus é o culpado dela existir. No entanto, poderia-se questionar: Existe uma justificativa teológica para a deficiência? Ou ainda, onde está Deus que não impede a deficiência? Como entender alguns versículos bíblicos, tais como estes: "*Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim*" (Ap 21.6 - NTLH); e, "*Eu sou o Criador da luz e da escuridão e mando bênçãos e maldições; eu, o SENHOR, faço tudo isso*" (Is 45.7 - NTLH).

Os versículos apontam para o poder de Deus, sua soberania, sua participação eterna em tudo. Sendo assim, se Deus não cria a deficiência, por que ela existe? Existe uma resposta?

O que podemos encontrar na Bíblia que nos pode justificar o por que da deficiência? Diria que não há uma resposta específica. Kraus, diz: "Por que a surdez? Algum cristão ousaria tentar responder esta audaciosa pergunta? Sim, Eu creio que o Cristão tem obrigação de ocupar-se com tal questão, assim como Jó fez com seu sofrimento"¹³³.

¹³³ George KRAUS, *The Biblical incentive for Deaf Mission*, p. 82. "Why deafness? Dare any Christian attempt to answer this bold question? Yes, I believe the Christian has an obligation to address himself to this question as Job did to personal suffering"

Kraus ressalta que o cristão deve se ocupar com esta pergunta, quem sabe, por conhecer versículos como os colocados acima. Porém, dar respostas parece ser algo diferente. Kraus, continuando, diz: "Não, não creio que algum cristão pode chegar a um surdo ou mesmo a um grupo de surdos e dizer: 'Eu sei por que Deus permitiu que você fosse surdo'"¹³⁴. E segue dizendo que temos algumas respostas, porém, nem todas.

Creio que não seja possível dar uma justificativa teológica para aquilo que está reservado à mente e vontade de Deus, sem que ele nos tenha revelado.

Deus é Deus. Senhor de tudo e todos. Criador de tudo. Por este motivo ele é questionado diante daquilo que parece ser oposto ao que conhecemos de sua vontade que sempre é boa e de bem. Deus é bom, "Ninguém é bom senão um, que é Deus" (Mc 10.18 - ARA). Por isso, quando algo não é bom aos olhos humanos, Deus é questionado. Há uma resposta para isto? Althaus, comentando Lutero, escreve:

Para Lutero, a afirmação de que Deus é Deus, inclui implicitamente o fato de que ele opera sozinho tudo em todos, e nisto está incluído sua onisciência. Isto não determina somente o destino externo do ser humano, mas também o interno.¹³⁵

Complementando, diz: "A escolha de Deus não é baseada na condição do indivíduo, pois Deus estabelece esta condição"¹³⁶.

O uso do termo "estabelece" parece ser complicador. Porém, ao Deus estabelecer algo, não significa que Deus cria o que estabelece. "estabelece" poderia ser entendido como um permitir que se revele ou que se manifeste. Assim, Deus estabelece algo a partir do que já existe.

¹³⁴ George KRAUS, *The Biblical incentive for Deaf Mission*, p. 82. "No, I do not believe any Christian can point to a single deaf person or even to a group of deaf and say, 'I know why God let you be deaf!'"

¹³⁵ Paul ALTHAUS. *The Theology of Martin Luther*, p. 274. "For Luther the assertion that God is God implicitly includes the fact that God alone works all in all together with the accompanying foreknowledge. This determines not only man's outward but also his inner fate, his relationship to God in faith or unfaith, in obedience or disobedience"

¹³⁶ Paul ALTHAUS, *The Theology of Martin Luther*, p. 274. "God's choice is not based on the individual's condition; it establishes this condition"

Poderia-se dizer que a deficiência já existe, sua causa foi apresentada. No entanto, ela não se faz presente em alguém sem que Deus a permita.

Não temos resposta a todas as perguntas, entre as quais estão: Por que comigo? Ou, por que Deus não evitou isto? O saber é de Deus. Os seus pensamentos e a sua vontade, nem sempre são passíveis de compreensão humana: "Como é difícil entender os teus pensamentos" (Sl 92.5 - NTLH). Ao ser humano, o saber sobre Deus está ligado com o que Deus revela.

Dizer que nada foge à permissão de Deus, significa ressaltar o senhorio de Deus sobre tudo. Caso contrário, se aceitaria o fato de que o mau, o diabo, age livremente conforme a sua vontade e seus propósitos. Isto seria o mesmo que dizer que existem dois poderes ou forças opostas que disputam entre si, o que não confere pela Bíblia.

Para Deus tudo é possível, inclusive usar o que é mau ao ser humano, para que os seus propósitos de bem cheguem a ser alcançados. A história de Jó talvez possa ser o mais adequado exemplo, seguido da própria obra de Cristo, sua morte na cruz, a fim de alcançar o bem maior: salvação e vida eterna. Isto é prova de amor. Isto não é entendido pela mente humana.

No entanto, é o que Deus revelou. Porém, Lutero dá ênfase ao Deus oculto, abscôndito¹³⁷, um Deus que age de forma contrária ao que lhe é próprio. "O teólogo da cruz, diz ele, é aquele que fala do Deus crucificado e oculto e ele mesmo contrasta o 'Deus oculto em seus sofrimentos' com o 'Deus manifesto a partir de suas obras'"¹³⁸.

O porquê da deficiência e o porquê de Deus permitir a deficiência está relacionado com o Deus oculto, abscôndito. Porém, compreender os motivos e a ação de Deus não é alcançável ao ser humano, senão pela fé, que tudo crê e

¹³⁷ Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 113.

¹³⁸ Philip S. WATSON, *Deixa Deus ser Deus*, p. 139.

aceita. Mais à frente, tal pensamento é abordado sob a ênfase da teologia da cruz de Lutero.

George Kraus descreve o mundo como um mundo inclinado, doente e ferido pelo pecado¹³⁹. E é para este mundo que Deus vem em Cristo, de forma oculta, para alcançar salvação. "Ele, portanto, pode falar da divindade de Cristo como 'oculta' (*abscondita*) na humanidade"¹⁴⁰. Deus estava na morte, agindo em favor da vida.

Koehler, enumerando conseqüências que a queda em pecado trouxe ao ser humano, destaca:

- a) Dessa maneira, cessou a santa relação do ser humano com Deus.
- b) A relação moral do ser humano com o próximo está mudada.
- c) O domínio do ser humano sobre a natureza é reduzido.
- d) As faculdades mentais do ser humano perderam sua antiga perfeição, e ele enfraqueceu fisicamente.¹⁴¹

O ponto "d", poderia ser apresentado como uma justificativa do porquê da deficiência, mesmo que pareça ser mais uma causa. Uma vez em pecado, o homem encontra-se também em situação física vulnerável, enfraquecido, suscetível a doenças, enfermidades, imperfeições e deficiências.

O cuidado necessário ao apontar para o pecado como a causa, também para a deficiência, se faz em não confundi-la como castigo de Deus para com alguém. Assim, Schoessow escreve:

Nós também entendemos que enquanto doença é o resultado de viver em um mundo caído e talvez a conseqüência de nossa participação pessoal em sua queda (Sl 107.17; 1 Co 11.30), não

¹³⁹ George KRAUSE, *The Biblical Incentive for Deaf Mission*, p. 82.

¹⁴⁰ Philip S. WATSON, *Deixa Deus ser Deus*, p. 139.

¹⁴¹ Edward W. A. KOEHLER, *Sumário da Doutrina Cristã*, p. 48.

pode ser considerado um castigo que Deus aplica por causa de pecados pessoais (Sl 119.75; Jô 1-2; Is 53; Jn 3.1-3).¹⁴²

2.5 - Teologia da glória e teologia da cruz

Diante da deficiência, a teologia também é questionada, o que nos leva a dizer que Deus é questionado em seu procedimento.

Lutero, ao falar sobre teologia, faz uma distinção entre a teologia da glória e a teologia da cruz. A teologia da glória busca especulação religiosa, pois busca Deus a partir das obras na criação¹⁴³. Eis porque muitos buscam descobrir Deus questionando-o sobre a criação da deficiência. E isto pode ser um caminho perigoso.

Já a teologia da cruz, tira o olhar sobre as obras e diz que somente "através dos sofrimentos e da cruz"¹⁴⁴ é que Deus pode ser reconhecido. Para Lutero a teologia da cruz não é somente uma parte ou objeto de pesquisa, mas é realmente a marca de toda a teologia e integra todo o conhecimento cristão e ensino bíblico¹⁴⁵. Assim, na deficiência, Deus não é reconhecido ao se perguntar se ele a criou, mas em meio ao seu viver, ao seu sofrer.

A cruz de Cristo e a cruz do cristão formam uma unidade. O sentido da cruz não se revela ao pensar contemplativo, mas apenas à experiência sofredora. O teólogo da cruz não está posicionado como espectador em relação à cruz de Cristo, mas ele próprio é envolvido neste acontecimento. Ele sabe que Deus só pode ser encontrado na cruz e no sofrimento.¹⁴⁶

"`Cruz` e `sofrimento` representam em primeiro plano o sofrimento e a cruz de Cristo. Ao mesmo tempo, Lutero pensa na

¹⁴² David G. SCHOESSOW, *Sin, Sickness, and Salvation from Nazareth to Lake Wobegone*, p. 5. "We also understand that while sickness is the result of living in a fallen world and may be a consequence of our personal participation in its fallenness (Ps 107.17; i Cor 11.30), it is not to be considered a punishment that God applies because of one's personal sins (Ps 119.75; Job 1-2; Is 53; Jn 3.1-3)".

¹⁴³ Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 16.

¹⁴⁴ Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 16.

¹⁴⁵ Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 14.

¹⁴⁶ Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 111.

cruz do cristão".¹⁴⁷ Ele aproxima a experiência e vida de Cristo ao cristão.

Ao afirmar que o sofrimento faz parte da vida do cristão, a exemplo de Cristo, Lutero se opõem àqueles que querem fugir do sofrimento. Diz que os que assim agem são como teólogos da glória¹⁴⁸. A mesma relação faço quanto aos que não vêem Deus presente na surdez, mas afirmam que isto é presença do demônio e castigo de Deus. Daí, o apelo pela conversão ou ao exorcismo, objetivando a purificação e a glória.

Loewenich traz uma citação de Lutero:

O teólogo da glória, porém, (isto é, que não conhece, com o apóstolo, tão-somente o Deus crucificado e abscondido, mas com os gentios, vê e fala do Deus glorioso, de suas [coisas] invisíveis a partir das visíveis, [do Deus] onipresente e onipotente), aprende de Aristóteles que o objeto da vontade é o bem e que o bem é digno de amor, o mal, contudo, digno de ódio, razão pela qual Deus é o sumo bem sumamente digno de amor.¹⁴⁹

A busca por um Deus de glória e poder é freqüente. E quem não o quer? Diante da deficiência, quem não quer um Deus que a retire? Porém, a teologia da cruz nos revela um Deus de amor e amparo, consolo e força, justamente em meio à deficiência.

Jesus disse: "*No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo*" (Jo 16.33 - ARA). E, Paulo: "*fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus*" (At 14.22 - ARA). Deus disse para Paulo: "*A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza*" (2 Co 12.9 - ARA).

É a partir desta verdade bíblica que Lutero aponta para a vida do cristão em especial, como uma vida de provações, privações e tentações.

¹⁴⁷ Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 17.

¹⁴⁸ Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 112.

¹⁴⁹ Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 22.

Ninguém é perfeito ou sem-deficiência. Todos, apresentam limitações, imperfeições e deficiências. E cada qual, em sua realidade, poderá ver Deus agindo de forma ainda mais grandiosa, justamente em suas fraquezas. A deficiência física, mental ou sensorial, pode vir a dificultar ainda mais a vida, mas de forma alguma revela a ausência de Deus.

Com a teologia da cruz, Lutero resgata, mais do que qualquer outro teólogo, a idéia da cruz de Paulo, a partir da "palavra da cruz": "*Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus*" (1 Co 1.18).

Na teologia da cruz, Lutero expõe o Deus velado, escondido, oculto. Loewenich, escreve:

Deus se revela de forma velada; a sabedoria de Deus se apresenta às pessoas humanas como tolice; a força de Deus vem a se consumir na fraqueza; a glória de Deus pode ser contemplada na humildade; a vida de Deus se torna poderosa na morte de seu Filho.¹⁵⁰

Ao Jesus responder a indagação dos discípulos acerca da cegueira (Jo 9, comentado mais abaixo), ele mostra o propósito de Deus em revelar o seu poder e a sua glória. Entender isto, somente é possível quando for entendida a teologia da cruz. Porém, fazer da fé em Cristo um caminho para a cura da deficiência física é viver uma teologia da glória.

Os propósitos de Deus são sempre de bem, mesmo que estes se dêem por situações adversas à vida, contrárias ao que se espera de Deus. Paulo escreve "*quando sou fraco, então, é que sou forte*" (2 Co 12.10 - ARA).

2.6 - O uso do termo surdo na Bíblia

Destaco, na Bíblia, dois significados para o termo *surdo*. O primeiro é o que se refere à pessoa sem o sentido da audição, à deficiência física no funcionamento do aparelho

¹⁵⁰ Walther Von LOEWENICH, *A Teologia da Cruz de Lutero*, p. 8.

auditivo: *"Então, lhe trouxeram um surdo e gago e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele"* (Mc 7.32 - ARA).

O segundo significado é o que se refere à pessoa que, tendo em perfeito e pleno funcionamento o aparelho auditivo, opta por não "dar ouvido". Este não ouvir, também pode ser entendido como o "não aceitar" de algo ou alguém: *"Mas os filhos de Belial disseram: Como poderá este homem salvar-nos? E o desprezaram e não lhe trouxeram presentes. Porém Saul se fez de surdo"* (1 Sm 10.27 - ARA).

Na Bíblia encontram-se inúmeras referências àqueles que não querem ouvir o Evangelho de Cristo. Ouvem com os seus ouvidos, mas não o querem "ouvir com o coração", ou seja, fazem-se surdos à pregação da Boa Nova da salvação em Cristo. Aqui, o termo surdo é classificado como: surdo espiritual.

Cabe ressaltar que ser "surdo espiritual" não se refere somente ao que tem ouvidos e não quer ouvir. Mas é a atitude natural do ser humano: ser surdo para com Deus, o que também se refere ao surdo enquanto deficiente físico.

No entanto, o seu uso aponta casos específicos: *"Traz o povo que, ainda que tem olhos, é cego e surdo, ainda que tem ouvidos"* (Is 43.8 - ARA).

A diferenciação entre um e outro nem sempre é clara. Por vezes, o significado pode ser tanto um quanto outro, ou por vezes, não se pode dar a certeza de um ou de outro. Por exemplo em *"Surdos, ouvi, e vós, cegos, olhai, para que possais ver. Quem é cego, como o meu servo, ou surdo, como o meu mensageiro, a quem envio? Quem é cego, como o meu amigo, e cego, como o servo do SENHOR?"* (Is 42.18,19 - ARA).

Por vezes, o termo surdo no Antigo Testamento, se refere ao mudo. Escreve Kilpp: "O termo hebraico (*heresh*) designa geralmente o surdo, podendo, no entanto, também qualificar o

mudo - o que é compreensível, já que as duas deficiências estão, muitas vezes, interligadas"¹⁵¹.

A primeira vez que podemos ver uma referência ao termo *surdo* na Bíblia é no livro de Êxodo: "*Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu o SENHOR? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar*" (Ex 4.11,12 - ARA).

2.7 - Compreendendo o texto de Êxodo 4.11-12

Deus permite a deficiência, porém não a cria. Como entender, então, o texto de Êxodo 4.11: "*Respondeu-lhe o SENHOR: Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR?*" (ARA).

Este versículo bíblico encontra-se inserido no diálogo de Deus com Moisés, por ocasião de seu chamado para ser o libertador do Povo de Israel subjugado no Egito. Moisés, ao ser chamado, contesta com Deus e insiste em dizer que não pode fazer o que Deus está ordenando, mesmo com os poderes que Deus lhe daria. Somente quando Deus lhe diz que enviaria o seu irmão Arão para falar por ele, Moisés aceita a tarefa.

Na pergunta de Deus: "quem faz o mudo, ou o surdo?" estaria Deus se colocando como o "criador" das pessoas mudas ou surdas? A partir do "conhecimento geral" de Deus, uma resposta afirmativa se faria possível. No entanto, seguindo o pensamento de Lutero apresentado por Watson, tal resposta seria equivocada diante do conhecimento particular de Deus.

Kilpp diz que o texto de Ex 4 é um texto "desconcertante" para nós. Isto porque "expressa que também as deficiências físicas provêm, em última instância, de Deus"¹⁵², transparecendo que Deus quer a deficiência. Porém, Kilpp logo diz que o texto não tematiza tal questão. A resposta de Deus

¹⁵¹ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 41.

¹⁵² Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 41.

"é resultado de uma fé israelita conseqüente: se há somente um Deus, tudo provém dele, o bem e o mal (Is 45.7), surdez e cegueira"¹⁵³.

Para Kilpp, o que realmente importa é a segunda parte da fala de Deus que segue no versículo 12: "*Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que há de falar*" (ARA). Assim, Kilpp diz que "*o Deus de Israel fala, através daqueles que não sabem falar bem ou, talvez, nem saibam falar*"¹⁵⁴.

O texto ressalta que Deus é um Deus acima da surdez, da mudez, da cegueira. Deus é SENHOR. Deus está dando ânimo a Moisés. Nada está fora do alcance da mão poderosa de Deus, mão criadora e transformadora. Tanto no mundo, quanto fora dele. Nada pode fugir ao poder de Deus: deficiência, doença, saúde, vida, morte. Diante das fraquezas e imperfeições humanas, se revela o poder, a força e a perfeição de Deus.

Deus não é a causa da surdez. Kraus, escrevendo sobre este texto de Êxodo, deixa isto bem claro: "Está Deus afirmando que Ele deseja fazer algumas pessoas surdas ou cegas? Claro que não. Deus está falando ao nosso mundo, um mundo caído, um mundo inclinado, doente, ferido pelo pecado"¹⁵⁵.

Qual a explicação? Uma possibilidade é a análise do verbo na língua original, no hebraico. O verbo CRIAR, usado em Êxodo 4 e no relato de Gênesis 1 e 2 não são os mesmos.

Deus criou o mundo do nada, conforme relato em Gênesis. O verbo em Gn 1.1 é **ar'B'** (barah). O seu significado é "criar", criar a partir do nada, fazer surgir. Aqui se encontra o poder e a vontade de Deus para que algo exista. E, em Êxodo 4.11 o verbo é **~Wfy"** (sum), que significa "fazer, colocar por". O

¹⁵³ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 41.

¹⁵⁴ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 42.

¹⁵⁵ George KRAUS, *The Biblical incentive for Deaf Mission*, p. 82. "Does God imply here that He desires to make some people deaf or blind? Not at all! God speaks to our world, a fallen world, a world bent, diseased, wounded by sin."

verbo traz o sentido de permitir que algo aconteça, a partir de algo já criado. Assim sendo, Deus permite a surdez em alguma pessoa, por ela existir enquanto condição neste mundo caído em pecado e afetado pelas conseqüências do pecado.

A obra própria de Deus é boa, assim diz o relato da criação, ao final de cada dia: "*E viu Deus que isso era bom*" (Gn 1.10 - ARA). O que Deus cria é bom. Do nada Deus faz coisas boas.

No entanto, diante da "afirmação de que Deus sempre é justo levou à dedução lógica de que a existência de doença ou deficiência só pode ser atribuída à culpa humana"¹⁵⁶ cabe reforçar que a deficiência não é conseqüência de culpa humana e nem é castigo de Deus¹⁵⁷ por causa de algum pecado específico cometido pela pessoa.

2.8 - Jesus e a relação com a pessoa com deficiência

Que grande excitação os discípulos de Jesus devem ter sentido diariamente ao conviver com seu Mestre. Aquilo que era promessa ou profecia, estava acontecendo diante de seus olhos: "*Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos: os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantarã*" (Is 35.5-6 - ARA). Porém, ao mesmo tempo em que devem ter se alegrado, também constataram a verdade de que nem todos eram curados. Dentre tantos, por exemplo, no tanque de Betesda, somente um foi curado (Jo 5.2-8).

Jesus se voltava a atender os enfermos, os rejeitados, os aflitos, os pobres, e também as pessoas com deficiência. E é sobre o tema de como Jesus se relacionou com as pessoas com deficiência que passo a refletir no que segue.

¹⁵⁶ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 42.

¹⁵⁷ Conforme as causas abordadas acima, atos humanos causam deficiências. Deus também pode, em seu justo julgar, conceder alguma deficiência como "castigo", porém, não o podemos, nunca, reconhecer apontando alguma situação.

2.8.1 - A cura de um cego

O evangelista João traz um relato da cura de um cego (Jo 9.1-12). Este texto pode servir de referência para a reflexão quanto à relação de Jesus com as pessoas com deficiência em geral.

Lemos em Jo 9.2 que, diante de uma pessoa cega, os discípulos perguntam a Jesus: "*Mestre, por que este homem nasceu cego? Foi por causa dos pecados dele ou por causa dos pecados dos pais dele?*" (NTLH).

A pergunta, aparentemente implica uma concepção prévia de que a cegueira é consequência de algum pecado. Basta, agora, saber quem pecou: o próprio cego ou os seus pais? Em última análise, a resposta apontaria para o castigo da parte de Deus.

Bruce comentando o texto diz que os discípulos "Em sua reflexão sobre a retribuição divina, eles não tinham avançado muito em relação à opinião dos amigos de Jó. Eles imaginaram que a cegueira era um castigo por algum pecado"¹⁵⁸.

Kilpp aponta as religiões vizinhas de Israel como influência para o pensamento de que a deficiência fosse "atribuída ou a uma mágica hostil ou à violação de um tabu. Cabe ao homem-de-Deus ou ao sacerdote descobrir as causas"¹⁵⁹. E uma segunda opção, que chama de raiz, é a "tendência teológica de atribuir a doença a um pecado humano. É a conhecida visão da assim chamada Sabedoria israelita que vê uma intrínseca relação entre agir e acontecer"¹⁶⁰. Quanto à segunda opção, Kilpp destaca que sua função é didática. E diz que "não se inverte, no entanto, a perspectiva, ou seja, não se afirma que qualquer cego ou demente é um amaldiçoado por Deus ou, então, um ímpio"¹⁶¹.

¹⁵⁸ F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 182.

¹⁵⁹ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 42.

¹⁶⁰ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 43.

¹⁶¹ Nelson KILPP, *Deficientes físicos no Antigo Testamento*, p. 43.

Todos estavam curiosos para ouvir a resposta de Jesus. Com certeza o mesmo se daria hoje. Porém, Jesus surpreende a todos com a sua resposta: "*Ele é cego, sim, mas não por causa dos pecados dele nem por causa dos pecados dos pais dele. É cego para que o poder de Deus se mostre nele*" (João 9.3 - NTLH).

A resposta de Jesus se divide em duas partes. Na primeira, simplesmente Jesus nega, diante de todos, que a deficiência seja castigo de Deus por culpa do cego ou de seus pais. E, na segunda parte da resposta temos uma grande surpresa.

Na segunda parte da resposta, Jesus não satisfaz o anseio ao PORQUÊ dos discípulos, mas passa a responder com um PARA QUÊ. É um para que a partir de Deus. Jesus não convida os discípulos a olharem para trás: quem cometeu? O que foi cometido? Mas, Jesus convida a olhar para frente, para um propósito. E qual é o propósito? "*Para que o poder de Deus se mostre nele*" (NTLH), ou "*para que se manifestem nele as obras de Deus*" (ARA).

Quanto ao propósito, Bruce dá um destaque à forma verbal na resposta de Jesus. Diz que "A frase *para que nascesse cego* tem no grego a forma de uma oração de propósito (*hina* com o subjuntivo), mas o sentido exige que a tomemos como oração de resultado"¹⁶². Na tradução, a pergunta em seu sentido nos leva a pensar na causa da cegueira, porém, a forma verbal usada aponta para um propósito.

Já na resposta de Jesus, que usa a mesma forma verbal, não deixa dúvidas. Ele aponta para um propósito: "a sentença da resposta de Jesus, *para que se manifestem nele as obras de Deus*" (novamente *hina* com o subjuntivo), é uma oração de propósito, tanto no sentido como na forma"¹⁶³.

A abordagem de Bruce quanto à forma verbal torna relevante a primeira parte da resposta de Jesus: nega que a cegueira

¹⁶² F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 183.

¹⁶³ F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 183.

seja causa humana, e ao mesmo tempo enfatiza, ao retomar o sentido da forma verbal presente na pergunta, a idéia do propósito. Esta é a ênfase de Jesus: olhar para Deus e ver o que Deus quer e pode fazer a partir da situação em si.

O evangelho de João é conhecido por descrever os sinais da vinda do Filho de Deus. A distinção de sinais e milagres merece um estudo em separado e mais aprofundado. Porém, lembro que sinais, já no Antigo Testamento assim como no Novo Testamento, têm o propósito de apontar e testificar a ação de Deus, seu poder e soberania, em favor da Promessa do Salvador. Em outras palavras, os sinais revelam a presença do Deus de amor, do Deus da vida.

O Novo Testamento aponta Cristo como o enviado de Deus. Milagres poderiam ser sinais que apontavam a vinda do Messias, porém nem todos. Diante do cego, Jesus diz haver um propósito: manifestar a glória e o poder de Deus.

A cura de Jesus o revela como o "enviado de Deus", um sinal da presença do prometido salvador. Também, pode implicar no aspecto espiritual. Os homens em sua cegueira espiritual, não poderiam ver em Jesus o Messias nem reconhecer a presença do Deus-homem. A não ser pela ação de Deus. Deus age através de Jesus e, não somente dá visão aquele homem, como dá a visão da fé. Jesus lhe abre os "olhos espirituais" para a fé em Deus, através de Cristo. Sendo o propósito de Deus, salvação, esta se deu tanto física quanto espiritual para com o cego.

Deus não dá a deficiência para, então, revelar o seu propósito. Bruce escreve:

Isto não quer dizer que Deus intencionalmente fez a criança nascer cega para, depois de muitos anos, revelar sua glória tirando a cegueira; pensar assim também seria uma afronta ao caráter de Deus¹⁶⁴.

¹⁶⁴ F. F. BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 183.

Deus em meio às situações adversas, as quais permitiu, uma vez que nada lhe foge ao domínio, age sempre com propósito de salvação.

Isto é revelado na sua obra maior: a salvação em Cristo. Ao enviar Cristo ao mundo, Deus o levou à morte de cruz em meio a muitos sofrimentos. Deus oculto na humanidade de Cristo, agindo em favor do mundo. E o propósito de Deus é que todos creiam em Cristo para receberem a vida eterna. Pela Bíblia sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno: *"sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna"* (1 Jo 5.19-20 - ARA).

O maior entre todos os resultados da obra de Jesus é aceitá-lo como o Salvador enviado por Deus. E isto ocorreu com aquele homem cego: *"Então, afirmou ele: Creio, Senhor; e o adorou"* (Jo 9.38 - ARA).

Sendo Jesus a manifestação de Deus no mundo, nele há a atitude de Deus para com as pessoas com deficiência.

Que atitude? O buscar, o acolher, o amparar, o voltar-se para eles, o conversar, o curar¹⁶⁵. Nas atitudes de Jesus, encontra-se a vontade de Deus. Deus não é um Deus de preconceito, de discriminação, de vingança e nem de afastamento. Deus é amor (1 Jo 4.8). Deus é ajuda, é força, refúgio e socorro, conforme muitos salmos.

2.8.2 - A cura de um surdo-gago

Um dos relatos mui dignos de serem citados neste trabalho, por ser pertinente ao tema, é o relato da cura de um surdo-gago, o qual encontra-se no evangelho de Marcos 7.31-37. Neste

¹⁶⁵ Cura física e espiritual, apontando a salvação. Cura não está subordinada à salvação, ou vice-versa. Para leitura complementar, sugiro o texto na revista Vox Scripturae 3:2 (setembro de 1993), 151-165, *Cura e Salvação na Bíblia*, de Frederich Erich Dobberahn .

relato encontramos algumas atitudes de Jesus que nos servem de base para o cumprimento das tarefas na Igreja e na sociedade.

Jesus foi Mestre. Muitos o chamavam de Mestre, visto sua sabedoria e seu papel junto aos discípulos e outros. Jesus é Mestre ainda hoje. Ensina e dá exemplo de como se relacionar com as pessoas e de como atender os surdos.

Ao se encontrar com um surdo-gago, Jesus poderia agir como a sociedade agia. Quem sabe ajudá-lo com alguma esmola; ou, quem sabe, negar o apelo por ajuda daqueles que lhe trouxeram o surdo-gago. Não! Jesus o trata de forma diferente dos demais. Ele o retira da multidão e o leva para um local mais privado, particular e mais próximo de si.

Havia duas limitações naquele homem. A surdez e a gagueira. Normalmente, a falta de fala ou a fala sem clareza, é consequência da falta de audição. Por não ouvir as palavras, o surdo também não as consegue falar, pois não lhe é possível "conhecer" os fonemas nem o som das letras. Lenski, em seu comentário, apresenta a possibilidade de o homem ser mudo, uma vez que assim é traduzido na LXX, conforme Is 35.6¹⁶⁶. Porém, a maior probabilidade é de que o homem tivesse realmente a surdez e a gagueira como limitações, conforme outros comentários.

A surdez e a gagueira não são doenças. Não poderiam ser curadas por meio de remédio. A sua cura necessitaria de um milagre. Necessita da ação daquele que tem poder tanto para permitir quanto para impedir a surdez. Deus disse a Moisés que era ele quem fazia a boca do mudo, o ouvido do surdo, os olhos ao que vê. Agora, este Deus age com propósito. Jesus, o Deus-homem, ao ver o surdo-gago, age em seu favor "tirando-o da multidão, à parte" (Mc 7.33 - ARA).

¹⁶⁶ R.C.H. LENSKI, *St. Mark's Gospel*, p. 308. LXX – septuaginta, tradução mais antigo do Antigo Testamento para o grego.

Jesus entra em contato com o homem que vai ser curado. Entra em contato com aquele que era desprezado e afastado pelas pessoas. Agora, ele é afastado das outras pessoas. Mas, não banido. Jesus o retira do meio da multidão para ficar perto de si. Isto é acolhida, é aceitação.

Em nenhum outro caso de cura vemos esta atitude de Jesus. Cegos, paráliticos, leprosos e outros, permaneciam entre o povo ou entre o grupo. No caso do surdo, Jesus o retirou da multidão. Isto é relevante neste caso, porque Jesus sabia que ele somente poderia entendê-lo, caso o surdo tivesse a atenção voltada para Jesus.

Talvez o surdo não soubera porque os seus amigos o levaram até diante daquele homem. No caso do cego, do parálitico, leprosos e outros, poderiam ouvir a explicação. No caso do surdo isto não era possível. No entanto, Jesus sabia como chamar a sua atenção. Jesus sabia como se comunicar com o surdo.

Jesus tem um propósito em seu ato de afastar o surdo dos demais. Visando uma melhor comunicação, utiliza a comunicação visual e tátil com o surdo-gago. Jesus utiliza uma linguagem não verbal, mas visual e sensitiva.

Lenski escreve: "Esta ação preliminar é sábia e significativa àquele homem. Ele está sozinho com Jesus, afastado da excitação e da distração do povo. Seus olhos olhavam a Jesus"¹⁶⁷. Primeiramente, cabe ressaltar que Jesus estabelece uma comunicação com o surdo. Ao tirá-lo da multidão, o surdo passa a entender que Jesus quer algo somente com ele. Não havia palavras faladas, mas muita linguagem compreendida.

¹⁶⁷ R.C.H. LENSKI, *St. Mark's Gospel*, p. 309. "This preliminary action is both wise and significant for the man. He is alone with Jesus, removed from the excitement and the distraction of the crowd. His eyes watch Jesus"

Em segundo lugar, Jesus usa uma estratégia para atingir o seu propósito. A estratégia é permitir uma aproximação, evitando a distração do surdo. Jesus sabe que os olhos dos surdos são "seus ouvidos". Ficam cuidando tudo à sua volta e facilmente se distraem com alguma movimentação. Sua atenção é constantemente quebrada por movimentação a sua volta. Mas, Jesus quer ter a atenção do surdo. E ele cria uma situação ideal.

Uma vez à sua frente, Jesus continua a usar a linguagem de sinais com o surdo-gago. Duas ações. Dois sinais: o tocar e o cuspir. Ao tocar nos ouvidos e ao tocar a língua com saliva, o surdo-gago poderia entender que Jesus queria algo com estes dois órgãos ou sentidos: "O pensamento é transmitido ao homem de que Jesus tem por intenção fazer algo com relação à surdez"¹⁶⁸.

Outra atitude muito pertinente de Jesus para com o surdo-gago foi "*erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse*" (Mc 7.34 - ARA). Mais uma vez Jesus utilizou a linguagem de sinais. "O homem vê Jesus fazer isto. Ele entende a idéia de que a ajuda que Jesus lhe traz vem do céu, é divina, poderosíssima ajuda que é muito diferente de qualquer outra meramente humana"¹⁶⁹.

Lenski rejeita a idéia de que Jesus levanta os olhos para pedir poder ou permissão a Deus a fim de realizar o milagre. Pois, assim, estaria se colocando ao nível dos profetas e dos apóstolos¹⁷⁰. Seu propósito pode ser entendido como uma "fala" ao surdo de que quem irá lhe ajudar está acima de todos e de tudo.

¹⁶⁸ R.C.H. LENSKI, *St. Mark's Gospel*, p. 310. "The thought is conveyed to the man that Jesus intends to do something about this deafness".

¹⁶⁹ R.C.H. LENSKI, *St. Mark's Gospel*, p. 310. "The man watches Jesus do this. He grasps the idea that the help that Jesus brings him is from heaven, is divine, almighty help that is far different from anything merely human".

¹⁷⁰ R.C.H. LENSKI, *St. Mark's Gospel*, p. 311.

2.9 - A dignidade do surdo

Historicamente a sociedade tem agido de forma contrária à dignidade do surdo, uma vez que era visto como sub-humano. Por não desenvolver a fala, o surdo era visto como um "bicho" ou selvagem. Por vezes, como um endemoniado, um doente mental ou um louco, um incapaz, ou seja, tudo o que ele não era. Isto resultava em uma vida desigual e sem dignidade.

O que é ser digno? É ter o direito ao que a vida oferece e ao que é pertinente e próprio à vida. Ter família, roupa, comida, trabalho, descanso, moradia, ser reconhecido pelo que é... isto é ter dignidade na vida. E o surdo, muitas vezes, era privado de tudo isto.

Assmann e Sung, escrevendo sobre dignidade humana dizem:

a noção de dignidade humana talvez devesse partir do seguinte postulado: expandir ao máximo possível o direito concreto dos indivíduos e grupos sociais a terem acesso às mesmas regras do jogo daqueles que melhor conhecem.¹⁷¹

Martim C. Warth ao escrever juntamente com sua esposa Naomi, aborda a distinção entre pessoa e função:

Na ética cristã aprendemos a distinguir entre "pessoa" e "função". Quando Deus criou o homem, o fez "segundo a Sua imagem". Era uma pessoa que tinha a capacidade e a função de representar Deus neste mundo.¹⁷²

Vemos na criação a excelência de Deus ser repassada ao ser humano. Porém, o ser humano a perdeu, ou, a desperdiçou:

A tentação de "ser igual a Deus" e a queda impossibilitaram esta função. Mas o homem não deixou de ser pessoa, uma pessoa com responsabilidade diante de Deus, agora condenada pela Lei do justo Deus.¹⁷³

Todos ficaram impossibilitados de desempenharem a função que Deus havia dado ao ser humano. Porém, o ser humano, em sua impossibilidade, passou a dizer quem pode ter esta função ou não. Passou a selecionar entre os seus, a tal ponto de não

¹⁷¹ Hugo ASSMANN e Jung Mo SUNG, *Competência e sensibilidade solidária*, p. 128.

¹⁷² Martim C. WARTH, A "comunicação total" na religião, p. 75.

¹⁷³ Martim C. WARTH, A "comunicação total" na religião, p. 75.

saber mais distinguir entre função e pessoa. Isto levou o próprio ser humano a agir contra si mesmo e desconsiderar como pessoa a quem julgasse por bem.

No entanto, Deus agiu em favor do homem, a fim de lhe restabelecer tanto como pessoa como em sua função. Deus viu a pessoa perder a sua dignidade e o próprio Deus tratou de a rever. Warth escreve que

Além desta dignidade como pessoa, o homem recebeu ainda uma "dignidade alheia" quando Jesus Cristo, por amor "ágape", tomou a culpa do homem sobre si, morreu e ressuscitou pelo homem, e lhe oferece e promete no Evangelho o perdão, vida nova e eterna.¹⁷⁴

Assim, os que na fé aceitam Jesus Cristo como seu Salvador recebem o perdão e a nova vida que se manifesta em amor ao semelhante. Assmann e Sung, falando da solidariedade, escrevem: "Ela é a favor da vida e da dignidade humana, de uma sociedade justa e solidária (...) coloca em primeiro lugar a pessoa humana em suas relações fraternas"¹⁷⁵.

Os autores também apontam que o uso desta linguagem é freqüente na Igreja Católica. A Igreja Cristã tem um papel importante. Não somente o de levar este conhecimento do evangelho, mas o de viver este evangelho. Uma vez que Deus agiu em favor das pessoas em Cristo, ao instituir a sua Igreja no mundo, ele quer que ela seja o seu instrumento de transformação no mundo.

Cristo é aquele que resgata o que o ser humano perdeu. E o que Deus oferece, em Cristo, é vida eterna, perdão e salvação. Em Jesus existe amor e aceitação. E todos necessitam de Cristo. O que Cristo oferece é para a eternidade. Porém, se estabelece já nesta vida no relacionamento humano.

A Igreja, por algum tempo, teve atitudes que impediam o surdo de ter a aproximação a Cristo, afetando seu

¹⁷⁴ Martim C. WARTH, *A "comunicação total" na religião*, p. 75.

¹⁷⁵ Hugo ASSMANN e Jung Mo SUNG, *Competência e sensibilidade solidária*, p. 59.

relacionamento com as pessoas. O surdo, pela sua falta de fala e comportamento "lunático", sofrera a exclusão. Isto agride o significado de solidariedade "entendida como um fato e uma necessidade de interdependência na vida social, um conceito associado à coesão social"¹⁷⁶.

Aos poucos, a dignidade da pessoa surda vem sendo resgatada. No entanto, ainda existe a necessidade de lhe ser oferecida a oportunidade de também saber e ter a sua dignidade em Cristo restabelecida. Isto é, a necessidade do conhecimento da vida eterna e da salvação. É responsabilidade e tarefa da Igreja oferecer esta oportunidade ao surdo.

Para que isto aconteça, destaco o conceito de solidariedade apresentado por Assmann e Jung, com referência às pessoas com deficiência:

É um chamado à superação da exclusão e da segmentação sociais através de uma educação que contribua para a aprendizagem de competências de caráter geral (...) capaz de respeitar as diferenças e se interessar pelos problemas da coletividade, principalmente dos que estão sofrendo esta situação.¹⁷⁷

Vencer a exclusão ainda é um desafio na Igreja. Talvez porque falte entender que a vontade de Deus para com os homens é que eles vivam o que Jesus ensinou e alcançou. Inclusive de respeitar as diferenças a ponto de, aceitando-as, viverem de igual para igual. Isto é dignidade.

Jesus atuava oferecendo salvação, tanto física quanto espiritual. A cegueira e a surdez também são deficiências espirituais: "A conexão entre surdez e a incapacidade de falar: a. físico; b. espiritual"¹⁷⁸. Uma vez que Deus restabelece a dignidade da pessoa e a dignidade alheia, em Cristo, ele age de tal forma a atender tanto a necessidade física quanto a espiritual. Jesus agiu. O cego viu e o surdo

¹⁷⁶ Hugo ASSMANN e Jung Mo SUNG, *Competência e sensibilidade solidária*, p. 74.

¹⁷⁷ Hugo ASSMANN e Jung Mo SUNG, *Competência e sensibilidade solidária*, p. 75.

¹⁷⁸ John Peter LANGE, *Lange's Commentary on the Holy Scriptures: Mark-Luke*, p. 70. "The connection between deafness and the inability to speak: a. In physical things; b. In spiritual".

ouviu - física e espiritualmente. Isto é salvação. Miller escreve:

Assim, a idéia principal deste texto não é, como algumas igrejas pregam sobre ele, que Jesus foi um homem gentil, que se preocupou com o pobre, mas, antes, que o prometido Messias chegou e trouxe salvação com Ele¹⁷⁹.

Warth faz uma distinção entre o amor "ágape" e o amor "eros". O amor "eros" busca na outra pessoa a função que o satisfaz e ao cessar esta função o mesmo diminui e se apaga¹⁸⁰. A este amor estaria relacionado à ânsia de enquadrar o surdo na sociedade ouvinte, levando-o a falar ou a entender a fala. Isto resultou em exclusão e perda da dignidade do surdo.

Já o amor "ágape" diz Warth, "aceita o surdo como pessoa de elevada dignidade e se entrega a ele de tal forma que está disposto a aprender a sua linguagem de sinais"¹⁸¹. Tal amor não discrimina pela função, mas valoriza a dignidade que lhe foi conferida por Deus. Viver este amor possibilita que o surdo tenha dignidade na sociedade: aceitar a pessoa como ela é e aprender a língua que ela se utiliza para se comunicar.

2.10 - O surdo como membro do corpo de Cristo

O que se entende por corpo de Cristo? É um termo bíblico. "*Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo*" (1 Co 12.27 - ARA).

Paulo usa a idéia concreta de corpo e faz referência aos cristãos como sendo o corpo de Cristo. Diz: "*Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo*" (1 Co 12.12 - ARA). Aqui Paulo busca esclarecer a unidade que devem ter os que seguem a Cristo. Por isso, segue dizendo: "*pois, em um só Espírito, todos nós fomos*

¹⁷⁹ Kenneth MILLER, *Bible History: Explained and Applied*, s.p. "So the main idea of this text is not, as some churches preach about it, that Jesus was a kind man who cared about the poor, but rather that the promised Messiah has arrived and brings salvation with Him".

¹⁸⁰ Martim C. WARTH, A "*comunicação total*" na religião, p. 76.

¹⁸¹ Martim C. WARTH, A "*comunicação total*" na religião, p. 76.

batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito" (1 Co 12.13 - ARA).

Quem constitui o corpo de Cristo? O texto bíblico diz "nós". Quem são os "nós"? "todos nós fomos batizados". Na ordem de Jesus em Mt 28.19, quando diz: "*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*" (ARA), deixa claro que o batismo é o meio pelo qual uma pessoa se torna um discípulo de Cristo. Neste corpo não deveria haver divisões; divisões como gregos, judeus, escravos ou livres. Existe um só corpo, uma unidade, e nele vários membros.

Paulo aponta a Igreja como sendo o corpo de Cristo. Na Bíblia, na introdução ao livro, lemos sobre "A igreja é o corpo de Cristo": "Para Paulo, 'o corpo de Cristo' não é simplesmente uma figura; a Igreja é, de fato, um corpo. Ela é o corpo de Cristo ressuscitado, isto é, por meio dela Cristo vive e age no mundo (1 Co 12.12-13,27)"¹⁸².

Destaco mais dois versículos: "*e preencho o que resta das aflições de Cristo, da minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja*" (Cl 1.24 - ARA); e, "*com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo*" (Ef 4.12 - ARA).

A idéia de um só corpo, contendo vários membros, também aponta para a submissão dos cristãos a Cristo. Lemos isto em Ef 1.22,23: "*E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo*" (ARA); e, em Ef 4.15 "*Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo*" (ARA).

¹⁸² BÍBLIA Nova Tradução da Língua de Hoje, p. 1155.

A submissão dos que seguem a Cristo é para com a sua ordem de amar a Deus e ao próximo (Lc 10.27), bem como aceitar a sua obra em favor da humanidade (Jo 6.40).

Hoch diz: "Se em Cristo *todos* os membros constituem um só corpo, então não se poderá distinguir tanto entre membros 'normais' e 'não-normais'"¹⁸³.

Uma vez que os surdos são levados ao batismo, ainda quando pequenos, e são bem-recebidos na igreja com muita alegria, por que não continuar recebendo-os enquanto jovens surdos? Muitas Igrejas não se preocupam em continuar oferecendo a instrução e o ensino aos surdos, assim como o fazem com outros jovens ouvintes, motivo pelo qual os surdos não participam na Igreja.

Os surdos não são membros do corpo de Cristo? Talvez deixaram de ser por apresentarem alguma deficiência!? Talvez não tenham fé!? Não. Eles continuam como membros do corpo de Cristo, e precisam ser instruídos e ensinados na palavra de Deus, "*ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado*" (Mt 28.20 - ARA).

À Igreja, cabe receber a todos. Hoch acrescenta: "Todos têm dificuldades que precisam ser encaradas e todos têm potencialidades que precisam ser aproveitadas para a edificação do corpo de Cristo"¹⁸⁴. A Igreja precisa ensinar a sociedade como receber e trabalhar com os surdos, visto que eles têm muito a oferecer. E tudo o que ela conseguir com os surdos, a sociedade também terá proveito. Nisto, reafirmo que a Igreja é um instrumento transformador na sociedade.

"A população surda global está estimada em torno de quinze milhões de pessoas"¹⁸⁵. E no Brasil, estima-se um total aproximado de dois milhões e 250 mil surdos. Quantos destes surdos foram batizados e continuam sem atendimento espiritual?

¹⁸³ Lothar Carlos HOCH, *Em busca de espaço – o deficiente na igreja e na sociedade*, p. 42.

¹⁸⁴ Lothar Carlos HOCH, *Em busca de espaço – o deficiente na igreja e na sociedade*, p. 42.

¹⁸⁵ Lodenir Becker KARNOPP, *Diálogos traduzidos: leitura e escrita em comunidades de surdos*, p. 229. Os dados são citados a partir de Wrigley, em seu livro *The politics of deafness*.

Ou, quantos destes surdos, foram abandonados pela igreja por não serem atendidos de forma digna e própria? A Igreja precisa se organizar a ponto de receber os surdos como membro do corpo de Cristo.

O termo "o corpo de Cristo" é usado teologicamente para se referir à Igreja, por isso, cabe aqui clarificar o significado de Igreja.

Normalmente, o termo "Igreja" está diretamente ligado ao conceito institucional. Sob um determinado nome, Igreja é uma instituição denominacional com caráter religioso.

Na Dogmática Cristã encontramos a seguinte definição: "A comunhão dos santos crentes, que o Espírito Santo congrega dessa maneira pelo Evangelho, chamamos de Igreja" e "Igreja Cristã, por conseguinte, consiste em todos os que crêem verdadeiramente no Evangelho"¹⁸⁶.

Paulo, quando fala de Igreja, não a tem como instituição. Os primeiros cristãos não a tinham como instituição, mas como a união dos que confessavam a fé em Cristo. No Credo Apostólico é confessado: "Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Cristã...". Com relação a estas palavras, Seibert escreve: "A igreja aqui aparece como artigo de fé. A igreja crê que a igreja existe e tem um significado. Esse artigo de fé acompanhou a história da igreja"¹⁸⁷.

Porém, a Igreja enquanto corpo de Cristo passou a existir como grupo, reunião, presente na sociedade. Formada por pessoas, necessitou se organizar e foi institucionalizada. Como instituição social, necessitou de uma estrutura político-econômico-social.

¹⁸⁶ John Theodore MUELLER, *Dogmática Cristã*, p. 505.

¹⁸⁷ Erni SEIBERT, *A missão de Deus diante de um novo milênio*, p. 10.

Ainda "no período neo-testamentário, a reflexão sobre o pertencer à igreja não se dava numa base legal ou institucional. Ela era uma reflexão a partir de Cristo"¹⁸⁸.

Com o passar dos tempos, com a idéia da supremacia do bispo de Roma sobre outros bispos, por ter-se expandido, a Igreja passou a ter um líder, um cabeça. Depois do Concílio de Nicéia, apesar de que sua preocupação fosse a confissão de fé, o conceito de Igreja "era totalmente institucional, e o Credo passou a ser instrumentalizado como critério de pertença ou não à igreja, deixando para um segundo plano a sua intenção original de confissão e ensino"¹⁸⁹. Diante desta idéia, penso que seja possível entender a atitude da Igreja, no passado, com relação ao surdo. Visto que ele não podia recitar o Credo, também não era aceito na igreja e nem, tão pouco, instruído.

Ao se tornar instituição, a confissão de fé nem sempre era o aspecto principal. Isto levou Lutero a definir igreja em dois sentidos: Igreja Visível e Invisível. No Catecismo Menor é possível ler:

192. Por que dizes: "creio na Igreja"? Creio na Igreja 1º porque a Igreja é invisível, não podendo um homem sondar o coração do outro, para ver se ele crê; e 2º porque contudo tenho a certeza, pela Escritura, de que o Espírito Santo em todos os tempos congrega e conserva uma comunhão de fiéis.¹⁹⁰

E na pergunta 198, o que é Igreja Visível? Lê-se:

A Igreja Visível é o conjunto de todos aqueles que confessam a fé cristã e ouvem a palavra de Deus, entre os quais, todavia, há, além dos verdadeiros cristãos, hipócritas também.¹⁹¹

Ao dizer que os surdos precisam fazer parte da Igreja de Cristo implica que a Igreja Visível se volte ao trabalho com os surdos, se preocupe em levar o Evangelho de Cristo de forma que possam compreendê-lo, a fim de recebê-los como membros e permitir-lhes a convivência como irmãos e irmãs.

¹⁸⁸ Erni SEIBERT, *A missão de Deus diante de um novo milênio*, p. 11.

¹⁸⁹ Erni SEIBERT, *A missão de Deus diante de um novo milênio*, p. 14.

¹⁹⁰ *Catecismo Menor* (trabalhado por Schwahn), p. 104.

¹⁹¹ *Catecismo Menor* (trabalhado por Schwahn), p. 107.

A mesma necessidade se faz quanto ao ingresso à Igreja Invisível, ao corpo de Cristo, pois conforme lemos em Rm 3.23 "*todos carecem da glória de Deus*" (ARA). O ingresso exige fé. O homem por si não pode crer, necessita da ação de Deus. Conforme Catecismo Menor, na explicação do terceiro artigo, lê-se que:

Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas, o Espírito Santo chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé. Assim, também chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra (...).¹⁹²

O Espírito Santo, conforme a confissão luterana, age pelos meios da graça, Palavra e Sacramentos: Batismo e Santa Ceia. Diante disto, a tarefa da Igreja de Cristo é: a missão.

A Igreja Cristã tem neste mundo uma missão sublime. Não uma missão conferida por homens ou a partir de homens. Mas, uma missão dada por Deus. O versículo bíblico que mais faz lembrar desta missão é o que se reporta à ordem de Jesus: "*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os (...); ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado*" (Mt 28.18,19 - ARA).

Jesus, com autoridade, envia os discípulos ao mundo com o propósito de multiplicar os seus seguidores, batizando e ensinando. Jesus envia a todas as nações. Isto inclui os surdos de todas as nações. Os surdos são pessoas, lembrando Warth, e, como tal, são cidadãos que merecem dignidade, que têm deveres e responsabilidades. E que podem ser instruídos, também, a respeito do discipulado de Cristo e de seu Reino.

A missão da Igreja deve se voltar para com todos povos, raças e culturas. Infelizmente, o ser humano passou a escolher quem pode e quem não pode, disse Warth. A escolha de alguns gerou a rejeição de outros, também pela Igreja.

¹⁹² Catecismo Menor (trabalhado por Schwahn), p. 98.

Ao se refletir sobre a realidade dos surdos, sempre me vem o versículo de Rm 10.14: "Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?" (ARA).

Para que invocar o nome de Jesus, se dele nada sabem? Como nele irão crer se sobre ele nada aprenderam? Pois, nunca ninguém lhes falou sobre Jesus. E, como ouvirão em seus corações, se ninguém lhes sinalizar o evangelho?

A Igreja não tem mais desculpa para não aceitar ou deixar de se comunicar com os surdos. É de extrema urgência que a Igreja busque meios e recursos que ofereçam ao surdo a dignidade da pessoa e a dignidade alheia. Isto envolve diaconia.

2.11 - Diaconia no trabalho com os surdos

Pouco se ouve falar sobre diaconia voltada aos surdos. Por quê? Talvez porque envolva o conhecer de uma nova língua. Talvez porque exija um esforço a mais na comunicação. Enfim, desculpas não justificam a falta de ação diante de um número tão elevado de surdos entre a sociedade.

Falar em diaconia para os surdos, ou diaconia dos surdos, é retomar na História como foram tratados e apontar, a partir de Deus e de Cristo, uma nova realidade aos surdos, especialmente na Igreja.

Justifico a importância no trabalho com os surdos na Igreja a partir da diaconia de Deus e da diaconia da Igreja.

A diaconia de Deus aponta para toda a obra e ação de Deus, em favor das pessoas, servindo-as com seu cuidado, suas bênçãos, sua ajuda... a qual culmina na obra salvadora em Cristo. Diante disto, o livro de Isaías recebe um destaque, pois fala de Cristo como sendo o Servo de Deus, e mais, o Servo Sofredor, aquele que tudo sofreu pelo próximo e venceu.

Neste servir de Deus ao mundo, através de Cristo, o conceito de diaconia se faz valioso para a tarefa da Igreja.

A diaconia da Igreja é todo o seu serviço como resposta a Deus. Aponta para a ação da Igreja. Uma vez tocada pela ação de Deus, tendo conhecimento da vontade de Deus em Cristo, bem como o exemplo de Cristo, a Igreja age neste mundo servindo a Deus e ao próximo. João, em sua primeira carta, escreve: "*porque a nossa vida neste mundo é como a vida de Cristo*" (1 Jo 4.17 - NTLH). E ainda, "*Nós amamos porque ele nos amou primeiro*" (1 Jo 4.19 - ARA).

Lutero, não fala explicitamente sobre a diaconia, nem tão pouco sobre o trabalho com os surdos. Mas, ele fala da prática da fé e do servir a partir do amor de Cristo, ou seja, a diaconia faz-se presente em seu ensino e em suas reflexões. Por isso, Lutero é com certeza um ótimo referencial na compreensão do significado da diaconia a partir da ação de Deus, especialmente quando fala sobre a teologia da cruz. E a partir dele podemos também refletir sobre a diaconia no trabalho com os surdos.

No Tratado da Liberdade Cristã, Lutero apresenta aspectos importantes da dimensão cristológica da diaconia. Ele afirma que, mesmo sendo livre de todas as obras, o cristão deve assumir a forma de servo, ajudando e agindo com o próximo como Cristo agiu com ele. Contente e grato por tudo que Cristo fez, o cristão se põe à disposição do seu próximo "como um Cristo"¹⁹³.

Forell escreve: "Lutero enfatizou repetidamente que Deus não precisa das nossas ações de misericórdia, mas que o próximo necessita delas"¹⁹⁴. Quem é meu próximo? Na bíblia encontramos uma parábola contada por Jesus, que se fez a partir da pergunta: Quem é o meu próximo?

¹⁹³ Martinho LUTERO, *Tratado sobre a liberdade cristã*, p. 453.

¹⁹⁴ George W. FORELL, *Fé ativa no amor*, p. 105.

A parábola é do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). A parábola surpreende. O próximo, para o homem necessitado, fora justamente o seu inimigo. Surpreende quando aponta para aqueles que, enquanto representantes do povo, não ajudaram o homem necessitado.

Destaco a diaconia de Deus. Deus foi, em Cristo, o nosso próximo. A natureza humana é inimiga de Deus. E Deus, em Cristo reconciliou consigo o mundo (Rm 5.10). A diaconia de Deus se voltou aos inimigos, oferecendo-lhes paz e vida. A Igreja, pode voltar-se para os surdos, oferecendo-lhes a ajuda que necessitam, bem como paz e vida.

Na História, o surdo não era visto como um inimigo. Mas, parece que também não era um amigo. Pois, foi rejeitado. Rejeitado pela sociedade, pela Igreja e, às vezes, pela família. A Igreja agiu, e em muito continua agindo, como o sacerdote e o levita que passaram de largo.

A diaconia é ação. A Igreja deve estar em ação. Na ação que faz o que Jesus ensinou e quer. Assim levará vida ao mundo, aos surdos. Na parábola do Bom Samaritano, diz Gaede Neto,

a pergunta pela vida parece ser a preocupação maior (...) A resposta ele conhece melhor do que ninguém: amar a Deus e ao próximo (...) Jesus faz depender a eficácia dessa teoria acordada do "faz isso". Esse é um texto que tem a prática como tema.¹⁹⁵

A diaconia da Igreja somente pode acontecer quando tiver a diaconia de Deus como exemplo: serviço no amor. Neste sentido, a Igreja não se volta somente aos que julga digno, mas àqueles que estão em situação de indignidade para lhes oferecer a dignidade humana e alheia. Neles Deus também quer agir e mostrar a sua glória.

São inúmeros os exemplos em que Jesus se voltou aos enfermos, pobres, desfavorecidos e rejeitados. E ali mostrou

¹⁹⁵ Rodolfo GAEDE NETO, *A diaconia de Jesus*, p. 96.

poder e glória, pois cria uma nova realidade. A diaconia da Igreja deve ter esta ação e atitude. Brandt, falando sobre a compreensão de Deus, diz:

É aquele que, comprometido com sua palavra, se inclina e instaura seu reino na realidade pecadora e imperfeita. E ao fazer isso, seu procedimento é ação, não meramente um pensamento amoroso. Ele interfere nas realidades deste mundo e cria uma nova realidade.¹⁹⁶

Na ação da diaconia da Igreja, percebo duas frentes: a diaconia da Palavra e a diaconia Social. Ambas têm a sua fonte, origem e motivação na diaconia de Deus, porém, a sua atuação se concentra numa determinada ênfase ou foco, sem, no entanto, andarem separadas.

Por diaconia da Palavra, ressalto a missão de pregar e ensinar sobre a salvação em Cristo. Ao levar Cristo como o Caminho, a Igreja serve ao mundo com o que não é possível ser encontrado no mundo: salvação, paz, perdão e vida eterna.

Nordstokke escreve que a Igreja "tem a sua identidade e motivação na fé cristã, pois Jesus Cristo, o Diácono de Deus, enviado ao mundo, é o conteúdo mais profundo deste projeto"¹⁹⁷. Acrescento as palavras do apóstolo Pedro: "obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma" (1 Pe 1.9 - ARA). Esta é diaconia da Palavra.

A diaconia Social é o servir da Igreja ao próximo voltado a aliviar e amenizar o seu sofrimento, atendendo as suas necessidades, suprimindo suas carências, oferecendo dignidade humana. Isto, a partir da fé.

Forell diz: "Para Lutero o próximo não era mais um meio para um fim, mas era um fim muito real e importante em si mesmo"¹⁹⁸. A vida do próximo é um fim real.

¹⁹⁶ Wilhelm BRANDT, *O serviço de Jesus*, p. 11.

¹⁹⁷ Kjell NORDSTOKKE, *Diaconia: Fé em ação*, p. 20.

¹⁹⁸ George W. FORELL, *Fé ativa no amor*, p. 103.

É inaceitável a inércia da Igreja, no servir e no levar alívio e ajuda ao próximo. A Igreja tem uma tarefa. A tarefa é ação: Ide. O apóstolo Tiago já adverte sobre isto ao escrever: "Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta" (Tg 2.17 - ARA).

Gaede Neto, focando sobre os milagres de Jesus e as necessidades corporais, escreve:

Jesus se compadece das pessoas doentes e deficientes, mostrando que o conteúdo central de sua proclamação, o irrompimento do reino de Deus, não é testemunhado apenas pela palavra, mas concretizado através de seu ajudar, curar e resgatar.¹⁹⁹

Rieth, escreve que o "servir é um dom natural que o novo homem, criado em nós pelo Espírito Santo, tem e precisa ser aperfeiçoado exercitado. É todo um espírito, uma mentalidade, uma atitude com as pessoas que os cercam"²⁰⁰.

No desempenho da diaconia Social, a Igreja passa a ter uma oportunidade imensa de servir o surdo, tanto em sua carência espiritual quanto física. Espiritual, porque todos a necessitam. Física porque a pobreza, a falta de trabalho, a falta de escolas, está muito ligado à questão da deficiência, ou vice-versa²⁰¹.

No servir da diaconia da Palavra acontecerá a diaconia Social e/ou vice-versa. Nisto, a Igreja estará sendo um instrumento de Deus no mundo em seu mais puro e pleno propósito.

3.0 - CONCLUSÃO

A questão da deficiência desafia a Igreja a agir de forma a confortar, amparar e receber as pessoas com deficiência em seu meio. Os surdos, apesar de serem em grande número, são

¹⁹⁹ Rodolfo Gaede NETO, *A Diaconia de Jesus*, p. 155.

²⁰⁰ Bruno F. RIETH, *Diaconia. Departamento de Assistência Social*, p. 38.

²⁰¹ Madalena KLEIN, *Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador*, p. 84. e Rodolfo Gaede NETO. *A diaconia de Jesus*, p. 125.

minoria na sociedade. Porém, a Igreja, deve ser lembrada de sua missão para com todos, entre os quais estão os surdos.

Atualmente, avaliando o passado, podemos perceber atitudes diferentes da Igreja com relação às pessoas com deficiência e com os surdos. Porém, ainda não plenamente satisfatória. Muito ainda precisa ser feito, até mesmo para corrigir erros do passado, a fim de oferecer efetivamente aos surdos uma condição humana mais digna e respeitosa.

A Igreja tem a missão e o amor "ágape" para ser o instrumento de ajuda e salvação para o surdo. Recebê-lo como membro do corpo de Cristo, não é uma opção, é uma vontade de Deus. Por isso, o trabalho com os surdos é um cumprimento à vontade de Deus, o qual acontece a partir da diaconia de Deus.

III - O TRABALHO COM OS SURDOS EM UMA CONGREGAÇÃO DE OUVINTES

1.0 - INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo falou-se sobre a pessoa do surdo, a sua comunidade, a sua cultura e a sua história. No segundo capítulo foi apresentada uma fundamentação teológica para o trabalho da igreja com os surdos. Este capítulo, tem a prática como foco. A partir da teoria vista anteriormente, busco conciliá-la com a experiência pessoal de mais de quinze anos de contato e atividade com os surdos. Assim sendo, pretendo compartilhar, sugerir e propor ações práticas para o trabalho com os surdos em meio a uma congregação de ouvintes.

O foco norteador serão as questões iniciais: como trabalhar com os surdos? Quem deve trabalhar com eles? Separar o surdo do ouvinte é algo impossível ou possível, necessária ou imprescindível? Qual a participação e atitude dos ouvintes? Para tanto, cito como modelo de trabalho uma Missão Surdos.

2.0 - O MEU INÍCIO

Julgo oportuno fazer, aqui, uma abordagem de como me envolvi no trabalho com os surdos. Até 1990, não tinha idéia do que era o trabalho com os surdos, não conhecia a sua comunicação e também não sabia que Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) mantinha um trabalho com os surdos.

Enquanto estudante de teologia no Seminário Concórdia, Faculdade de Teologia da IELB, em São Leopoldo, fui convidado a realizar a prática de pré-estágio na Escola Especial Concórdia, em Porto Alegre, uma escola somente para surdos. A prática se deu através da Congregação Evangélica Luterana São Paulo, pois como de costume na IELB, uma congregação deve mediar as atividades pastorais em outras instituições.

A Escola se localizava ao lado desta Congregação. A Congregação São Paulo tinha um pastor chamado para o trabalho com os surdos, o qual atuava primordialmente como capelão escolar.

Em 1992, realizei o meu ano de estágio junto à Escola e a Congregação São Paulo.

Em 1993, concluí o curso de teologia, porém não aceitei chamado nem ordenação. No entanto, continuei trabalhando na Escola como professor de Ensino Religioso.

Em 1995, com a saída do então capelão, assumi o trabalho da capelania escolar, enquanto professor de ensino religioso.

Em 1999, a Congregação São Paulo, chamou-me para ser o pastor responsável do trabalho com os surdos, denominado Missão Surdos. Aceitei ao chamado, no qual continuo até hoje.

3.0 - O INÍCIO DO TRABALHO COM OS SURDOS NA IELB

A data: 05 de setembro de 1966. O local: a residência do casal Naomi e Martim Warth. O fato: a primeira aula ministrada a três crianças surdas: Ester, Ede Paula e Sérgio Linden. Esta data e fato, marcam o aniversário de fundação da Escola Especial Concórdia. Três irmãos surdos, que a partir da carta da irmã ouvinte, Elizete, receberam a atenção da então professora de religião e música, sra. Naomi Hoerlle Warth.

A carta solicitava que a professora falasse do amor de Jesus ao seu irmão e suas irmãs, que estavam em casa. A

atenção e o cuidado da professora Naomi com as crianças surdas, motivaram-na a buscar aprimoramento nos Estados Unidos e na Alemanha. Ao retornar ao Brasil, ela iniciou a Escola Especial Concórdia em sua própria residência.

Não demorou muito, foi necessário que a Escola ocupasse o porão da Comunidade Evangélica Luterana Concórdia de Porto Alegre, bairro Mont´Serrat. A residência do casal Warth se encontrava no campus do então Seminário Concórdia e da Comunidade Evangélica Luterana Concórdia.

Em 15 de outubro de 1970 foi fundado o CEDA, uma associação filantrópica mantenedora e administradora da Escola, por longos anos.

Esta associação contou com a participação de membros da Congregação São Paulo, a qual, em 1970, decidira auxiliar a Escola²⁰², como projeto interno de ação social.

A Congregação São Paulo e o CEDA adquiriram um vasto terreno no Jardim Ipiranga. Com recursos próprios e do exterior, ambos construíram suas novas sedes: templo e escola, respectivamente. O novo prédio da escola foi inaugurado em 29 de abril de 1984 e a Congregação São Paulo inaugurou o seu novo templo em 02 de dezembro de 1984. Ambos permanecem nestas sedes até hoje. Porém, a Escola pertence à Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, tendo sua associação extinta.

4.0 - O QUE É A MISSÃO SURDOS

A Missão Surdos é o trabalho missionário entre as pessoas surdas e seus familiares desenvolvido por congregações da IELB. Em sua grande maioria, a Missão Surdos da congregação tem parceira com uma escola para surdos.

A Missão Surdos está presente, atualmente, em cerca de cinco congregações do Rio Grande do Sul. Pastores da Missão

²⁰² Naomi WARTH, *Eles não ouvem mas podem falar*, p.14.

Surdos destas congregações, organizaram e realizaram em outubro de 2005, o 1º Congresso Luterano de Surdos do Rio Grande do Sul, com a participação de 135 surdos. Nesta ocasião foi escolhida como data de aniversário da Missão Surdos na IELB, o dia 05 de setembro de 1966.

Por muito tempo, a data de 15 de novembro de 1981 era tida como o aniversário da Missão Surdos. Esta data marca a realização do primeiro culto na IELB com tradução para a língua de sinais, ocorrido na Comunidade Concórdia de Porto Alegre. Hoje, a data é lembrada como uma marca significativa no avanço do trabalho com os surdos.

Com a fundação da Escola, tanto o Seminário Concórdia quanto a Comunidade Concórdia se envolveram direta ou indiretamente com o trabalho escolar. Porém, o trabalho não persistiu entre estes. A congregação luterana que, envolvendo-se com o trabalho com os surdos, o mantém até os dias de hoje é a Congregação São Paulo.

5.0 - A MISSÃO SURDOS NA CONGREGAÇÃO SÃO PAULO

Apresento, como modelo de um trabalho com surdos, a Missão Surdos da Congregação São Paulo. Este modelo serviu de base inspiradora para a proposta deste trabalho, bem como para a avaliação quanto a sua viabilidade.

A Congregação São Paulo mantém, sustenta e apóia o maior trabalho com surdos entre as congregações da IELB, sendo por isso referência neste trabalho.

Atualmente, além de ter um pastor para a Missão Surdos, a congregação tem um estagiário envolvido no mesmo. Em seu rol de membros constam 191 surdos, a grande maioria não tem sua família como membro da congregação.

O pastor sabe a LIBRAS. Realiza os cultos usando a comunicação falada e sinalizada ou mesmo tempo. Para as demais

atividades, e também para os cultos, conta também com a ajuda de intérpretes.

Aos sábados, a Missão Surdos realiza as suas atividades de: reunião de jovens, esporte, culto. O culto não é restrito às pessoas da Missão Surdos, mas é um culto regular da Congregação. Nestes cultos há uma participação média de 35 pessoas surdas, além das pessoas ouvintes que apresentam a mesma média.

Uma vez por mês, se possível, é realizado um culto no domingo à tarde. Este é o culto de LIBRAS. Voltado aos surdos, somente é usada a LIBRAS. A média de participação fica em torno de 25 pessoas surdas. Os ouvintes não são barrados, apenas precisam saber a LIBRAS para entender o culto.

A Missão Surdos funciona, praticamente, como uma *mini-congregação* inserida na Congregação São Paulo. Isto é possível por causa do número expressivo de surdos e membros envolvidos. Assim, ela realiza com o seu pastor, seus cultos, seus retiros, seus passeios, suas jantãs, seus encontros.

6.0 - RECEBER O SURDO EXIGE RESPEITO, ACEITAÇÃO E AMOR

Atualmente, discute-se muito sobre a Inclusão. Tanto social quanto escolar, a inclusão visa inserir e integrar os que sofrem preconceito, discriminação ou abandono. Entre estes estão as pessoas com deficiência. Quanto à inclusão, Kelman escreve: "A educação inclusiva, isto é, a educação de alunos que não pertencem à cultura dominante, só pode ser bem-sucedida se for impregnada de respeito às culturas minoritárias"²⁰³.

O trabalho com os surdos, pela Igreja, também é uma atividade inclusiva, a qual pode ocorrer com êxito ou não. O número de ouvintes é significativamente maior do que o número dos surdos. É possível haver a inclusão? Sim, quando a questão

²⁰³ Celeste Azulay KELMAN, *Multiculturalismo e surdez*, p. 87.

envolver respeito. Sim, quando os ouvintes deixarem de agir com os surdos, conforme o capítulo I, deixando-os de fora das atividades dos ouvintes efetivamente. Aceitar os surdos como são, conforme Warth. Então, os surdos deixarão de ser uma questão de número e passarão a ser vistos como pessoas dignas.

Ainda, hoje, há desrespeito pelo surdo. Mesmo sabendo das atitudes de discriminação e desvalorização do surdo na história, congregações cristãs ainda não se aperceberam da necessidade de receberem os surdos. E, muito menos da importância de aprenderem a língua de sinais para então se comunicarem com eles e recebê-los em seu meio.

Assmann e Sung falam da questão dos direitos iguais aos diferentes e do respeito para com eles.

Levar em conta os direitos do outro, buscar razões que expliquem a ausência desses direitos em alguns contextos sociais, colocar-se no lugar do outro, significa levá-lo a sério, considerá-lo real, compreendê-lo.²⁰⁴

O que uma congregação de ouvintes pode fazer diante dos surdos é respeitá-los e aceitá-los como são. E, colocando-se no lugar deles, avaliar o que gostariam que fosse feito. Tal atitude, ganha sentido e valor diante do mandamento: "*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*" (Lv 19.18 - ARA). Um mandamento tão antigo quanto o povo de Israel. No entanto, o que se vê é seu descumprimento. O egocentrismo e o orgulho guiam os atos humanos. Nas atitudes humanas é que reconhecemos grandes deficiências, porém, são as deficiências físicas, mentais e sensoriais que as pessoas preferem se fixar.

A congregação cristã que quer trabalhar com os surdos precisa deixar de fazer a diferenciação de quem é "normal" e de quem "não é normal". Repito o que Hoch coloca: "Se em Cristo *todos* os membros constituem um só corpo, então não se

²⁰⁴ Hugo ASSMANN e Jung Mo SUNG, *Competência e sensibilidade solidária*, p. 71.

poderá distinguir tanto entre membros 'normais' e 'não-normais' "²⁰⁵.

Por isso, trabalhar com os surdos envolve um auto-questionamento. "Precisa romper com tabus, com a desinformação e a ignorância, que levam a atitudes negativas em relação a essas pessoas"²⁰⁶. E isto passa por uma compreensão da diaconia bíblica. Do que Deus quer que eu faça, a partir do que ele fez por mim e para mim, no exemplo de Jesus.

7.0 - SURDOS E OUVINTES - COMPARTILHANDO O MESMO ESPAÇO

Onde há respeito, há também aceitação e envolvimento. Assim, o espaço pode ser compartilhado.

Receber os surdos na congregação é abrir as portas para que ele possa estar junto aos ouvintes, ocupando os mesmos espaços que os ouvintes, tendo acesso às mesmas atividades que os ouvintes.

Por que coloco isto? Porque assim a história não agiu. Onde estavam as crianças surdas daquela irmã que solicitou à professora Naomi que ensinasse sobre Jesus a elas? Em casa. Sem escola e sem Igreja.

Onde ficavam as pessoas com deficiência em épocas passadas? Trancadas em casa, na rua, nas vielas, fora do convívio efetivo da sociedade, sem trabalho, sem festas, sem envolvimento.

Com os surdos isto também acontecia. Quantos surdos, daqueles dois milhões e 250 mil, citados anteriormente, têm participação numa Igreja? Mas por quê? Porque quando penso em ocupar o espaço não é somente estar nele, mas é tirar proveito do que acontece naquele espaço, tanto quanto o ouvinte. E que proveito o surdo tinha? Somente o estar junto. Era algum proveito. Mas, lhe falta o compartilhar do espaço com os

²⁰⁵ Lothar Carlos HOCH, *Em busca de espaço – o deficiente na igreja e na sociedade*, p. 42.

²⁰⁶ Hugo ASSMANN e Jung Mo SUNG, *Competência e sensibilidade solidária*, p. 72.

ouvintes. Compartilhar o espaço ocorre quando uma conversa é possível, uma troca de idéia, um entende o outro e interagem entre si.

Compartilhar o espaço com os surdos, no caso de uma congregação ouvinte, não é somente permitir que o surdo se sente ao lado do ouvinte, mas que ele entenda o que ali esteja acontecendo. O que os ouvintes lêem ao pegar um hinário e uma Bíblia? Quando eles olham para o pastor ou fecham os olhos, o que estão ouvindo? Ao irem até a Santa Ceia e ali comerem pão e beberem vinho, o que e por que estão fazendo isto?

Compartilhar é permitir que o surdo aprenda e participe de tudo, porém, efetivamente consciente. Isto é possível acontecer simultaneamente entre surdos e ouvintes? Como?

7.1 - A língua de sinais no compartilhar do espaço

A comunicação estabelece a sintonia. No caso de surdos e ouvintes, como esta sintonia pode acontecer? Pela comunicação falada? Não. Pois o surdo não a recebe. Mas, pela comunicação visual.

O capítulo I foi enfático em mostrar que a última grande conquista dos surdos foi a oficialização da língua de sinais no Brasil, a LIBRAS. Esta é a língua na comunicação dos surdos. Por isso, a língua de sinais deve estar entre a congregação que trabalha com os surdos. Conforme Warth no capítulo anterior, aprender a língua de sinais mostra que a congregação aceita o surdo como ele é, permitindo-lhe uma convivência com dignidade.

Como oferecer a LIBRAS? Através do intérprete. Nem sempre uma congregação poderá ter um intérprete a nível profissional, no entanto, deverá tê-lo. Faz-se necessário conversar com a congregação para que tenha um intérprete em seus cultos, reuniões e demais atividades, a fim de que o surdo acompanhe,

aprenda e entenda tudo o que está sendo dito, ensinado e conversado.

Nisto, alguns ajustes são indispensáveis. O intérprete deveria se posicionar o mais próximo possível do surdo, não ocultando, se possível, aquele que fala. Receber o surdo em sua língua é compartilhar com ele o espaço. No entanto, colocá-lo num canto, no fundo, ao lado ou num ambiente de pouca claridade, é mostrar que ele não é bem-vindo no mesmo espaço em que o ouvinte está. Agindo assim, a história de discriminação estaria se repetindo.

Aceitar a língua de sinais, por vezes encontra resistência junto aos próprios pais que se enganam a si próprios. Não querem aprender a língua de sinais. Estão convencidos de que o filho ou a filha entende tudo, pois, quando questionados, balançam a cabeça positivamente. O que pensar, então, quando a congregação não quiser aprender a língua de sinais? Quando ela julgar a LIBRAS desnecessária?

Isto é uma repetição do que a história fez com os surdos, quando eram obrigados a falar e a ouvir. O erro histórico persiste sempre que um surdo for privado da comunicação pela língua de sinais com os ouvintes, quer entre sua família, entre uma congregação e entre a sociedade.

O trabalho com os surdos pode ser educativo para a vida social e familiar. Conversar com a família e a congregação, a fim de lhes mostrar a importância da LIBRAS na vida do surdo. Apontar as falhas de comunicação que somente o balançar da cabeça pode resultar. Buscar conscientizar a família da importância do uso dos sinais dia-a-dia.

Jesus se sentou com os publicanos e pecadores para conversar com eles (Mt 9.11). Isto foi diaconia. Jesus foi ao encontro e se comunicou com eles. A atenção, conversa e preocupação com as famílias no relacionamento com o filho ou a filha surda é uma ação diaconal. Por vezes, a família deixa de

lado o filho ou a filha surda que está a sua volta. Às vezes, o surdo por sempre estar emitindo sons, pequenos gritos, ou até mesmo, por ficar calado, é deixado de lado. Por isso, ir ao encontro destes para conversar é um serviço de amor cristão, e que pode alcançar o propósito melhor: uma vida ainda mais digna.

7.2 - Atitudes comunicativas no compartilhar do espaço

As atitudes e posturas também comunicam. Acomodar o surdo no mesmo espaço dos ouvintes é uma atitude comunicativa positiva. O mesmo se faz necessário em momentos de integração como jogos, passeios, jantares, almoços. Uma boa comunicação faz diferença no bom relacionamento e entrosamento de surdos e ouvintes.

Mostrar alegria, um sorriso, olhar e não lhe virar o rosto, cumprimentar e abraçar é uma comunicação. Tentar se comunicar, nem que seja por gestos ou mímicas, por uma fala mansa e bem articulada, é mostrar apreço. Ou seja, tentar quebrar a barreira da comunicação que está impedida pela falta de audição. Isto Jesus fez com o surdo-mudo que lhe foi trazido.

É importante lembrar de algumas dicas dadas pela FENEIS para um bom relacionamento entre surdos e ouvintes. Recomenda-se que, ao tentar conversar com um surdo, o ouvinte não deve:

- gritar com os surdos, isto não o ajuda a entender melhor
- exagerar na articulação das palavras, isto prejudica a sua leitura labial
- falar com o surdo quando estiver de costas para ele
- deve buscar sempre uma melhor iluminação, a fim de ter o rosto e as mãos bem à vista

Uma vez que a língua de sinais é usada e há uma comunicação efetiva, também em atitudes e posturas, surdos e ouvintes poderão ocupar o mesmo espaço com a mesma finalidade. E esta convivência se dará com alegria e proveito mútuo, como se todos fossem um só corpo, enquanto Igreja, o corpo de Cristo.

8.0 - O TRABALHO COM OS SURDOS ENQUANTO NÚMERO EXPRESSIVO

Passo a focar uma atividade com surdos com um número expressivo de surdos, como é o caso da Missão Surdos da Congregação São Paulo.

Na medida em que uma congregação trabalha com os surdos, a participação destes tende a aumentar. Aumenta a participação dos surdos nas diversas atividades; aumenta o número de surdos envolvidos; aumenta a exigência ao trabalho. Pode, também, aumentar algumas oposições, pois o espaço é cada vez mais compartilhado.

Com a maior participação de surdos, há também a manifestação da cultura surda. Isto pode gerar certa animosidade por parte dos ouvintes. Diante de eventuais intrigas, a congregação deveria ser informada da existência da cultura surda, da necessidade de vida em grupo entre os iguais surdos, a fim de não acabar por expulsar o surdo de seu convívio. Impedir o surdo de viver enquanto grupo de iguais, com expressão de sua cultura, é agir de forma autoritária e dominante. É justamente isto que se deve evitar.

8.1 - Dois mundos, duas culturas

Trabalhar com os surdos não é somente permitir que estes estejam junto com os ouvintes. Trabalhar com os surdos é, inicialmente, se preocupar em como permitir que dois mundos possam conviver simultaneamente num mesmo espaço, a ponto de ambos alcançarem a felicidade na comunhão.

Dois mundos, duas culturas. Ao citar os dois mundos dou atenção às diferenças que existem entre ambos, resgatando as suas semelhanças e possibilidades presentes para o compartilhar do mesmo espaço. As individualidades devem ser respeitadas. Espaço para manifestação de certas posturas pode ser oferecido. Implicações culturais deveriam ser aceitas, permitindo a manifestação da comunidade surda e da comunidade ouvinte. Estas são atitudes que precisam ser assimiladas para que surdos e ouvintes possam conviver e compartilhar numa congregação. Assim, será possível escrever uma História diferente da que se viu no capítulo I, onde o mundo do surdo não era aceito.

A congregação ouvinte ao querer trabalhar com o surdo não pode pensar que o surdo deve se encaixar ou enquadrar em sua forma de ser e de viver como congregação. Esta tentativa de enquadrar o surdo na sociedade ouvinte, a partir de Warth, seria uma manifestação do amor "Eros". Isto é desrespeitar a sua cultura. A Igreja deveria estar aberta para conversar e planejar com os surdos sua inserção e participação.

8.2 - Adequações no uso do espaço

Um dos momentos que mais ocorre o compartilhar do espaço é o momento do culto. É claro que em outros momentos também, porém, o que mais caracteriza o encontro de surdos e ouvintes na congregação é quando estão juntos para o culto.

Surdos e ouvintes querem visualizar bem aquilo que vêem. No caso dos surdos, quando há a utilização da língua de sinais, quanto mais próximo de quem se comunica, tanto melhor. Pensando no culto, o lugar indicado para o surdo sentar é o mais próximo ao altar e ao púlpito. Isto facilita a compreensão, visualização e nitidez na leitura dos sinais feito pelo intérprete ou pelo pastor.

Caso o surdo tenha um intérprete, este deveria estar na mesma linha visual de quem está falando. Ou seja, o surdo ao

olhar para o intérprete deveria enxergar, ao fundo, quem está falando. Isto, para que o surdo possa fazer as assimilações e identificações necessárias, como movimentação, expressão e gesticulação do falante. No entanto, quando é o pastor que está sinalizando, quanto mais próximo ao pastor, ou ao altar, tanto melhor.

Imagine o caso da Missão Surdos. Trinta e cinco surdos no culto, por vezes quase 50. O que acontece? Ocorre uma acomodação natural. Ouvintes e surdos misturados. Porém, percebe-se que ao mesmo tempo o grupo de surdos se senta junto. Isto também acontece com os ouvintes. Os mais conhecidos, os jovens, querem estar juntos.

Pode ocorrer que alguns se perturbem ou digam que é um "estorvo" a sinalização ou colocação dos surdos mais à frente. "Por que precisam ficar ali? Por que não ficam lá no fundo? Lá não vão nos estorvar ou prejudicar a atenção". Diante da queixa, a congregação deve se posicionar e buscar esclarecer a quem incomodado. Pode parecer um tanto irreal. Porém, a prática mostra que até mesmo isto pode gerar discussão.

Hoje em dia, os programas de televisão estão usando cada vez mais a tradução para a LIBRAS. No entanto, qual o surdo que pode visualizar os sinais do intérprete, de forma confortável, e na mesma distância que os ouvintes ao assistirem sua televisão, naquele pequeno quadrado? O surdo precisa se aproximar, se esforçar em ver. Este é o mundo dos ouvintes. Pensar em aumentar o quadrado do intérprete, acarretaria em redução na imagem do programa. Isto seria inconcebível.

A busca pelo espaço nada mais é do que o compartilhar do espaço. Quando um entender o outro em suas necessidades e receber este outro em seu meio, dando-lhe condições para que possa ser feliz, ocorrerá o compartilhar do espaço entre as diferenças e diferentes.

8.3 - Adequações no culto

Ao se trabalhar com os surdos numa congregação, algumas adequações se fazem necessárias.

8.3.1 - Ficar sentado

Situações são negociáveis. Atitudes e padrões são redirecionados. Por exemplo: os cultos da Missão Surdos aos sábados, são cultos em que os membros ficam sentados praticamente todo o culto. Não há o "senta e levanta" que há no culto dominical. Visto que os surdos necessitam da visão do pastor ou do intérprete, há a necessidade de uma acomodação ao melhor campo visual. O surdo se senta de forma que pode enxergar quem está sinalizando. O levantar pode vir a prejudicar a sua visão. Alguém maior à sua frente pode tapar a visão. No momento em que todos se levantam alguém pode ser prejudicado. Isto acarreta na perda do que foi sinalizado.

O que precisa ser reavaliado, no caso da Missão Surdos, é o longo tempo sentado, pois isto pode ser cansativo. O que objetivaria num melhor receber aos surdos, pode se tornar justamente num motivo de distração ou incômodo. Em momentos como confissão da fé, oração do Pai Nosso, liturgia da Santa Ceia, ficar de pé seria uma boa idéia.

8.3.2 - A liturgia

A liturgia também é elaborada de forma especial. Ela é abreviada, em comparação ao culto dominical. O ouvinte, a fim de relaxar a visão, pode baixar a cabeça, fechar os olhos, olhar para os lados, sem acarretar em prejuízo ao que está ouvindo. O surdo não pode fazer o mesmo. Se tirar os olhos de quem está sinalizando, perderá o assunto. Assim sendo, o surdo no culto é muito mais exigido em sua atenção do que o ouvinte. Conseqüentemente, irá cansar mais rápido. Por isso, uma liturgia mais direta e menos longa é mais apropriada.

O canto da liturgia, no caso da Missão Surdos, foi extinto. Uma justificativa é de que a liturgia cantada é muito lenta. Palavras com "floreio musical". Na LIBRAS, algumas palavras necessitam somente um movimento e uma configuração de mãos. Sua sinalização terminava antes do canto, caso não fosse feita em ritmo de "câmera lenta". É claro que isto pode ser trabalhado com quem interpreta, mas seria necessário ao surdo? Penso que não.

O modelo da Missão Surdos de não cantar a liturgia pode ser reavaliado, mesmo que seja bem sucedido. Para os ouvintes, o canto faz falta. O gosto pela liturgia cantada não pode lhes ser tirado somente porque não é o mais indicado aos surdos. Isto acarreta também numa atitude autoritária e unilateral. O que se está buscando evitar por parte dos ouvintes, não pode ser cometido por parte dos surdos. Assim, algumas partes da liturgia, especialmente aquelas que tenham um ritmo mais rápido, poderiam ser cantadas.

8.4 - A música

A música e o canto também devem ser analisados. Por algumas vezes, a título experimental na Missão Surdos, as músicas no culto foram eliminadas. Isto não foi positivo para a participação dos ouvintes, mesmo que o tenha sido para os surdos. A música apresenta certa dificuldade para a tradução. Por vezes, é repetitiva, o que é agradável para o ouvinte. Porém, o que é bom para os ouvintes pode não ser bom para os surdos.

Lembro de uma celebração referente à ascensão de Cristo. Somente corais. Surdos se fizeram presente. Um desastre! Uma música inteira, com somente uma palavra: "Aleluia!" Outra, onde o coral fazia "malabarismo" sonoro em uma sílaba ou fonema. Como traduzir? Teria significado? No culto com ouvintes, a música deve fazer parte. No entanto, num culto voltado aos surdos, penso que seja recomendável uma menor

quantidade de músicas. Ainda assim, isto deve ser avaliado por cada congregação, uma vez que a música faz parte do culto.

A "musicalidade" dum canto pode ser expressa aos surdos pela tradução. A música pode ser traduzida e, melhor ainda, dramatizada e encenada. Poder-se-á organizar um coral de surdos. Com os ensaios, os integrantes saberão o que irão fazer. Assim, não estarão somente copiando os sinais de um regente. A apresentação pode conter encenações. Os sinais poderão ser "musicalizados": ritmo e sincronismo, como se fosse um "balé" da língua de sinais.

A música quando somente traduzida passa a ser mais um discurso ao surdo. O copiar da música pode relaxar o surdo no culto, porém, sua atenção continua fixa, podendo lhe cansar.

Lulkin, falando das apresentações de grupos de dança onde os músicos param de tocar e onde bailarinos surdos não podem olhar a platéia, pois devem ficar fixos nos movimentos e na sinalização da professora ouvinte que tenta sincronizar tudo com a música, se pergunta:

Que sentidos afeta, e quais sentidos produz, a interrupção da música? (...) Que sentido tem essa canção para as cantoras-bailarinas (...) Que sentidos/significados são produzidos (...) Que sentidos são produzidos para os próprios "artistas" surdos (sobre si mesmos), ao mostrarem uma criação "dependente" do professor ouvinte?²⁰⁷

A música pode ser usada como um recurso de expressão, de arte, que o surdo mesmo trabalha e constrói a sua desenvoltura, usando os sinais que lhe trazem significado e expressão. Caso contrário, se torna mais um momento de "fala".

8.5 - Teatro

Apresentações teatrais dos surdos nos cultos é uma maravilhosa oportunidade do surdo se envolver mais com o culto. Além de permitir ao surdo uma idéia real, mais concreta, do assunto em foco, o surdo passa a ser um

²⁰⁷ Sergio Andrés LULKIN, *O Silêncio Disciplinado*, p. 27.

integrante na preparação do culto. Tanto pequenas peças teatrais, histórias bíblicas, quanto fatos da vida, requerem um envolvimento anterior do surdo em ensaios.

Os surdos gostam muito da atividade cênica. Isto lhes "fala" pelos olhos de forma muito clara. Faz parte de sua cultura a expressão corporal. Os sinais acarretam em um desenvolvimento natural da expressão facial e física. Nem todos aceitam atuar em público. Por isso, envolver os surdos que querem atuar em pequenas peças é muito recomendado.

8.6 - O surdo na tradução

Acima, se comentou sobre a importância não só da participação, mas do envolvimento do surdo no culto. Algo muito positivo, é o envolvimento do surdo na tradução da liturgia, do canto, da leitura bíblica. Isto significa que não é um ouvinte que interpreta, mas o próprio surdo.

Um surdo no lugar do intérprete. Como irá atuar se não ouve o que está sendo falado? Não é para estes momentos de fala. Mas, o surdo pode fazer uma leitura em sinais, tendo um ouvinte fazendo a voz para os ouvintes. O surdo pode fazer o responsivo na liturgia, enquanto que os ouvintes a falam. Isto requer um treinamento anterior, mas plenamente possível.

Nunca é demais lembrar que para este envolvimento, a escolha correta do surdo que irá atuar é importante. Colocar um surdo de má reputação ou que não é aceito pelos demais, pode acarretar em conseqüências negativas, como no afastamento por parte de alguns surdos. A seriedade nesta escolha, se dá tal qual a escolha dos diáconos na igreja primitiva, ou seja, pessoas "de confiança, cheios do Espírito Santo e de sabedoria" (At 6.3 - NTLH).

9.0 - ENVOLVIMENTO DOS OUVINTES

Toda instituição precisa e busca apoio para si. Toda organização almeja e aceita "padrinhos ou voluntários".

Associações são fundadas com o propósito de facilitar a busca por recursos financeiros e também de pessoal. No trabalho com os surdos isto também é necessário. Não somente porque é um trabalho restrito e específico, mas porque envolve uma atividade com pessoas marcadas por um passado "preconceituoso", que sempre as julgou deficientes e incapazes.

Creio que o trabalho com os surdos apresente dois grandes desafios: o de superar o passado e o de, uma vez superado o passado, conscientizar as pessoas ouvintes da necessidade do apoio.

O desafio de superar o passado é diário. É comum encontrar pessoas que fiquem surpresas ao verem um surdo participando do culto, por exemplo. Frequentemente, ouço questionamentos como: "mas eles podem entender?" ou "coitados, eles devem de sofrer, não é?" "tem gesto pra tudo?". "Mas como vocês conseguem?". Perguntas que nos remetem ao passado, à idéia de que o surdo não tem capacidade, de que é um pobre coitado ou de que é um desafio muito grande. Por isso, ele ficava a margem, isolado.

Pessoas de dentro da congregação, apesar de saberem do trabalho e de conhecerem o trabalho, tem grande dificuldade em se envolver. Acham bonito, mas não se envolvem mais. A idéia de "corpo de Cristo" deve ser trabalhada e resgatada com os membros ouvintes. O trabalho com os surdos não se restringe somente à interpretação ou cultos.

Para haver envolvimento faz-se necessário a divulgação do trabalho, pois muitos membros ouvintes não sabem em que tudo ele implica. A maioria não sabe o quanto ele exige e quão desafiador ele é. Por isso falar da atividade com os surdos, explicar a sua abrangência, divulgar fatos e eventos, poderá resultar em ótimos frutos.

O trabalho com os surdos não é uma questão de decisão, nem muito menos de piedade, mas é vocação. Participar duma

atividade voltada às pessoas com deficiência, não tem como motivação o simples "querer fazer o bem", mas uma inclinação "vocacional". No entanto, para que esta vocação seja despertada numa pessoa, julgo necessário que a pessoa conheça o trabalho, tenha acesso ao mesmo, para então se apaixonar pela causa. E isto, deve estar bem claro, não acontece com todos. Mas, somente com alguns.

O envolvimento do ouvinte no trabalho com os surdos é desafiador porque busca quebrar a idéia do diferente, do estranho, do desconhecido. Realmente, o trabalho com os surdos quebra tabus e preconceitos, conforme colocado acima por Assmann e Sung. No entanto, na Igreja, poder-se-á perceber que o que motiva uma pessoa às atividades especiais com as deficiências, é a diaconia de Deus. Seu envolvimento com o trabalho é a prática da diaconia da Igreja. Conforme o final do capítulo II, isto aponta para o amor de Deus pelas pessoas e, então, sua resposta voltada a Deus e ao próximo, pois *"nós amamos porque ele nos amou primeiro"* (1 Jo 4.19 - ARA).

9.1 - O envolvimento é diaconia

O trabalho com os surdos é uma ação diaconal. E lembrando o capítulo II, é diaconia da Palavra e diaconia Social. Por isso, buscar envolvimento dos ouvintes e também dos surdos no trabalho é permitir que Deus brilhe o seu amor através deles.

Ter um surdo atuando, ajudando, confessando a fé na Igreja é manifestação do poder e da glória de Deus. Nisto, se cumpre o PARA QUÊ da resposta de Jesus, conforme capítulo II, um PARA QUÊ que não pode ser desprezado pela Igreja, pois acontece diariamente num trabalho com os surdos.

Este propósito de Deus, que é o propósito da Igreja, almeja ser uma ajuda ao surdo, porém, não um assistencialismo. Quer ser diaconia. Sobre assistencialismo, em oposição ao sentido da diaconia, Bruno Rieth escreve: "Assistencialismo é o termo que descreve um modelo de assistência em que o

beneficiário é um agente passivo, não é o sujeito de sua própria história"²⁰⁸. Neste sentido o surdo seria somente um objeto na ação dos ouvintes. No entanto, o envolvimento tanto de surdo e de ouvinte traz benefícios que vão para além do que é temporal e físico; traz benefícios eternos, espirituais.

Rieth continua dizendo: "É uma ação na qual não se buscam as causas do problema, simplesmente se dá tudo de mão beijada e não se procura conscientizar sobre a realidade e suas causas"²⁰⁹. Está implícita a idéia de ajudar por ajudar, sem levar à compreensão do que se está fazendo pelo outro, ou o que se está tentando conscientizar, mudar ou alcançar. O ouvinte deve ser conscientizado disto, bem como o surdo. Este é um envolvimento possível.

A diaconia da Igreja que se volta para a diaconia da Palavra e Social, lida com as questões básicas do surdo: espirituais e terrenas.

A diaconia da Palavra não pode se restringir aos cultos. Ela perpassa todo o trabalho, em qualquer local e momento. Ela busca responder o COMO que Paulo pergunta: "*Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue? E Como pregarão, se não forem enviados?*" (Rm 10.14,15 - ARA).

A diaconia da Palavra buscará mostrar o que é possível ser feito quanto ao PARA QUÊ e o COMO. O COMO se volta ao trabalho da prática com os surdos, que se mostra não somente viável, mas necessário: "Como crerão", "Como ouvirão" e "Como pregarão". A Missão Surdos pode ser um modelo para esta prática.

À Igreja, lembro que é Deus quem age em seu propósito. Mas, ele o faz através dos membros e do trabalho da Igreja. Um versículo que me marca muito diante do trabalho com os surdos

²⁰⁸ Bruno F. RIETH, *Comunidade com o jeito de Jesus*, p. 80.

²⁰⁹ Bruno F. RIETH, *Comunidade com o jeito de Jesus*, p. 80.

é 2 Co 4.7; *"Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós"* (ARA). Ele fala por si só, nos consola e encoraja quando, diante do grande tesouro da palavra de Deus, do seu Evangelho, ele age com PARA QUE através de nós, frágeis vasos de barro.

A diaconia Social acompanha a diaconia da Palavra. Talvez é nesta ação que cabe lembrar o cuidado quanto ao assistencialismo, de forma mais pertinente. A diaconia Social inicia numa atitude da congregação ouvinte em suportar o trabalho com os surdos e continua na medida em que se depara com as necessidades materiais e físicas dos surdos e suas famílias.

9.2 - O suporte dos ouvintes

O surdo não é deficiente!?! É capaz, pode trabalhar, gerir e gerenciar!?! Então, pode sustentar o trabalho na Igreja? Uma idéia muito boa e de igualdade. Tais idéias colocam o surdo e o ouvinte em paralelo com as responsabilidades, deveres e obrigações. Não deixo de admitir que é uma meta a ser alcançada. Porém, visto que a sociedade ainda não apresenta esta posição de igualdade quanto à autonomia financeira, também não a teremos na congregação.

O surdo, assim como o ouvinte, oferta, contribui e participa do sustento da congregação. Porém, sustentar o trabalho da congregação, cobrindo os custos que o trabalho com os surdos implica, isto é atualmente, impossível. Assim como em outros países, também no Brasil o trabalho com os surdos é mantido, amparado e sustentado pela congregação ouvinte.

É sabido que a situação sócio-econômica da grande maioria dos surdos e de suas famílias é muito baixa. Em alguns casos é de grande pobreza. Destacando a difícil situação econômica, suas causas e conseqüências, Madalena Klein escreve:

Wrigley (1996) argumenta que surdez e pobreza se conectam de forma muito imediata. As dificuldades, vividas por grande parte das famílias, ligadas à falta de emprego, ao subemprego e à pobreza, resultam em um difícil acesso à informação adequada e aos processos de tomada de decisão, fazendo com que alunos surdos e familiares procurem, nas escolas e nos movimentos de surdos, apoio e auxílio.²¹⁰

Conforme exposto acima, isto não isenta os surdos de participarem com responsabilidade, assumindo compromissos, cumprindo com obrigações e usufruindo os direitos pertinentes à congregação. Mas, a sua realidade social e econômica não lhes permite ter uma congregação própria ou manter as suas atividades numa congregação. Isto se dá, ainda hoje, em virtude de toda a histórica discriminação e desvalorização do surdo. E a Igreja pode ser um agente transformador desta realidade, porém, enquanto em processo, a diaconia Social se ocupará em ajudar, ensinar e preparar os surdos.

Assim a congregação estará disposta a oferecer toda a ajuda necessária que o surdo e sua família vierem a precisar nas diferentes áreas: do social, da saúde, da educação, da psicologia, e também, da espiritual.

Encerrando esta abordagem diaconal, aponto para a diaconia como uma possível manifestação cultural da Igreja Cristã, citando Perlin: "cultura é agora uma das ferramentas de mudança, de percepção de forma nova, não mais de homogeneidade, mas de vida social, constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender, de explicar"²¹¹.

10.0 - A LIBRAS SALVANDO VIDAS

Diz-se que "a comunicação é a alma do negócio". Diria que no trabalho com os surdos: "a língua de sinais é a alma do negócio". Assim, não há como conceber uma atividade com os surdos sem o uso da língua de sinais: a LIBRAS, no Brasil.

²¹⁰ Madalena KLEIN, *Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador*, p. 84.

²¹¹ Gladis Teresinha PERLIN, *O lugar da cultura surda*, p. 75.

Isto é confirmado por Padden e Humphries, ao falarem sobre peças teatrais de histórias recontadas pelos surdos: "Nesta cena os atores dramatizam uma intuição coletiva sobre que tipo de vida não é possível para as pessoas Surdas: uma vida falada que exclua a linguagem sinalizada".²¹²

Stumpf deixa a seguinte mensagem no livro "Mãos fazendo História":

É impossível para aqueles que não conhecem a língua de sinais perceberem sua importância para os surdos, sua enorme influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição e sua maravilhosa capacidade de levar o pensamento a intelectos que de outra forma ficariam em perpétua escuridão. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso de sinais.²¹³

É por esta situação que o surdo passa ou vive, em muitos casos: em completa escuridão, alienado do mundo ouvinte. Sem comunicação com o mundo que vê em ação. Vê pessoas movimentando a boca, falando por telefone, caras admiradas, tristes, espantadas, todos olhando para uma mesma direção por algum motivo: um som, uma chamada de voz... o que será?!

O número elevado de surdos como membros da Congregação São Paulo pode ter causado espanto. Por que este número elevado? Em muito, isto se deve porque ali a LIBRAS é usada.

Inúmeros surdos ingressaram na Missão Surdos no momento em que tiveram contato com o Evangelho pela LIBRAS. Alguns afirmaram: "lá na outra igreja eu não entendo nada, eles só oralizam".

Hoje, isto é realidade também em muitas outras Igrejas. Com a expansão e a divulgação da língua de sinais, muitas Igrejas já estão usando a LIBRAS, e conseqüentemente, estão tendo atividades com os surdos.

²¹² Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*, p. 110. "In this scene the actors dramatize a collective intuition about what kind of life is *not* possible for Deaf people: a speaking life that excludes signed language".

²¹³ Karina Ferreira de SÁ, *Tempos Modernos*, p. 101.

A LIBRAS tem uma importância enorme na comunidade surda. É meio de comunicação e instrumento de libertação. O surdo, do isolamento e da total alienação, passou a ter envolvimento e conhecimento. Entendendo, passou a julgar, participar, reivindicar, e, com isso, alcançou reconhecimento, valor e dignidade. Lulkin cita que na missão religiosa o que marcou os mestres, pelo menos assim se apresentaram, foi a imagem de "pais", "salvadores", "libertadores" dos surdos²¹⁴. No entanto, podemos afirmar que estes adjetivos obtiveram realmente significado social e espiritual aos surdos, quando a língua de sinais passou a ser usada.

A língua de sinais é libertadora ou salvadora. Relato uma história, ou melhor um conto, que se encontra no livro de Padden e Humphries. É a história de Joshua Davis, que teve origem em uma anedota familiar sobre as escapadas de um parente durante a Guerra Civil, mas que até agora só teve uma razoável circulação em algumas partes do país. Aqui está uma versão, a que foi gravada em *Deaf Heritage* (Gannon 1981):

Garoto de dezoito anos de idade, Joshua Davis estava caçando esquilos um dia na plantação sudeste de seus pais, próxima a Atlanta, Georgia, durante a Guerra Civil. De repente ele se viu cercado por soldados da União. Davis era surdo, mas podia dizer que eles estavam gritando com ele ... Davis apontou para seus ouvidos e gesticulou dizendo que era surdo mas os soldados não acreditaram nele. Eles suspeitaram que ele era um espião e que estava tentando enganá-los, mentindo que era surdo. Eles empurraram o garoto, levando-o até uma casa próxima onde um casal que estava na frente da casa informou a eles que o jovem era seu filho e que ele era, de fato, surdo. Os soldados não acreditaram neles e foram procurar uma corda para enforcar o jovem Davis como sendo um espião. Foi então que um oficial chegou. O oficial foi

²¹⁴ Sergio Andrés LULKIN, *O Silêncio disciplinado*, p. 53. Lulkin fala assim, a partir da atitude que os religiosos tinham frente à necessidade de ensinarem o surdo a falar por exemplo a palavra Cristo, Deus, isto lhes traria libertação e perdão.

informado que eles haviam capturado um espião que estava "bancando o surdo." O oficial cavalgou até o garoto e usando o alfabeto manual lhe perguntou: "Você é surdo?". O garoto respondeu por sinais, "Sim". "Onde você foi educado?", o oficial perguntou a seguir, ao que o jovem respondeu que fora na escola para surdos em Cave Spring. Com aquela informação, o oficial ordenou a libertação do jovem e a casa da família foi poupada (Gannon 1981:9-10)²¹⁵.

No livro, lemos a informação de que o oficial tinha um irmão surdo que havia ensinado a ele a "falar com as mãos".

Existem diferentes versões desta história. Porém, em todas se encontra o ponto central: um garoto surdo, capturado por soldados e prestes a ser enforcado como espião, é salvo por um oficial que tinha um parente surdo que sabia sinais.

Padden e Humphries destacam a inteligente estrutura interna da história. Esta estrutura pode significar muito para o trabalho com os surdos. Joshua Davis primeiro tenta sair de seu terrível apuro usando gesticulações: "Davis apontou para seus ouvidos e gesticulou dizendo que era surdo"²¹⁶. Visto que isto não funcionara, seus pais apelaram dizendo "que o jovem era seu filho e que ele era, de fato, surdo"²¹⁷.

Porém, o apelo também falhou. Como que por milagre, surge um oficial e faz um teste com o garoto, e reconhecendo-o como surdo, liberta a Davis.

O comentário que chama atenção é o que segue:

Na *Herança Surda*, o título para esta história seria "A Língua de Sinais Salva uma Vida." De fato, porém a história também

²¹⁵ Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*, p. 32.

²¹⁶ Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*, p. 33. "Davis pointed to his ears and getured that he was deaf"

²¹⁷ Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*, p. 33. "that the youth was their son and that he was, indeed, deaf"

conta o que não pode-se levar em conta para salvar-se a vida de alguém: gestos ou falas.²¹⁸

A inteligente estrutura desenvolvida pela história pode relatar as etapas vencidas no trabalho com os surdos por parte da Igreja e sociedade. Primeiramente, os surdos diziam que não podiam ouvir. Porém, nada se fez, muito menos se levou a sério sua queixa. Depois, algumas pessoas: pais, professores, sacerdotes, reconhecendo a dignidade da pessoa surda, clamaram em favor destes, mas não foram atendidos. Tempos depois, vem o reconhecimento de que os surdos têm a sua língua e esta lhes "salva a vida".

O simples falar com os surdos e o simples usar de gestos não alcança êxito na comunicação. Se os surdos não compreenderem, como eles poderão responder satisfatoriamente? E, como eles poderão ser entendidos pelos ouvintes? Sem a LIBRAS, uma congregação passa a "ter" o surdo em seu meio. Isto, não permite o surdo "ser" alguém ali no meio, ser alguém que entenda, responda, discuta sobre o que é falado ou ensinado.

"Salvar a vida" tem dois enfoques: salvar social, entre a sociedade; e, salvar espiritual, da alma, pelo Evangelho. Os surdos realmente "têm" as suas vidas salvas, resgatadas, encaminhadas, a partir do reconhecimento da língua de sinais. Tratando-se da Igreja, ela oferece o conhecimento que lhes pode salvar por toda a eternidade comunicando aos surdos o evangelho salvador de Cristo pela LIBRAS. Assim, os surdos poderão "dizer" que "são" salvos, pois crêem em Cristo. Isto é diaconia da Palavra e diaconia Social.

11.0 - O INTÉRPRETE E O PASTOR

A figura do intérprete é valiosa neste trabalho, especialmente quando o pastor não sabe a língua de sinais.

²¹⁸ Carol PADDEN e Tom HUMPHRIES, *Deaf in America*, p. 33. "In *Deaf Heritage* the heading for this story reads, 'Sign Language Saves a Life.' Indeed, but the story also tells what one cannot count on to save one's life: gestures or speech."

Porém, cabe ressaltar que o intérprete não ocupará a figura do pastor. A Igreja que não tem um pastor sabendo a língua de sinais, enfrentará mais dificuldades. A prática me leva a dizer que no trabalho com os surdos é indispensável um pastor que sabe sinais.

Por que somente o intérprete não basta? Porque ele não é o pastor. Imagine um surdo querendo buscar um conselho, compartilhar algo particular, fazer uma confissão. Como ou qual seria a situação do intérprete neste momento?!

É claro que do intérprete se exige postura condizente com a sua atividade profissional e ética enquanto profissional, conforme capítulo I. Segredos devem ser guardados e neutralidade deve ser uma postura recomendável. Porém, se o surdo não quiser a presença do intérprete? Se não confiar no intérprete? Provavelmente, o surdo não irá até o pastor.

O surdo ao procurar o pastor, necessita de privacidade. Quando o pastor quiser conversar, orientar, ajudar o surdo, necessita de privacidade. Quando ele for chamado para acompanhar questões particulares numa família. São muitas as situações que o pastor como tal deve agir e que o intérprete seria alguém "inconveniente".

Uma das grandes necessidades do surdo é ter alguém para conversar. São inúmeras as vezes em que um surdo, durante a semana, vai ao gabinete somente para conversar. A disponibilidade do pastor é maior do que a do intérprete. O pastor está na igreja a "espera de suas ovelhas". Isto é imprescindível para o surdo que não pode utilizar o telefone.

A pessoa do pastor é alguém que transmite seriedade, honestidade e ajuda. Em sua grande maioria, o surdo encontra no pastor a figura dos pais, pois estes nem sempre sabem tanto sinais a ponto de poderem "levar um papo" com os seus filhos surdos.

O intérprete pode ser um grande amigo, um grande conselheiro. Pode ser sério e honesto. Um esteio nas situações adversas. Mas, o pastor, aquele que leva a Palavra de Deus, atua junto ao surdo de forma bem especial em momentos especiais: sepultamentos, casamentos, batismos, festas ...

A figura do pastor amigo, presente e de ajuda, deve ser zelada com seriedade. Infelizmente, a prática mostrou casos em que surdos deixaram de participar de determinadas igrejas pelo fato de não mais se entenderem com o intérprete, o qual se envolvia em questões muito particulares do surdo fora da Igreja.

Jesus retirou o surdo da multidão e o atendeu (Mc 7). O pastor, ele é Jesus para o surdo. O intérprete, ele pode ser quem leva Jesus ao coração do surdo. Apesar de Lutero dizer que devemos ser "pequenos Cristos" ao próximo, conforme capítulo anterior, o intérprete quando ajuda e ama o surdo, já está sendo o que Lutero recomendou.

Quanto ao intérprete cabe ressaltar, ainda, que seja um membro da Igreja e que conheça suas doutrinas e seus ensinamentos. Isto facilita a atuação e tradução que irá fazer. Dá credibilidade, boa impressão e boa imagem ao trabalho. Tenho visto situações constrangedoras de alguns intérpretes, como, por exemplo, uma sutil expressão facial de desaprovação quanto ao que o palestrante falava. Imagine isto acontecer num culto referente a uma pregação?

12.0 - SEGUINDO O EXEMPLO DE JESUS

Com certeza Jesus é um exemplo e deixou inúmeros exemplos, em termos de atitudes e ações, a serem seguidas pelas pessoas em geral. Para o trabalho com os surdos, Jesus também oferece um ótimo exemplo para a sua prática. Em Jesus existe uma verdadeira diaconia para com os surdos a ser seguida.

A partir do texto de Marcos 7.31-37, exposto no capítulo II, a maneira de Jesus de se comunicar com o surdo-mudo é relevante para o trabalho da Igreja em dois aspectos: a aceitação e a preocupação em se comunicar com o surdo.

É digno de citação o que Prieto traz em seu trabalho, citando Barclay:

Todo el relato muestra que Jesús no consideró, al hombre meramente como un caso; lo considero como un individuo. El hombre tenia una necesidad especial y un problema especial, y com la mas tierna consideración Jesús lo trato de una forma que respeteva sus sentimientos, y de una maneira que el podia entender.²¹⁹

Jesus aceitou o surdo-mudo como um indivíduo necessitado de atenção, amor, ajuda, e não como um caso. Jesus exerce a diaconia. A diaconia da Palavra e a diaconia Social.

É significativa a forma como Jesus aborda o surdo-mudo. Jesus o retira da multidão. Por quê? O real motivo somente Jesus poderia dizer. Porém, quero responder a partir do que se conhece sobre os surdos. Eles necessitam de atenção direta, pessoal, particular. Por exemplo, escolas especiais recomendam para as suas salas somente o número possível de alunos que possibilitem formar uma meia-lua diante do professor, evitando que um surdo se sente atrás de outro. Isto é um fator facilitador para a comunicação e a visualização dos sinais do professor por parte do aluno surdo.

Jesus retira da multidão o surdo-mudo, pois sabe que assim ele se voltaria somente para Jesus. Esta retirada evitaria a distração, possibilitando maior concentração e atenção do surdo em Jesus.

Jesus tem um momento específico com o surdo-mudo. Este exemplo de Jesus também pode ser seguido por uma congregação que quer trabalhar com os surdos. No momento em que o surdo é o alvo, deveria ser visto como um indivíduo, como uma pessoa

²¹⁹ Ely PRIETO, *Fundamentação Bíblica para o ministério dos surdos*, p.16.

que precisa ser atendida em sua dignidade, necessidade e em seu jeito de ser.

Estes instantes em que o surdo-mudo e Jesus estão frente a frente, são instantes de pura sintonia, de harmonia e de entendimento. Gestos como pegá-lo com carinho, afastá-lo da multidão, tocá-lo nos ouvidos, usar saliva, levantar a cabeça, suspirar, tudo comunicava. Tudo visava a melhor compreensão. Estavam frente a frente num momento particular. Isto pode ser feito também com os surdos hoje numa congregação ouvinte.

13.0 - UM CAMINHO PARA O TRABALHO COM OS SURDOS

Muito já foi colocado sobre o trabalho com os surdos numa congregação de ouvintes. Passo a apresentar um caminho que defendo como uma opção possível no trabalho com os surdos em suas especificidades: cultura, identidade, dignidade.

13.1 - O grupo dos surdos - uma mini-congregação

A realidade de mini-congregação, no caso da Missão Surdos, fica bem evidente em suas atividades. Ela tem grupo de apoio que atua, prepara e planeja as atividades da Missão Surdos. Nestas, tanto surdos quanto ouvintes participam, quer sejam membros ou não, familiares ou não dos surdos. Com certeza tal modelo é positivo e deve ser mantido e copiado.

Com suas atividades estabelecidas, tanto ouvintes quanto surdos passam a ser atendidos e recebidos. Uma estrutura é formada em conjunto com o seu pastor e demais lideranças. Participam destas atividades pessoas que se identificam com a causa dos surdos: familiares, amigos, membros da congregação ou não, a ponto de serem iguais entre si.

No momento em que as atividades vão acontecendo uma certa afinidade entre os participantes começa a se fortalecer, a ponto de uma mini-congregação se estabelecer. Isto é negativo? Julgo que não. Aqui o termo mini-congregação não tem o objetivo de apontar uma separação, mas uma identificação.

Assim como os departamentos da congregação são grupos em separado, assim também o trabalho com os surdos poderá ser um grupo em separado.

Esta separação visa única e exclusivamente uma atuação entre os que têm algo em comum. Suas programações buscam atender um fim único: o envolvimento de todos com os surdos.

O que passa a ser um desafio nesta convivência, não é o aceitar dos surdos, mas é o envolvimento das famílias e dos simpatizantes. O fato de não serem da congregação os torna, muitas vezes, somente assistentes e participantes. Diante da alegria de ter a todos entre o trabalho da congregação, o seu envolvimento é o esperado.

13.2 - Atividades em separado - entre os iguais

A partir do exemplo de Cristo, de retirar o surdo da multidão, não para mantê-lo afastado, mas para se relacionar com ele, o caminho que proponho é um caminho em que, separando o surdo dos ouvintes, se alcance resultado ainda melhores dos que se tem em momentos conjunto.

Esta atitude de separar não é impedir que o ouvinte participe com o surdo, nem barrar a participação do surdo entre os ouvintes. É algo a mais. É consequência da atividade que se iniciou com os surdos e que agora deve ser ainda melhor conduzida.

Neste sentido, não posso conceber e nem imaginar uma atividade com os surdos, ficando somente na tradução dos cultos e dos momentos de adoração que a congregação ouvinte realiza. Dever-se-ia ter atividades fora dos cultos e dos momentos de adoração. Isto é indispensável.

Não é impossível a convivência de um surdo numa congregação. Ele pode ser muito feliz ali. Porém, algo estará lhe faltando. Um amigo que saiba como ele a língua de sinais,

de alguém que possa trocar experiências, possa falar sobre a fé e a vida. A falta de um igual.

Mesmo junto aos ouvintes, o surdo pode se sentir sozinho. Mesmo se comunicando, pode não estar entendendo ou compreendendo tudo. Oates bem coloca a situação concreta do surdo, quando escreve:

Para o deficiente auditivo, é difícil entender perfeitamente o que os ouvintes dizem. Mesmo com surdos bem oralizados este problema continua durante suas vidas. Sempre existirá uma diferença entre o surdo oralizado e o ouvinte e a "integração" que todos desejam é relativa.²²⁰

Por isso, o trabalho com os surdos deve oferecer momentos em que os iguais possam se sentir unidos e possam se encontrar.

No momento em que tenho um número expressivo de surdos na congregação, é no mínimo razoável pensar que estes irão se aproximar mais entre si do que com os ouvintes. Por quê? Porque o que colocamos sobre sentir-se feliz com relação aos ouvintes quando se encontram, o mesmo acontece com os surdos. Isto não poderia ser diferente. Oates continua escrevendo:

Outro problema do surdo é a dificuldade de expressar adequadamente seus próprios pensamentos e sentimentos. Por isso, se diz que a comunicação é o maior problema dos surdos. ... Para a maioria dos surdos é grande alegria sair do seu mundo de silêncio por uns minutos e comunicar-se por meio de sinais com alguém que os entende, respeita e ama.²²¹

É diante destas dificuldades que se mantêm no relacionamento de surdos e ouvintes que aponto uma direção nova a ser seguida. A de oferecer aos surdos o seu espaço, o seu momento, enfim, a oportunidade de o surdo "ser" alguém na congregação, de viver enquanto comunidade e cultura surda, mesmo em meio aos ouvintes.

Perlin fala da cultura como uma ferramenta de mudança e uma estratégia de sobrevivência. Uma vez que a congregação

²²⁰ Eugênio OATES, *O surdo começou a falar*, p. 54.

²²¹ Eugênio OATES, *O surdo começou a falar*, p. 54.

ouvinte aceitar a cultura surda ela permitirá sua expressão na congregação e os surdos ali permanecerão.

Os surdos deveriam ter os seus momentos específicos dentro da congregação: reuniões, encontros, passeios, cultos, estudos, jantas. São nestes momentos que os iguais - surdos - interagindo entre si, alcançam maior proveito ao absorverem o que acontece naqueles instantes. Estes momentos são bem mais proveitosos e eficazes, porque ali todos se utilizam do mesmo meio de comunicação: a língua de sinais.

Rynearson escreve:

Comunicação é meramente um canal pelo qual queremos partilhar Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador. Para alcançar tal objetivo, devemos encontrar a pessoa não onde estamos ou onde pensamos que ela deveria estar, mas exatamente onde a pessoa está neste momento em seus ou em suas habilidades de comunicação.²²²

Quando uma congregação pretende trabalhar com os surdos precisará, necessariamente ir ao encontro donde estão e usar a comunicação que eles usam. Rodney propõe a congregação ir ao encontro dos surdos quanto a suas habilidades de comunicação.

Normalmente, quando uma congregação quer trabalhar com os surdos, quer colocá-los simplesmente em seu meio. Quer que eles se moldem aos seus gostos, inclusive musicais. Quer que assimilem e participem do louvor que é usado, pois este é o costume ou padrão da congregação.

Este pode ser um grande engano. O surdo não pode estar ali onde o ouvinte quer que ele esteja. Nem sempre gosta de fazer o que o ouvinte faz. O surdo deve ser alcançado em sua forma de comunicação, permitindo que esta seja mantida quando integrado na congregação. Isto significa permitir que possa viver como comunidade cultural e grupo de iguais entre a congregação.

²²² Rodney R. RYNEARSON, *The implication for Ministry of Changes in Deaf Education*. p. 91. "Communication is merely a channel in which we would share Jesus Christ as our Lord and Savior. To attain the goal of sharing, we ought to meet the person not where we are or where we think the person should be, but exactly where the person is at this moment in his or her communication abilities"

O que Perlin escreve, enquanto surda, auxilia a entender esta questão, quando cita Hall (1997, p.20): "a cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo"²²³. Ao citá-lo ela escreve:

Então a cultura é agora uma das ferramentas de mudança, de percepção de forma nova, não mais de homogeneidade, mas de vida social, constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender, de explicar.²²⁴

A partir do que Gladis escreve, podemos justificar que são necessárias atividades em separado com os surdos. Culto, reunião, esporte e estudo somente com surdos pode ser elaborado a partir do seu jeito, mantendo os seus hábitos, sua cultura, e inclusive a sua comunicação.

O surdo pode formar a sua diretoria, pode assumir responsabilidades, planejar atividades, ter o seu momento específico, avaliar e decidir por estes. Isto não significa que somente surdos participem, mas também os seus familiares e simpatizantes. Basta saber a LIBRAS para entender.

13.2.1 - Reunião de jovens

É nas reuniões entre os surdos que eles podem trocar idéias, comentar o que querem, expressar seus interesses e vontades, planejar suas atividades. Nestas reuniões, eles têm a oportunidade de agir conforme o seu jeito. Já numa reunião em que os jovens ouvintes lideram, o tocar do violão, as músicas de rádio e cd, as conversas com suas gírias, tudo isto não faz parte da vida do surdo.

13.2.2 - Passeios e retiros

Os passeios e retiros não fundamentais para o entrosamento do grupo. Oferecem a mesma possibilidade de atender surdos e ouvintes em momentos juntos e separados. O aproveitamento de um grupo de surdos, quando discutem entre si um tema, tem

²²³ Gladis Teresinha PERLIN, *O lugar da cultura surda*, p. 76.

²²⁴ Gladis Teresinha PERLIN, *O lugar da cultura surda*, p. 76.

apresentado respostas muito maiores do que quando feito conjuntamente com os ouvintes. Os surdos saem juntos, brincam, aprendem juntos, dormem juntos e tudo sem a dificuldade de comunicação. Estão entre os iguais. As atividades tanto de estudo quanto recreativas se dão da forma como lhes convêm. Os desafios artísticos, as gincanas, o entrosamento.

13.2.3 - O ensino confirmatório

O ensino confirmatório, a catequese, é uma oportunidade muito bonita de aproximação e convívio entre os jovens surdos. As barreiras que se apresentariam numa turma de surdos e ouvintes no ensino confirmatório, são derrubadas quando os surdos se encontram de forma específica. A linguagem, os recursos, as abordagens são diferentes. O conteúdo é o mesmo. A duração do curso é o mesmo. Porém, a liberdade que se tem de atuar com o grupo quando homogêneo em sua forma de comunicação é bem maior e apropriada. O resultado que é alcançado é incomparável quando é possível uma atenção individualizada e particular num grupo específico.

Visto a comunicação ser visual, o concreto e o símbolo adquirem significado ainda maior. Lembro do último Culto de Confirmação, em que uma cruz foi entregue aos surdos confirmandos. No momento em que foi colocada a cruz, como colar, todos ao verem a cruz se demonstravam emocionados, alguns iam às lágrimas e soluços, literalmente.

13.2.4 - Esportes

É sempre uma possibilidade de unir surdos e ouvintes. Porém, quando os surdos, entre si, praticam algum esporte, é inquestionável que irão se entender mais entre si do que se estivessem entre os ouvintes. A atenção ao colega que correu e pediu a bola, um gesto rápido como pedido. O grito faz parte do esporte. Pelo "gritar", buscam "chamar" o outro. Sabendo que pode ser sentido pelo outro, cada um grita o mais alto e

forte possível. O que acontece entre os ouvintes, também acontece entre eles, porém ao seu jeito e forma, na LIBRAS.

Toda atividade com os surdos, vai necessariamente acarretar participação de ouvintes. Quer seja o pai, a mãe, um irmão, uma irmã, um primo, uma tia... Por isso, a congregação deve oferecer oportunidades conjuntas. Não é possível que, por serem ouvintes, não possam participar na congregação dos cultos, dos estudos, dos encontros. Se assim fosse, a atividade com os surdos estaria agindo de forma excludente e fazendo o que ela própria não admite sofrer dos ouvintes.

14.0 - O CULTO EM LIBRAS

Uma atividade que destaco como um belo caminho no trabalho com os surdos é a realização de cultos em LIBRAS. Estes cultos são, ao meu ver, a atividade destaque dentro da idéia de separar o surdo do ouvinte para melhor atendê-lo, a exemplo de Jesus.

É possível notar que, muitas vezes, os surdos usam uma "comunicação relâmpago" - dizem coisas resumidamente. Isto também acontece entre os ouvintes. Certas palavras e frases necessitam, quando traduzidas, ser explicadas de forma mais detalhada, para ser melhor compreendidas. Isto acarreta maior gasto de tempo. No entanto, outras palavras podem ser traduzidas, até mesmo, resumidamente. Isto porque "não se precisa fazer um sinal para cada palavra falada pela voz. Geralmente preposições e conjunções são omitidas mas podem ser usadas"²²⁵.

Assim sendo, a comunicação para surdos e ouvintes implica uma questão de tempo e não de capacidade cognitiva. Quando surdo e ouvinte estiverem separados, o problema não ocorre. A comunicação flui perfeitamente bem. Por isso, culto em LIBRAS

²²⁵ Eugênio OATES, *O surdo começou a falar*, p. 56.

atende uma necessidade primordial do surdo e dá maior liberdade de atuação para o pastor.

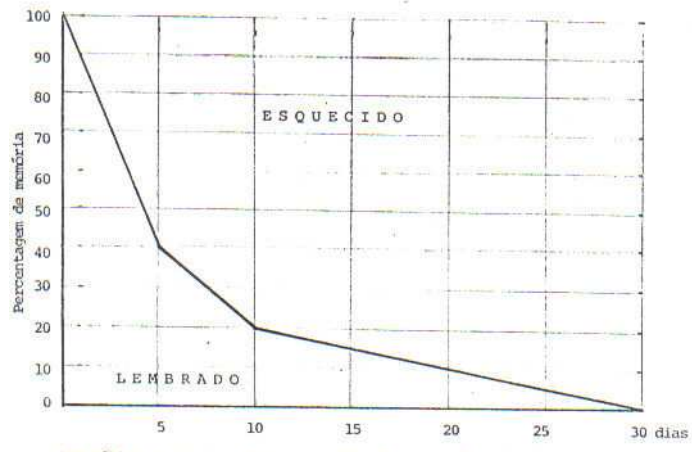
O culto em LIBRAS também favorece ao pastor, ao jeito do surdo, de interagir com o surdo até mesmo nas questões mais detalhadas e óbvias. A julgar pelo ouvinte, às vezes muito infantilizado. Para os ouvintes muitas palavras não precisam ser explicadas, mas para os surdos precisam. Muitos nomes são conhecidos, para os surdos não. Muitas histórias são lembradas, para os surdos não. O motivo não é cognitivo, mas referencial e de conhecimento. Os surdos não tiveram esta referência em suas vidas, anteriormente. Tudo é novo.

Estes cultos são realizados sem música; com uma liturgia mais "enxuta"; com leituras bíblicas explicadas; com a prédica de interação com os surdos, com muita ilustração e uso de recursos audiovisuais.

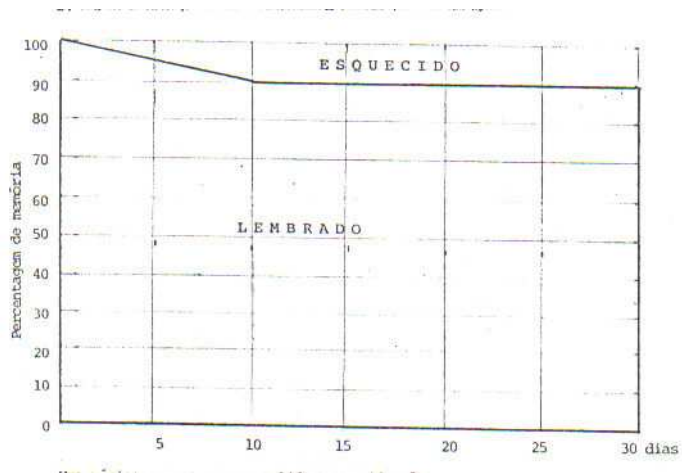
A atenção e concentração visual que os surdos devem ter é infinitamente maior do que no caso dos ouvintes. Imaginem o quanto o surdo deve se manter concentrado, com os olhos fitos no pastor ou no intérprete, para acompanhar um culto? Todo o instante, ao contrário do ouvinte. Por isso, deve-se buscar uma comunicação mais objetiva e mais curta, não tão demorada.

Num informativo interno da Escola de Música Tio Zequinha, em Porto Alegre, denominado Informativo Suzuki, foi apresentado um gráfico ressaltando a importância da repetição. Seguem os gráficos com os seus significados.

A importância da repetição no processo de memorização. Os quadros abaixo ilustram estes aspectos do mecanismo de memória, e são baseados em pesquisa do prof. Hermann Ebbinghaus.



Uma música ou mensagem lida ou ouvida só uma vez é 66% esquecida no espaço de 24 horas e praticamente totalmente esquecida em um mês.



Uma música ou uma mensagem lida ou ouvida várias vezes por dia, durante 8 dias, é virtualmente memorizada; ao final de 30 dias a memória retém ainda 90% da mensagem.

Os surdos têm uma vantagem com relação aos ouvintes, quando bem trabalhada esta questão visual. Desenvolvem muito mais a visão e se tornam mais perspicazes do que os ouvintes, poderia-se dizer. Estes dados são, sem dúvida, uma ótima dica para ao trabalho com os surdos.

Daí, pode-se dizer que um culto em que seja usado o visual, quer para a liturgia, quer para a prédica, o ganho é muito maior. Isto também no culto em que surdo e ouvinte estão juntos, porém no culto em LIBRAS, o explorar do visual pode se

dar se forma infinitamente mais aprofundada. O seu manuseio se faz de forma repetida. O que para os ouvintes se faz de forma falada, para os surdos se faz de forma visual.

Uma enquete²²⁶ entre diversos surdos foi realizada, buscando saber qual a opinião que tinham sobre as atividades conjuntas e separadas. A enquete continha treze perguntas objetivas. Trinta e quatro surdos a responderam. Destaco três perguntas, com as respostas ao lado das opções:

5) Você acha importante ter cultos junto com ouvintes?

() sim - 21 () não - 6 () tanto faz - 6

7) Você acha importante os cultos somente em LIBRAS?

() sim - 26 () não - 1 () tanto faz - 6

8) O que você prefere (mais gosta)?

() culto somente em LIBRAS - 27

() culto junto com ouvintes - 6

A enquete, mesmo não tendo objetivo científico ou estatístico, pode nos revelar o gosto por ambas as formas de culto, o que se torna uma ótima indicação para o trabalho com os surdos. Optar por uma forma somente seria, de certa forma, impor uma cultura predominante, dos ouvintes. Seguir por um caminho em que há a prática somente do culto em LIBRAS ou de atividades em separado com os ouvintes se demonstra uma atitude exclusiva, negativa e discriminatória também.

15.0 - CONCLUSÃO

Por que uma congregação de ouvintes se mostra tão feliz quando está reunida? Porque estão entre os seus. Estão entre conhecidos, entre amigos e irmãos, entre os que freqüentam a congregação ou a mesma Igreja, em fim, entre os iguais. Estão entre os que falam a mesma língua e confessam a mesma fé.

²²⁶ O questionário e as respostas estão em anexo.

Estão entre os que podem trocar experiências e compartilhar vivência. Estão entre os que se identificam.

Esta mesma felicidade pode ser compartilhada entre surdos e ouvintes. E isto não somente num momento ou noutro. Mas, nas atividades que a congregação pode proporcionar aos surdos quando os quer em seu meio. Fazendo-se amigo, conhecido e igual no uso da língua de sinais, ambos podem conviver entre si e simultaneamente usar os espaços e participar das atividades.

Porém, pensando em oferecer ao surdo oportunidades ainda melhores para aprendizado e convivência entre eles, é de grande importância a realização de atividades em separado, proporcionando, assim, aos surdos aquilo que os ouvintes têm a cada dia, o encontro entre os iguais.

À Igreja, cabe pensar, elaborar e providenciar os recursos necessários para que aconteça a verdadeira diaconia no trabalho com os surdos. E ela não é impossível. Ela não é difícil. Ela é uma questão de querer e de realizar as atividades necessárias e pensadas. Que neste querer e realizar, a diaconia de Deus seja a motivação, e a alegria dos surdos, sua dignidade e sua participação seja uma realidade.

CONCLUSÃO

Concluir este trabalho não significa encerrar uma pesquisa nem dar por encerrado o assunto. Isto porque o trabalho objetivou levantar a discussão do tema da deficiência, e, especificamente, questões práticas de como trabalhar com o surdo na Igreja.

Após a apresentação de questões pertinentes à deficiência, história, cultura e comunidade surda, bem como uma reflexão teológica sobre a vontade de Deus para o trabalho da Igreja com os surdos, e apresentado uma avaliação prática a partir de um modelo existente e caminhos para ação de uma congregação cristã, concluo que:

- no amor ágape de Deus pelo homem, a Igreja não pode desprezar nem menosprezar a pessoa surda, sua cultura, sua comunidade, muito menos deixar de usar a língua de sinais como meio de comunicação com o surdo;

- na certeza de que os surdos também são alvo de Deus no amor salvador em Cristo que disse "Ide fazei discípulos", e de que estão entre as pessoas "de todas as nações" a Igreja não pode deixar de se preocupar com os surdos quanto ao seu ensino e aprendizagem do Evangelho salvador;

- os surdos são amados por Deus e devem conhecer este amor e vontade de Deus; nisto, a Igreja é um instrumento importantíssimo na diaconia de Deus;

- no exercício da diaconia da Igreja, ela levará a Palavra e a ajuda social ao surdo a fim de oferecer-lhe uma vida mais digna e respeitosa na sociedade em que vive, apontando a vida plena na eternidade com Deus;

- em Jesus a Igreja tem o seu modelo de ação, pois nele encontrará as ferramentas necessárias para responder as questões de Paulo, as quais dirijo para aos surdos: "Como invocarão aquele em quem não creram E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?" (Rm 10.14,15 - ARA).

Assim, concluo apontando à possibilidade de trabalho com os surdos de forma conjunta com os ouvintes e a necessidade de a Igreja se voltar a este trabalho de forma mais organizada.

No entanto, ao retomar as perguntas sobre como trabalhar, bem como a pergunta mais angustiante sobre se os surdos devem ou não ser separados dos ouvintes na Igreja, concluo que:

- o trabalho com os surdos não deve ter um caráter de exclusão nem de formação de gueto numa congregação;

- o trabalho com os surdos numa congregação deve ser uma atividade que busque atender as necessidades individuais da pessoa surda, oferecendo-lhe a possibilidade de compreensão e de comunicação pela língua de sinais - LIBRAS, no Brasil;

- a congregação ouvinte deverá ser preparada, organizada, avisada, bem como conscientizada sobre as formas de como receber o surdo em meio aos cultos e demais atividades conjuntas.

A inclusão do surdo na congregação ouvinte se dará no momento em que ela aprender a língua de sinais e oferecer

condições ao surdo de ter a língua de sinais em cada momento ou em cada atividade realizada pela congregação.

No entanto, seguindo o exemplo de Jesus, a fim de melhor atender os surdos, uma congregação com um expressivo número de surdos em seu meio irá proporcionar-lhes oportunidades de encontro entre si, atendendo assim a necessidade do convívio entre os iguais.

Esta separação se dará em momentos especiais, nos quais se objetivará alcançar integração entre os surdos, a convivência deles enquanto comunidade, a identificação cultural e a melhor comunicação e compreensão do evangelho.

Assim sendo, a uma congregação de ouvintes que quer trabalhar com os surdos caberá aceitá-los em suas atividades, de forma atenciosa e respeitosa enquanto pessoas dignas, bem como zelar pelas atividades em separado a fim de que tenham as suas necessidades e anseios atendidos. Isto realmente refletirá e caracterizará o viver como Corpo de Cristo, em que cada membro tem a sua função, característica, não deixando de sentir o que o outro sente nem de participar com o outro naquilo que ele participa.

As palavras de Ahls, enquanto presidente da ILDA - International Lutheran Deaf Association - descrevem bem a necessidade de atender os surdos de forma separada em alguns momentos: "Creio que a razão para estabelecer ministérios separados entre as pessoas surdas ainda é válida hoje... Ainda estamos crescendo. Isto prova que ter congregações de surdos separadas é bom"²²⁷. Assim continua a dizer: "Qual é o problema com eles? Comunicação. Comunicação"²²⁸.

²²⁷ Lester AHLs, *A personal perspective on Ministry to the Deaf*, p. 121. "I believe that the reason for the establishment of separate ministries among the deaf people is still valid today... We are still growing. This is proof that having separate deaf congregations is good".

²²⁸ Lester AHLs, *A personal perspective on Ministry to the Deaf*, p. 122. "What is the matter with them? Communication. Communication."

A Igreja se habilitará para esta comunicação no momento em que entender a sua tarefa diaconal a partir da diaconia de Deus, que se fez tudo para com todos. Assim a Igreja não irá impor a sua comunicação, mas buscará aprender a comunicação dos surdos para que através dela se comunique com quem não pode ouvir a voz do homem, mas poderá em seu coração "ouvir a voz de Deus" pelos seus olhos.

Que este trabalho possa ser um incentivo à Igreja para o início de mais atividades práticas com os surdos e cada vez melhor pensadas, planejadas e organizadas.

BIBLIOGRAFIA

- AHLS, Lester. *A personal perspective on ministry to the deaf*. In: FANGMEIER, Ruth. "MOSES, MY SERVANT, IS DEAD," and that leaves you and me. Aid Association for Lutherans. Lutheran Church-Missouri Synod, Mill Neck Foundation: Wisconsin, 1981. p. 121-123.
- ALTHAUS, Paul. *The Theology of Martin Luther*. Trad. Robert. C. Schulz; Fortress Press Philadelphia, 1963, p.
- ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia e PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.
- ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BECK, Nestor. *Igreja, Sociedade e Educação: estudos em torno de Lutero*. Porto Alegre: Concórdia, 1988.
- BENEDETTI, Ivone C. SOBRAL, Adail (orgs.) *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BENTZEN, Age. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1968.
- BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Nova Tradução da Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Trad. Em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

- BRUCE, F. F. *João: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- BURNIER, Vicente de Paulo Penido. *A História da Linguagem de Sinais no Brasil*. In: HOEMANN, Harry et alii. *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: Centro Educacional para Deficientes Auditivos, 1983. p. 37-40.
- CATECISMO MENOR. Com exposição de Schwahn. Concórdia Editora, 32ª edição, 1998.
- COELHO, Orquídea. (coord.) *Perscrutar e escutar a surdez*. s.l.: Edições Afrontamento, 2005.
- DELISLE, Jean e WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.
- DOBBERAHN, Frederich Erich. *Cura e Salvação na Bíblia*. Vox Scripturae 3:2 (setembro de 1993), p. 151-165.
- EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- FANGMEIER, Ruth. *"MOSES, MY SERVANT, IS DEAD," and that leaves you and me*. Aid Association for Lutherans. Lutheran Church-Missouri Synod, Mill Neck Foundation: Wisconsin, 1981.
- FERNANDES, Eulália. (org.) *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1977.
- FORELL, George W. *Fé ativa no amor*. (Trad. Geraldo Korndörfer). 2.ed. Porto Alegre: Concórdia e São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos: São Paulo : Paulus Editora, 2001.
- GARCEZ, Nydia Moreira. *E os surdos ouvirão*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- HOCH, Lothar Carlos. *Em busca de um espaço - o deficiente na igreja e na sociedade*. In: Proclamar Liberdade - Auxílios Homiléticos. Vol. XII, Sinodal: São Leopoldo, 1986. p. 34-44.

- HOEMANN, Harry et alii. *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: Centro Educacional para Deficientes Auditivos, 1983.
- JORNAL DA FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. Rio de Janeiro, n.7, abril, 1996.
- KARNOPP, Lodenir Becker. *Diálogos traduzidos: leitura e escrita em comunidades de surdos*. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org). *Cultura, poder e educação*. Canoas: ULBRA, 2005. p. 225-240.
- KELMAN, Celeste Azulay. *Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias*. In: FERNANDES, Eulália. (org.) *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.7-25.
- KILPP, Nelson. *Deficientes físicos no Antigo Testamento*. In: *Estudos Bíblicos*, n.27. Os marginalizados. Vozes: 1990. p. 38-46
- KLEIN, Madalena. *Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador*. In: SKLIAR, Carlos (org.) *A surdez; um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p.75-94
- KLEIN, Madalena. *Cultura surda e inclusão no mercado de trabalho*. IN: THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini. (org.) *A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 83-99.
- KOEHLER, Edward W. A. *Sumário da Doutrina Cristã*. Trad. Arnaldo Schüler. 3.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2002.
- KRAUS, George. *The Biblical Incentive for Deaf Mission*. In: *Moses, My Servant, Is Dead, and That Leaves You and Me. Proceedings of the Convocation on Deaf Ministry*. St. Louis: Board for Mission Services, 1983. p.81-86.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de e GOÉS, Maria Cecília Rafael de. (org.) *Surdez: processos Educativos e Subjetividade*. São Paulo: LOVISE, 2000.
- LANE, Harlan. *A Máscara da Benevolência: A comunidade surda amordaçada*. Trad. Cristina Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LANGE, John Peter. *Lange's commentary on the Holy Scriptures: Mark-Luke*. Michigan: Zondervan Publishing House, s.d.
- LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença*. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

- LENSKI, R.C.H. *The Interpretation of St. Mark's Gospel*. Mineapolis, Augsburg Publishing House, 1964.
- LENSKI, R.C.H. *The Interpretation of St. John's Gospel*. Mineapolis, Augsburg Publishing House, 1964.
- LOGIA, A journal of Lutheran theology. Sin, sickness & Salvatio - Seelsorge. v.X, n.2, 2001.
- LOUREIRO, Adriana Maria Vieira. *Um lutador*. In: VERGAMINI, Sabine Antonialli Arena. (org.) *Mãos fazendo história*. Petrópolis: Arara Azul, 2003. p. 48-59.
- LULKIN, Sérgio Andrés. *O Silêncio Disciplinado: A invenção dos surdos a partir de representações ouvintes*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- LUTERO, Martinho. *Tratado sobre a liberdade cristã*. Trad. Ilson Kyser In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas. Programa da Reforma, escritos de 1520*. v. 2. 1989. p.435-460.
- MILLER, Kenneth K. *Bible history: explained and applied*. Fort Wayne, Indiana, 1996.
- MIRANDA, Wilson de Oliveira. *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. (Trad. Martinho L. Hasse). 4.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2004.
- NORDSTOKK, Kjell. (org.) *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- NORDSTOKKE, Kjell. (org.) *Diaconia: Fé em ação*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.
- OATES, Eugênio. *O surdo começou a falar*. In: HOEMANN, Harry et alii. *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: Centro Educacional para Deficientes Auditivos, 1983. p.53-66.
- PADDEN, Carol e HUMPHRIES, Tom. *Deaf in América: voice from a culture*. London, England: Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, 1988.
- PERLIN, Gladis T. T. *Identidades surdas*. In: SKLIAR, Carlos (org.) *A surdez; um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-74.
- QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de Língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de apoio à educação de surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

- RAMOS, Clélia Regina. *LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros*. Disponível na Internet. www.editora-arara-azul.com.br 22 abril 2006.
- RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. *História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- RAYMANN, Beatriz C. Warth. E WARTH, Naomi H. *Aplicações educacionais para a linguagem de sinais*. In: HOEMANN, Harry W. et all. *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: Centro Educacional para Deficientes Auditivos, 1983. p. 93-100.
- RYNEARSON, Rodney. *The implications for ministry of changes in deaf education*. In: FANGMEIER, Ruth. "MOSES, MY SERVANT, IS DEAD," and that leaves you and me. Aid Association for Lutherans. Lutheran Church-Missouri Synod, Mill Neck Foundation: Wisconsin, 1981. p. 87-91.
- RIETH, Bruno F. *Diaconia. Departamento de Assistência Social*. IELB. 1985, p. 38.
- ROSSOW, Francis C. *Preaching the creative gospel creatively*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1983.
- SÁ, Karina Ferreira de. *...A menina que virou moça e encontrou sua identidade surda*. In: VERGAMINI, Sabine Antonialli Arena. (org.) *Mãos fazendo história*. Petrópolis: Arara Azul, 2003. p. 32-47.
- SÁ, Karina Ferreira de. *Tempos Modernos*. In: VERGAMINI, Sabine Antonialli Arena. (org.) *Mãos fazendo história*. Petrópolis: Arara Azul, 2003. p. 92-101.
- SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Trad. Laura Teixeira Motta. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAMPLEY, DeAnn. *A guide to deaf ministry*. Michigan: Zondervan Publishing House, 1990.
- SCHOESSOW, David G. *Sin, Sickness, and Salvation from Nazareth to Lake Wobegone*. In: Revista Logia - A Journal of Lutheran Theology. Vol. X, N° 2, Chicago: American Theological Library Association, 2001. p. 5-12.
- SEIBERT, Erni (coord.) *A Missão de Deus diante de um Novo Milênio*. Porto Alegre: Concórdia Editora, 2000.
- SILVA, Otto Marques da. *A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na História do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo: Sociedade Beneficente São Camilo, 1987.

- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (org.) *Cultura, Poder e Educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: ULBRA, 2005.
- SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- SKLIAR, Carlos (org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- STRNADOVÁ, Vera. *Como é ser surdo*. Petrópolis: Babel, 2000.
- THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini. (org.) *A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- THOMPSON, Kenneth. *Estudos culturais e educação no mundo contemporâneo*. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: ULBRA, 2005. p.15-38.
- VERGAMINI, Sabine Antonialli Arena. (org.) *Mãos fazendo história*. Petrópolis: Arara Azul, 2003.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Incluir para Excluir*. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença*. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 105-118.
- WALBER, Vera Beatriz. *A Deficiência na História*. Texto avulso, obtido como material de aula, na disciplina de Diaconia. IEPG, 2004.
- WARTH, Martim C. e WARTH, Naomi H. *A "comunicação total" na religião*. In: HOEMANN, Harry W. et all. *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: Centro Educacional para Deficientes Auditivos, 1983. p. 75-80.
- WARTH, Naomi. *Eles não ouvem mas podem falar*. In: Revista Mensageiro Luterano. Ano 53º, nº 10, Casa Publicadora Concórdia S.A., Porto Alegre: Outubro de 1970. p.6-7,14.
- WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus: uma interpretação da Teologia de Martinho Lutero*. Trad. Paulo Flor. Canoas: ULBRA, 2005.
- WILCOX, Sherman e WILCOX, Phyllis Perrin. *Aprender a ver: O ensino da língua de sinais americana como segunda língua (Trad. Tarcísio de Arantes Leite)*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

WRIGLEY, Owen. *The politics of deafness*. (Tradução não publicada) Washington, DC: Gallaudet University Press, 1996.

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visua_liza.php?id_noticia=438&id_pagina=1 acessado dia 28/06/2006.

<https://www.planalto.gov.br/>, sob o título Decreto Lei 5.626 de 22 de dezembro de 2005

